

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC- SP

NADIA CRISTINA VARJÃO

**REALIDADE SOCIAL E OPRESSÃO NO DISCURSO DE *VIDAS SECAS*, DE
GRACILIANO RAMOS**

MESTRADO EM LÍNGUA PORTUGUESA

**SÃO PAULO
2012**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC- SP

NADIA CRISTINA VARJÃO

**REALIDADE SOCIAL E OPRESSÃO NO DISCURSO DE *VIDAS SECAS*, DE
GRACILIANO RAMOS**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,
como exigência parcial para obtenção do título de
MESTRE em Língua Portuguesa, sob orientação do
Professor Doutor João Hilton Sayeg de Siqueira.

SÃO PAULO
2012

Banca Examinadora

Quando nasci, meu pai guardou e, pouco tempo depois, levou os restos de meu cordão umbilical para que fosse enterrado no quintal da casa de meus saudosos avós, no sertão da Bahia. O propósito era o de que eu amasse e sempre desejasse voltar àquele lugar.

Mesmo tendo nascido e crescido geograficamente distante do “sertão de minha família”, o expressivo gesto, acrescido da educação amorosa e voltada aos valores de família, tornaram-me fascinada pelos temas do sertão e sua gente.

Com gratidão e amor infinitos, dedico este trabalho a João de Deus Varjão, o meu painho.

AGRADECIMENTOS

É com profundo carinho e reconhecimento que agradeço:

A meu marido, José Genilson Alves, meu amoroso companheiro e parceiro, que sempre foi solidário e paciente em minhas ausências e se fez muito presente ao longo de todo o tempo dedicado por mim ao trabalho acadêmico;

À minha pequena, minha amada filhinha Ana Laura, que firmemente suportou todas as ausências e todas as manobras e ajustes em sua vida cotidiana cada vez que precisávamos adaptar seus horários e rotinas, por sua doçura e paciência;

Aos meus pais, João de Deus Varjão e Maria Diva Teixeira Varjão, sem os quais eu nada seria e pelos quais nutro amor incomensurável;

Aos meus amigos de uma vida toda, que não me deixaram sentir-me sozinha, especialmente à minha irmã de coração, Valéria Melo, pelo apoio de sempre e à minha amada parceira nas muitas jornadas da vida, sem a qual não teria conseguido prosseguir: à Kelly Aparecida Mendes a especial gratidão pela beleza do convívio diário e pelo despertar do amor fraternal, só possível entre os grandes amigos;

Ao amigo Angelo Alecsandro Dal Col e ao querido casal Moisés e Maria Aparecida Nascimento, pelas valorosas contribuições.

Aos meus novos amigos, em especial Wenderson Farias, Anaíza Rodrigues da Silva e Evandro Santos Reis, que me acompanharam durante todo o curso de pós-graduação, fazendo da universidade uma extensão de minha casa. Especial gratidão, admiração e carinho a Luciana Aguiar Zanardi, pela generosidade e por ser verdadeiro exemplo de ser humano;

Aos queridos professores que contribuíram imensamente em minha formação acadêmica, com especial gratidão e carinho a Leonor Lopes Fávero, Jeni Silva Turazza, Luiz Antonio Ferreira e Dino Preti;

À Professora Doutora Sueli Cristina Marquesi que, além dos ensinamentos em sala de aula, contribuiu imensamente para a consolidação deste trabalho quando em fase de qualificação, com orientações e observações que confirmam sua extrema competência e generosidade;

À CAPES, pela fundamental concessão da bolsa;

Ao Professor Doutor Gilvan Elias Pereira, pelas observações assertivas e pela generosidade na leitura de nossa pesquisa;

A meu orientador, o querido Professor Doutor João Hilton Sayeg de Siqueira, primeiramente por ter aceito orientar nosso trabalho, por sua imensa sabedoria, generosidade e inteligência - fundamentais nesses anos de elaboração da pesquisa e, finalmente, pela dócil condução de sua orientação, virtude que foi fundamental nos vários momentos de incertezas;

E, principalmente, a Deus, por sua infinita misericórdia inclusive em me proporcionar conhecer pessoas sem as quais nada disso seria possível.

Aceito as forças da natureza que guiam meus caminhos.
Expresso a vontade do grande espírito em minha jornada.
Revelo a pureza de minha alma nas trilhas de meu dia.
Me uno aos espíritos da floresta e aceito seus sábios
conselhos.

Acolho a voz de meus ancestrais e aprendo a ouvir meu
coração.

Caminho com coragem e supero minhas provações.
Confio na luz e me entrego ao amor.

Oração Xamânica

RESUMO

Essa dissertação tem como tema o estudo sobre a realidade social retratada no romance regionalista *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, marcada na história regional do sertão, e o apontamento para os indícios de opressão contra os sertanejos presentes na produção discursiva do romance. O enfoque à realidade social, apresentada por meio do relato da história das secas no Nordeste é, fundamentalmente, trazido pelos estudos de Villa (2001), seguido dos apontamentos de base historiográfica que consideram a Literatura como passível de ser fonte histórica. A seguir, elucidamos sobre o comprometimento social presente nas gerações de escritores no final do século XIX e início do século XX, com destaque ao posicionamento político de Graciliano Ramos. Tendo como base teórica a Análise Crítica do Discurso (ACD) em sua abordagem a partir de Fairclough (2001), realizamos a análise do significado das palavras que apontem para traços de opressão a partir de discursos resultantes de matrizes sociais e, adiante, analisamos a projeção do *ethos* social dos personagens partindo da perspectiva da opressão social, reveladas em nível interdiscursivo e submetida a ordens de discurso vigentes. A pesquisa nos possibilitou observar práticas sociais predominantes nos sertões brasileiros, comprovadas pelos registros históricos, e o alto grau de opressão contra o sertanejo constituído no discurso de Graciliano que, por sua vez, sempre demonstrou um compromisso em desvelar o homem de seu tempo sob o cunho das realidades desajustadas e desiguais socialmente.

Palavras-Chave: realidade social; opressão; sertanejo; discurso; ACD; *Vidas Secas*; Graciliano Ramos.

ABSTRACT

This work aims study the social reality portrayed in the regionalist novel *Vidas Secas*, by Graciliano Ramos, marked in the regional history of the backland, and pointing to the marks of oppression against backland people present in the discursive production of the novel. The focus on the social reality, presented by the report of the history of droughts in the Northeast, is fundamentally brought by Villa's studies (2001), followed by notes of historiographical basis that consider Literature as likely to be historical source. Then we elucidate the social commitment present in this generation of writers in the end of nineteenth and the beginning of twentieth centuries, highlighting the political positioning of Graciliano Ramos. Based on the theoretical Critical Discourse Analysis (CDA) in its approach from Fairclough (2001), we analyze the meanings of words that point to traces of oppression resulting from discourses of social matrices and, further, we analyzed the projection of the social *ethos* of the characters from the perspective of social oppression, revealed in interdiscursive level and submitted to existing orders of discourse. The research enabled us to observe social practices prevalent in Brazilian backlands, proven by historical records and high degree of oppression against backland people constituted in discourse Graciliano that, in turn, has always shown a commitment to uncover the man of his time under the imprint of maladjusted and socially unequal realities.

Keywords: social reality; oppression; backland man; discourse ; CDA; *Vidas Secas*; Graciliano Ramos.

SUMÁRIO

LISTA DE QUADROS.....	09
INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO I.....	19
LITERATURA COMO MISSÃO: A HISTÓRIA SE TRANSFORMA EM ARTE LITERÁRIA ..	19
1.1. A História das secas no Nordeste e a “indústria das secas”	19
1.2. Literatura como fonte histórica	34
1.2.1. História Regional	38
1.3. Escritores modernistas: por uma estética de compromisso social	41
1.3.1. Graciliano Ramos no cenário das vidas secas: literatura e engajamento.....	44
CAPÍTULO II	52
UMA LEITURA CRÍTICA DO DISCURSO LITERÁRIO: EMBASAMENTOS TEÓRICO- METODOLÓGICOS	52
2.1. Das relações entre língua e discurso, a gênese de uma leitura crítica.....	52
2.1.1. O Marxismo Ocidental	58
2.1.2. Michel Foucault	60
2.1.3. Mikhail Bakhtin	62
2.2. Teoria Social do discurso: concepção do modelo tridimensional.....	65
2.2.1. Análise textual	69
2.2.2. Análise discursiva	69
2.2.3. Análise social.....	72
2.3. Ideologia, discurso e mudança social a partir do conceito de <i>hegemonia</i>	73

CAPÍTULO III.....	77
A OPRESSÃO DO DISCURSO DE <i>VIDAS SECAS</i>: ANÁLISES	77
3.1. Significado das palavras – Matriz social do discurso	79
3.1.1. Vidas Secas e o léxico da opressão: análise	80
3.1.1.1. Comentários	164
3.2. <i>Ethos</i> social, interdiscursividade e ordens do discurso	165
3.2.1. Análise.....	166
 CONSIDERAÇÕES FINAIS	 191
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	194
ANEXOS.....	199

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Análise textual (PEDROSA, 2005).	70
Quadro 2 - Análise da prática discursiva (PEDROSA, 2005).	71
Quadro 3 - Análise da prática social (PEDROSA, 2005).	73
Quadro 4 - Capítulo <i>Mudança</i>	94
Quadro 5- Capítulo <i>Fabiano</i>	103
Quadro 6 - Capítulo <i>Cadeia</i>	116
Quadro 7 - Capítulo <i>Sinha Vitória</i>	122
Quadro 8 - Capítulo <i>O menino mais novo</i>	125
Quadro 9 - Capítulo <i>O menino mais velho</i>	129
Quadro 10 – Capítulo <i>Inverno</i>	133
Quadro 11 - Capítulo <i>Festa</i>	138
Quadro 12 - Capítulo <i>Baleia</i>	144
Quadro 13 - Capítulo <i>Contas</i>	149
Quadro 14 - Capítulo <i>O soldado amarelo</i>	153
Quadro 15 - Capítulo <i>O mundo coberto de penas</i>	156
Quadro 16 - Capítulo <i>Fuga</i>	163

INTRODUÇÃO

[...] Essa desorganização não é talvez efeito apenas da seca. Processos rotineiros na agricultura, indústria precária, exploração horrível do trabalhador rural, carência de administração, devem ter contribuído, tanto como a seca, para o atraso em que vive a quinta parte da população do Brasil.

Graciliano Ramos

Como leitores, quando em contato com o acervo do chamado “Romance Regionalista de 30”, conhecido pelo tom de denúncia social e pelo novo olhar para o regional, já sabemos estar em contato com o cunho social que as obras deste período trazem intrinsecamente.

O título *Vidas Secas*, dado ao romance de Graciliano Ramos lançado em 1938, naturalmente nos remete ao grande “problema” das secas comuns na região Nordeste do Brasil, região esta que comumente é esquecida e muitas vezes desconhecida da maioria dos brasileiros habitantes de outras regiões do país que, por causa de discursos circulantes há muito tempo, atribuem ao fenômeno da natureza - que provoca as grandes estiagens - a causa da pobreza naquelas regiões e do êxodo de milhares de nordestinos sertanejos para outras regiões do país, em especial para o Sudeste.

Uma leitura desatenta, o desconhecimento do estilo estético e do posicionamento como cidadão do autor da obra, facilmente nos levaria ao mero compadecimento diante das tragédias que vivem Fabiano, sinhá Vitória, o menino mais velho, o menino mais novo e a cadela Baleia e ao entendimento da fatalidade às quais aqueles personagens eram submetidos, atribuindo seus destinos a circunstâncias inevitáveis, pré-determinadas pelo meio.

Por outro lado, em uma leitura mais atenta, podemos notar que as principais situações de tensão, injustiça e opressão contra a família gracilianiana acontecem justamente durante o período de inverno, marcado naquele bioma pela ocorrência de chuvas. O romance inicia com a chegada e instalação da família em uma fazenda abandonada, depois de dias de caminhada, marcada pelos sinais de chuva que os sobreviventes identificavam no céu, e encerra com a saída

da família diante da nova seca iminente, fugidios da miséria e em busca de novas terras onde pudessem ter melhores condições de sobrevivência.

Essa relação simplista de determinidade climático-geográfica não considera, muitas vezes, a dimensão histórica e socialmente construída daquele povo, e nega ao homem sertanejo a condição de sujeito integrado e agente de seu meio. Tais afirmativas nos remetem às recorrentes passagens na obra que denotam uma passividade e submissão do sertanejo a tudo que lhe era imposto. Por outro lado, ao conhecermos mais de perto o momento histórico e político presente no Brasil naqueles anos e das relações que Graciliano Ramos e outros escritores tinham com suas ideologias pessoais e com suas produções artísticas, podemos desvelar o tom irônico e sutil de denúncia social, em pleno Estado getulista.

O referido Estado getulista vitimou nosso escritor com o cárcere, resultando em dez meses de reclusão e na quase seguinte tessitura de um texto de valor inestimável¹, capaz de ambiguidades e dicotomias que não negassem suas convicções declaradamente comunistas, sem o tom panfletário e excessivamente utópico de outros simpatizantes do movimento anticapitalista.

Por volta dos anos 30, surge o chamado Realismo Socialista que consistia na utilização de toda manifestação artística como forma de narrar a luta entre as classes. O Partido Comunista do Brasil, o qual Graciliano só viria a integrar em 1945 - e do qual já era simpatizante e próximo, devido às suas convicções pessoais e ao círculo social que integrava – passa a tencionar que os escritores brasileiros criassem uma literatura sem subjetivismos ou neutralidade diante dos interesses do povo.

Para nosso escritor, entretanto, uma literatura verdadeira deveria partir do subjetivo do autor, entendendo que essa “ditadura” estética tornaria seus personagens artificiais e, assim, a literatura deixaria seu caráter artístico para incorporar função pedagógica, de cunha disciplinador. Defendia a ideia de que o Realismo Socialista era uma falácia, visto que uma literatura para a massa só seria possível se escrita por alguém da massa, o que era impossível, já

¹ Graciliano escreveu e lançou *Vidas Secas* no mesmo semestre em que fora liberto da prisão.

que a classe intelectual do país era composta pela classe alta ou, quando raro, de uma classe média, da qual o próprio Graciliano era originário (MORAES, 1993, 2006).

Desta feita, podemos notar nas produções do autor a ausência do teor propagandístico de esquerda, mas a forte presença de uma visão crítica e política da época. *Vidas Secas* é vista por muitos como a obra mais madura do autor, já que aborda a temática social e política fora do viés simplesmente regional ou meramente propagandista. Nela, ficam evidentes o poder da linguagem no interior do discurso que professa, além da importância da mesma nas relações sociais entre os homens.

Quando nos atermos ao interior do enredo de *Vidas Secas*, atribuímos como pontos-chave que expressam tensão e opressão, a ocasião em que Fabiano é preso - no momento em que ia acertar as contas com o dono da fazenda e toma consciência de que estava recebendo menos do que deveria -, na festa de natal na vila, onde percebe que não conseguia adaptar-se ao seu entorno e, finalmente, no reencontro com o soldado amarelo quando, na chance de vingar-se pela injustiça de ter sido preso sem motivo, recua em atitude de subordinação e subserviência diante daquele que representa o governo. Todas essas passagens ocorrem no intervalo entre uma seca e outra, o que nos remete a um estudo mais criterioso sobre os motivos do êxodo do nordestino ao longo dos anos, e à revelação de que é o desajuste social que impede que o homem permaneça em sua terra.

Com nosso olhar enviesado, entendemos o romance como reprodução da vida de muitos sertanejos nordestinos que, acentuadamente nos séculos pregressos, foram esquecidos e vitimados por um modelo colonizador baseado no latifúndio e nas relações de poder e dominação que excluía a região nordestina em seus sertões, obrigando seus “nativos” a migrarem em busca de outras paisagens. Há de se ressaltar, entretanto, que por ser uma obra literária, embora esteja embasada nos diversos critérios que garantem sua verossimilhança, ainda se trata de uma obra fictícia.

Assim, é preciso entender a linguagem literária como investimento poético, configurado para reproduzir práticas sociais vigentes ao longo da História do Brasil, especialmente durante o período em que a obra *Vidas Secas* é escrita e lançada. A linguagem como obra artística e como

instrumento de denúncia social, se configura a serviço de um gênero literário e explana por meio de discursos e interdiscursos – conceitos apresentados a partir do segundo capítulo – interfaces históricas e mazelas sociais.

A partir dessas reflexões, formulamos nosso tema de pesquisa: um estudo sobre a realidade social apresentada no romance regionalista *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos e os indícios de opressão contra o sertanejo, inseridas no discurso da obra.

Assim sendo, nossa pesquisa está centrada na análise dos recursos linguísticos e discursivos que promovam a evidenciação de práticas sociais reveladoras da exclusão e opressão sociais, historicamente marcadas e, portanto, reveladoras de realidades sociais.

Ao considerarmos o discurso como expressão contextualizada da linguagem e das práticas sociais que compõem um determinado tempo em um determinado espaço, buscamos compreender de que modo o texto de Graciliano revela a realidade do homem sertanejo, partindo do exame e da busca da enunciação por meio das relações interdiscursivas. Consideramos as condições de produção, os processos intertextuais/discursivos na medida em que eles resgatam um processo histórico, social, ideológico e identitário ao refletir experiências dos personagens e do homem brasileiro, mobilizando conhecimentos prévios durante o ato de produção discursiva.

A respeito das relações entre língua e práticas sociais, e suas intermediações de ordem discursiva, Fairclough (2001, p. 83) acrescenta:

A forma como um texto é produzido e interpretado [...] depende da natureza da prática sociocultural que o discurso integra (incluindo a sua relação com hegemonias já existentes); a natureza da prática discursiva da produção textual molda o texto, deixando ‘vestígios’ nas suas características superficiais; por fim, a natureza da prática discursiva da interpretação textual determina a forma como serão interpretados os traços superficiais de um texto.

O percurso de nossa pesquisa busca, de maneira clara, abordar todos os aspectos citados e está distribuída em três capítulos, além desta introdução.

No primeiro capítulo, fazemos inicialmente o relato da história das secas no Nordeste desde os tempos em que há registros sobre tais ocorrências. Partindo do pressuposto de que nossa obra objeto de análise seja a representação linguística em texto literário da realidade social dos sertanejos, entendemos como crucial o relato histórico da ocorrência das secas e do tratamento dado a essa questão pelas autoridades nacionais e locais, capazes de evidenciar políticas que procuraram no máximo amenizar o sofrimento, mas que além de esbarrarem em oligarquias locais que só tencionavam a manutenção de seu poderio, eram ineficazes em longo prazo porque não proporcionavam reais condições de sobrevivência durante ou fora dos períodos de estiagens e não garantiam autonomia ao homem sertanejo.

Ainda no primeiro capítulo, justificamos nossa consideração acerca do texto literário como fonte histórica: a mudança de paradigma que lança um novo olhar sobre o regional e sobre a autenticidade de diferentes documentos capazes de serem fontes de estudos históricos denotam transformações que marcariam tanto os estudos históricos, sociológicos e antropológicos, como promoveria a aproximação de diferentes áreas do saber.

Nesse íterim, elucidamos sobre o compromisso social que marcou nossos escritores modernistas, com ênfase à chamada geração de 30 e ao nosso escritor, Graciliano Ramos, salientando seu percurso pessoal, político e social, e a maneira como enxergava e projetava sua arte.

No segundo capítulo, apresentamos a fundamentação teórica que norteia nossa pesquisa. Iniciamos com o desvelar das relações entre língua e discurso, chegando à gênese da Análise de Discurso Crítica, fundada por Fairclough e outros estudiosos de áreas afins, teoria capaz de simultaneamente entender e analisar produções escritas em sua perspectiva linguística, discursiva e social, o que vem ao encontro do viés de nosso olhar para com a obra de Graciliano.

Explanando acerca das influências de teorias sociais e linguísticas, apresentamos o modelo tridimensional de concepção do discurso para uma análise crítica do mesmo, seguida do detalhamento analítico de cada uma das partes a serem estudadas pelo analista crítico, terminando nossa seção com a apresentação dos quadros analíticos formulados por Pedrosa (2005) a partir dos postulados de Fairclough (2001).

No terceiro e último capítulo, fazemos alguns recortes da teoria de Fairclough (2001) - de acordo com os objetivos de nossa pesquisa – privilegiando uma concomitante visão a partir de ordens linguística, discursiva e social. Assim, fazemos a análise, inicialmente, das palavras no texto que configurem indícios de opressão, enquanto comentamos o significado dessas palavras em suas perspectivas discursivas e sociais.

A seguir, a análise do *ethos* social dos personagens, bem como dos sentidos interdiscursivos a partir de ordens de discurso vigentes, completam nossa leitura crítica.

Nas considerações finais, seguimos nas reflexões que nossa análise apontou, resgatando conceitos trazidos por meio dos relatos históricos que corroborem com nossos pressupostos de realidade social e opressão retratadas ao longo do romance.

CAPÍTULO I

LITERATURA COMO MISSÃO: A HISTÓRIA SE TRANSFORMA EM ARTE LITERÁRIA

*“A arma do escritor é o lápis”
Graciliano Ramos*

1.1. A história das secas no Nordeste e a “indústria das secas”

No alvorecer dos anos 1930, a economia nacional abandonava a secular cultura agroexportadora centralizada na região hoje conhecida como Nordeste ², ao passo que a região Centro-Sul do Brasil caminhava para a construção do parque industrial do país, resultando em larga urbanização e modernização.

Enquanto isso, no Nordeste - especialmente no sertão, cujas fronteiras eram exploradas e humanizadas de forma dispersa desde o início do século XVII - estabelecia-se uma complexa cultura sertaneja, chamada pelos nossos primeiros historiadores de Civilização do Couro. Tal “civilização” já começa a instituir, de maneira criativa, formas peculiares de interação com as condições ecológicas da seca (AGUIAR e BURITI, 2009).

Para entendermos o fenômeno das secas no Nordeste, é preciso conhecer as características do semiárido, especialmente do bioma Caatinga, assim definido pelo dicionário Houaiss: “vegetação típica do Nordeste brasileiro e de parte do Norte de Minas Gerais, de clima quente e seco, com arbustos espinhentos e cactáceos”.

O vocábulo *caatinga* vem do tupi: *caa* (mata) + *tinga* (branca) = mata branca. É o único bioma exclusivamente brasileiro, o que significa que grande parte do seu patrimônio biológico não pode ser encontrado em outro lugar do planeta. Este nome decorre da paisagem

² Toda a região ao norte de Minas Gerais era conhecida apenas como “Norte”. O termo “Nordeste” somente ganha força a partir do movimento Modernista, já no primeiro terço do século XX.

esbranquiçada apresentada pela vegetação durante o período seco: a maioria das plantas perde as folhas e os troncos tornam-se esbranquiçados e secos. Ocupando uma área de cerca de 850.000 km², cerca de 10% do território nacional, a caatinga engloba de forma contínua parte dos Estados do Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia (região Nordeste do Brasil) e parte do norte de Minas Gerais (região Sudeste do Brasil).

A originalidade deste bioma explica-se pela presença de um conjunto de atributos climáticos, hidrológicos e ecológicos que estão centrados no tipo de clima semiárido regional, muito quente e sazonalmente seco. Coelho (1985) aponta para os ciclos mais ou menos regulares das secas, que ocorrem, normalmente, de dois em dois anos, com menor rigor climático, e a cada treze e vinte e seis anos, com maior severidade.

Segundo Ab'Sáber (2003), trata-se da região semi-árida mais povoada do mundo, com um perfil demográfico de maior taxa de fertilidade humana das Américas. Assim, a região torna-se um grande pólo gerador de pobreza e vulnerabilidade, o que é maximizado nos períodos de secas prolongadas, inclusive pela habitação em locais variados e esparsos. Diante de tais cenários, culturas híbridas surgem da formação pluriétnica e dos meios de relação com o ambiente que os homens do sertão estabelecem, possibilitando uma convivência criativa com seu meio, não fosse a péssima estrutura social instituída em seu entorno.

Voltando aos albores dos anos 30 do século passado, época em que a seca era considerada a grande causadora de todos os problemas da sociedade sertaneja, já que resultava na não produção agrícola, na ausência de pasto para o gado, seguida possivelmente da morte dos animais, e sem que houvesse uma adequada estrutura para o enfrentamento daquela variação climática, muitos sertanejos iniciam o flagelo da fome e da miséria extremas, optando, inúmeras vezes, pelo êxodo rural ao migrar para as grandes cidades, em busca da sobrevivência.

Diante de tal situação, as administrações governamentais locais agiam apenas com medidas paliativas. Rocha Neto (2008) destaca que a criação de vários órgãos regionais e diversas ações do governo instituídos em vários períodos ao longo da História do Brasil, não

foram eficientes a ponto de encontrar uma solução definitiva para tamanho desajuste de cunho ambiental e consequência social.

Muitos eram os conflitos por terra e água ao longo da História do sertão, tornando vaqueiros, agricultores e até mesmo alguns pequenos proprietários, despreparados para sobreviver em períodos de longa estiagem, alvos do uso político da situação. Juntos, formavam uma cadeia em que grandes exploradores se utilizavam de exploradores intermediários que, por seu turno, exploravam pequenos agricultores e vaqueiros, mantendo uma engrenagem de explorações que sustentava o poder de poucos.

Importante pesquisador da história das secas no Nordeste é Marco Antonio Villa que em sua obra *Vida e Morte no Sertão: história das secas do Nordeste nos séculos XIX e XX* traz um original e instigante relato das secas, construindo uma abordagem histórica que expõe as chagas e a indiferença da sociedade e do Estado brasileiro diante das mazelas sociais marcadas por demonstrações de negligência, incúria, violência, corrupção, manipulação e clientelismo.

. Diante da importância da obra de Villa (2001), faremos nosso relato a partir da observação, em perspectiva temporal extensa de quase duzentos anos, da ação "reparadora" do Estado brasileiro nos momentos de seca.

Há notícias acerca das dificuldades de sobrevivência nos sertões em decorrência de períodos de longas estiagens desde o século XVI, ano de 1552, três anos após a chegada do primeiro governador geral Tomé de Souza, de acordo com o registro do padre jesuíta Antônio Pires. Outro padre da mesma congregação, Fernão Cardim, descreve uma expressiva estiagem no ano de 1583 na província de Pernambuco, relatando que cerca de cinco mil índios foram socorrer-se junto aos moradores litorâneos.

Já no século XVII, especialmente durante o período de ocupação holandesa, época em que os domínios portugueses estenderam-se muito além das faixas litorâneas e houve uma maior ocupação dos sertões, temos as descrições de Capistrano de Abreu (1976, p. 126-127) acerca das dificuldades na região:

Os primeiros ocupadores do sertão passaram a vida bem apertada; não eram donos das sesmarias, mas escravos ou prepostos. Carne e leite havia em abundância, mas isto apenas. A farinha, único alimento em que o povo tem confiança, faltou-lhes a princípio por julgarem imprópria a terra à plantação da mandioca, não por defeito do solo, mas pela falta de chuva durante a maior parte do ano. O milho, a não ser verde, afugentava pelo penoso do preparo naqueles distritos estranhos ao uso do monjolo³. As frutas mais silvestres, as qualidades de mel menos saborosas eram devoradas com avidez.

No decorrer deste referido século, temos seis grandes secas, a saber: 1603, 1605-1607, 1614, 1645, 1652 e 1692. No século XVIII, os anos com maiores secas foram 1710-1711, 1721, 1723-1727, 1736-1737, 1745-1746, 1777-1778 e 1791-1793. Nestes anos, os efeitos foram ainda mais devastadores do que o das secas do século anterior, devido ao crescimento da população ligada às atividades agropecuárias. Tais efeitos eram acentuados pelas dificuldades de comunicação e pela pouca representatividade econômica do sertão no interior da economia colonial, o que provocava certo isolamento do domínio colonial português e fundava uma sociedade com peculiaridades em relação àquela do litoral.

Na mesma proporção em que ocorria a expansão demográfica daquela região, ocorriam também os prejuízos decorrentes das periódicas secas: a de 1777, por exemplo, resultou na perda do mercado consumidor pecuarista para a província do Rio Grande do Sul.

Nos anos de 1791-1793 provavelmente prevaleceu a maior das secas do século XVIII, atingindo Ceará, Pernambuco, Bahia, Sergipe, Alagoas, Rio Grande do Norte, Paraíba e até o Piauí. Há relatos a esse respeito que mencionam estradas cheias de cadáveres de famílias inteiras mortas de sede e fome, com seus corpos recobertos de poeira; os interiores ficaram desérticos, abandonados pela população que ora era dizimada por doenças diversas, ora emigrava em busca de sobrevivência (VILLA, 2000).

Vale ressaltar que durante o período colonial nenhuma ação política foi tomada a fim de minimizar os efeitos das secas. Constam em alguns documentos o desejo de importar camelos para o interior do Nordeste a fim de solucionar questões relativas ao transporte, já que se acreditava na grande resistência desses animais, supostamente capazes de levar suprimentos às

³ Máquina tradicional movida à água, destinada ao beneficiamento principalmente de arroz e milho.

regiões mais isoladas. Essas intenções constam do final do século XVIII, o que não se concretizou, conforme relato de Villa (*op. cit.*, p. 25):

A importação de camelos como solução para os problemas de transporte acabou caindo no esquecimento. Mesmo com a tragédia da seca de 1845, ninguém retomou a proposta. Somente na segunda metade dos anos de 1850 a ideia foi reapresentada, em um momento de grande interesse dos cientistas europeus pela África, Ásia e pela América Latina – são os anos dourados do imperialismo. No Brasil, após a consolidação do regime monárquico, com as derrotas dos movimentos democrático-liberais-federalistas, o governo central intensificou a construção do Estado nacional. O interior do país ainda era desconhecido, mesmo o Nordeste, ocupado pelos portugueses desde o século XVI.

Já no século XIX, os registros históricos sobre as secas são maiores: Garcia (1984 *apud* ROCHA NETO, 2008) destaca os registros de estiagens nos anos de 1804, 1808-1809, 1814, 1824-1825, 1829-1830, 1833, 1844-1845, 1870, 1876-1878, 1888-1889 e 1898.

Destacando estiagens de maior relevância para a compreensão deste período histórico, abordemos inicialmente aquela ocorrida durante os movimentos pré e pós Independência, nos anos de 1824-1825. Nestes anos, o sertão nordestino sofria deveras com todas as consequências “comuns” às estiagens, mas houve o agravo desta situação com epidemias diversas, com destaque à varíola, que matou muitos sertanejos; o banditismo espalhava-se pela região; revoltas eram muitas, inclusive devido ao recrutamento forçado ocorrido na Província do Ceará para a Guerra da Cisplatina, na luta do governo imperial para a consolidação da Independência⁴.

Tardiamente, já durante o período regencial, o poder central brasileiro aprova o envio de verbas para o enfrentamento das secas. Em 1833, o ministro do Império autoriza a abertura de fontes artesianas no Ceará, na Paraíba e em Pernambuco.

Nos anos de 1844-1845, novamente uma grande seca se faz presente nos sertões. Nesta época, alguns políticos regionais já possuíam alguma notoriedade em nível nacional – podemos destacar José Martiniano de Alencar, pai do escritor José de Alencar, dentre outros – o que

⁴ Alguns estudos recentes apontam para uma possível represália do governo Imperial em relação à província do Ceará pela sua insubmissão à Coroa no período da Independência, já que o recrutamento forçado produziu um “esvaziamento” naquela província. Em debates posteriores junto ao parlamento, foi dito que só restaram “virgens e viúvas” (ARAGÃO E FROTA, 1984, *apud* VILLA).

repercutia em pressão política em torno do flagelo das secas, fazendo com que o governo Imperial de D. Pedro II criasse, em 1856, uma comissão formada por cientistas brasileiros denominada *Comissão Científica de Exploração*, que foi enviada ao Ceará para o estudo do problema da seca. A comissão precisaria apresentar relatórios conclusivos e com recomendações acerca de ações efetivas a serem executadas. Villa relata que tal expedição ficou também conhecida como “Comissão do Ceará” ou ainda, em termo pejorativo, “comissão defloradora”, uma vez que parte de seus integrantes repetidas vezes foi flagrada em aventuras sexuais com prostitutas e donzelas, além da embriaguez contínua.

Como parte da ação política de intensificação, construção e conhecimento do território nacional, a comissão fazia parte do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, com o apoio direto do Imperador D. Pedro II que, inclusive, como demonstração de reafirmação de sua política de “redescobrir” o Brasil, inicia uma série de viagens pelo território nacional, a primeira já em 1859, quando visita Paraíba, Sergipe, Alagoas e Bahia, indo até a cachoeira de Paulo Afonso, na divisa entre as duas últimas províncias.

Vale ressaltar a criação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) pouco após a independência política do país, como parte de uma política de valorização da identidade nacional nos moldes das academias ilustradas européias. Nas palavras de Schwarcz (1993, p. 99):

[...] o estabelecimento carioca cumpria o papel que lhe fora reservado [...]: construir uma história da nação, recriar o passado, solidificar mitos de fundação, ordenar fatos buscando homogeneidades em personagens e eventos até então dispersos [...] para compor uma história nacional para este vasto país, carente de delimitações não só territoriais.

A comissão era organizada em cinco sessões: Botânica, dirigida por Francisco Freire Alemão, conhecido botânico brasileiro; Geológica e Mineralógica, liderada por Guilherme Schüch de Capanema, adjunto da Seção de Geologia e Mineralogia do Museu Nacional desde 1849; Zoológica, por Ferreira Lagos; Astronômica e Geográfica por Giacomo Raja Gabaglia, matemático e lente da Academia da Marinha, Etnográfica e Narrativa da viagem, liderada pelo poeta Romântico Antônio Gonçalves Dias, que era professor de História e Latim do Colégio de Pedro II.

Entre a idealização do projeto e o efetivo embarque, houve uma demora de quase dois anos, já que apenas em 26 de janeiro de 1859 a comissão partia em direção ao Ceará. As despesas foram altas no decorrer dos 28 meses de existência da comissão, que, inicialmente, contava com o já citado projeto de aclimação de dromedários importados da Argélia – aclimação esta mal sucedida, já que os 14 animais trazidos morreram poucos anos depois – e em seu término não apresentava quaisquer obras ou projetos, mesmo cinco anos após o retorno à Corte, excetuando-se apenas o trabalho de Freire Alemão, que entregara relatório de sua pesquisa. O relatório dele, entretanto, não resulta em ação efetiva por parte do governo imperial que, por seu turno, demonstrava maior interesse na manutenção do trabalho servil após a aprovação da lei Rio Branco em 1871, diminuindo a mão de obra escrava e deixando temas referentes à convivência com o fenômeno das secas de lado.

Sob o ponto de vista do conhecimento de nossa flora e fauna, com contribuições nos campos da Zoologia, Botânica e Geologia, a expedição apresentou bons resultados, mas diretamente para a temática das secas, a contribuição foi mínima. Nas palavras de Villa (*op. cit.*, p. 39), “sobre o sertão pairou a mais absoluta indiferença”.

Em 1877, a situação torna-se de extrema gravidade devido à estiagem que se iniciou no ano anterior e se estendeu até 1879, resultando na maior seca do século XIX, quando 5% da população brasileira é extinta. Para alguns historiadores, esta teria sido a pior seca em toda história do Nordeste, extinguindo a metade da população dos sertões. Os dados estimam as mortes em cerca de 500 mil pessoas, considerando apenas dados oficiais, excluindo, entretanto, milhares que morreram pelas estradas, vilarejos, fazendas, além de retirantes que viviam nas periferias das cidades maiores (VILLA, 2001).

Além das epidemias e da fome generalizada, os sertanejos sofriam com os comissários da seca, nomeados pelos governos provinciais. O cargo de chefe de abarracamento era disputado, pois controlava e distribuía alimentos e remédios. Em diferentes cidades há denúncias da imprensa local acerca do desvio de parte dos alimentos e medicamentos recebidos dos governos centrais. Muitos enriqueceram às custas do desvio da ajuda oficial e contando com a conivência das autoridades provinciais.

Devido à baixa nos estoques provocada pelos muitos desvios, os comissários faziam racionamento na entrega dos mantimentos a intervalos que variavam de dez, doze ou até vinte dias. Por consequência, muitos foram os ataques aos locais de armazenamento, provocando muitos enfrentamentos entre as guardas locais e os retirantes, tendo como saldo final muitas mortes, especialmente entre os flagelados.

As notícias dos saques e da desordem chegavam à Corte, causando preocupação. Para o então Ministro do Império, Carlos Leôncio de Carvalho, os sertanejos “tinham perdido o hábito do trabalho”, sustentando uma visão governamental sobre o ambiente sertanejo que, ora era idílica, manifestando a pura crença na “divina providência” para o enfrentamento dos longos períodos de estiagem, ora era pré-concebida, reconhecendo apenas o caos e a miséria sem, contudo, incentivar ações de planejamento e educação para que o convívio com as periódicas e previsíveis secas fosse mais brando.

Em decorrência dos impactos causados por esta seca última e por sua repercussão negativa, D. Pedro II ordenou a construção de um açude, denominado Açude do Cedro, localizado na então província do Ceará, cidade de Quixadá. Apesar de ter sido planejada ainda no período monárquico, as construções ocorreram apenas entre os anos de 1890 e 1906, já sob regime republicano.

No final do século XIX, quando iniciava o processo de decadência da civilização açucareira, houve a intensificação da cultura agropecuária baseada no regime de propriedades de grandes latifúndios, o que proporcionou o engendramento de novas relações de poder e autoridade. Tais engendramentos eram caracterizado na figura do coronel, consolidando uma sólida rede oligárquica configurada em famílias poderosas que detinham o controle político, econômico e social da região. Como forma de persuadir e sensibilizar bancadas parlamentares a fim de que concedessem maiores recursos para essa região, os administradores locais introduziram no imaginário coletivo brasileiro a concepção de que o sofrimento e a miséria ocorridos na região eram decorrentes das características puramente climáticas, sendo a seca a única protagonista na trama desses discursos instituídos (AGUIAR e BURITI, 2009).

Sabemos que a Proclamação da República no Brasil ocorreu diante do paradoxal fato de que as influências republicanas eram poucas, como um verdadeiro ato militar de imposição (FAUSTO, 2009). Apesar disto, não tardou a adaptação das elites brasileiras, consolidando o regime por meio da implantação imediata do Federalismo, velha demanda das oligarquias provinciais. Assim, os assuntos de cada Estado seriam discutidos em esfera regional, com pouca influência do poder central. Este, por sua vez, estava com sua atenção voltada ao novo eixo político brasileiro, nos Estados de São Paulo e Minas Gerais, relegando aos assuntos das secas um tratamento secundário.

Durante a República, a primeira grande seca ocorreu entre os anos de 1898 e 1900 e teve seu pedido de recursos negados por parte do governo central. Dotado de uma política que visava estabilidade fiscal e monetária, Campos Sales afirmou, em mensagem presidencial enviada em 1901, que as despesas para a construção do açude em Quixadá já dispunham grande impacto orçamentário, oferecendo, por sua vez, serviço de transporte gratuito àqueles que quisessem migrar das regiões de extrema estiagem. Na prática, isto significou uma transferência quase forçada de nordestinos a várias regiões do país e, especialmente no caso do Ceará, a migração foi para a Amazônia, que vivia grande período de exploração da borracha. Somente neste Estado, o número de emigrantes neste período chegou a 40 mil.

Ainda em sua mensagem presidencial, Campos Sales defendia como vantajosa a proposta governamental de transferência dos oriundos da seca para Estados que pudessem recebê-los e aproveitassem sua “natural” aptidão para trabalhos produtivos, o que demonstrava o desejo de despovoamento do sertão, reforçado ainda pelo escasso envio de recursos monetários para a finalidade de auxílio aos flagelados das secas.

Em dissonância dos projetos parlamentares, cujas prioridades consistiam na manutenção do funcionamento das fazendas destinadas à cultura do café, as “características naturais da seca” eram tomadas pelas elites coronelistas como eficaz argumento para a solicitação de investimentos, sem que, contudo, houvesse uma transformação das relações de poder e adequação às potencialidades daquele bioma.

O governo de Rodrigues Alves apresentava uma preocupação um pouco maior com a questão, enviando algum auxílio nos momentos mais calamitosos e criando no final de seu governo, já em 1906, a *Superintendência de Estudos e Obras Contra os Efeitos das Secas*, diante da constatação de que a simples construção de açudes não era suficiente para o enfrentamento das estiagens.

Em outubro de 1909, após a visita de Afonso Pena ao Nordeste e a grande repercussão de sua presença - que motivou os estudos e a execução de vários relatórios acerca da temática das secas - é criada a Inspetoria de Obras Contra as Secas (IOCS), já com Nilo Peçanha na presidência.

Pinto de Aguiar (1983, *apud* Villa 2001), destaca que a partir do governo de Hermes da Fonseca, pela primeira vez nas mensagens advindas do governo central fala-se em *Nordeste*, e não em secas dos Estados do Norte, o que poderia indicar uma melhor configuração regional da área e, desse modo, poderia também contribuir para dar maior nitidez ao assunto, o que não se concretizou, pois, novamente, pouca ou nenhuma ação foi efetivada.

A criação do IOCS era resultado do apoio inicial aos estudos da região, idealizada por geólogos americanos que já haviam realizado expedições ao Nordeste, e aconselhavam o aproveitamento de águas superficiais e subterrâneas por meio da construção de açudes, poços, canais de irrigação e aperfeiçoamento de técnicas agrícolas. Apesar do incentivo inicial, o governo central e os políticos nordestinos pouco fizeram, já que havia um temor entre os políticos regionais de que, caso houvesse uma alteração profunda no sertão, parte de seus interesses eleitorais poderiam não se concretizar, o que inviabilizou todo o trabalho técnico outrora realizado. Os números acerca das verbas destinadas para o órgão comprovam o descaso: em 1912, aplicou-se 1,3% do total da Receita Federal. No ano seguinte, a parcela caiu para 1,15% e em 1914 chegou a 0,9%, acrescido da redução do já insuficiente quadro de funcionários da Inspetoria (VILLA, 2001).

Não obstante sabermos que o Nordeste foi uma região com grande predomínio das práticas do conhecido coronelismo⁵, a inoperância dessas instituições governamentais confirma a existência de grandes focos de corrupção por parte das elites políticas e econômicas da região. Fausto (2009, p. 264), fala destes Estados como “verdadeiras nações de coronéis”, que possuíam inclusive forças militares próprias.

No Nordeste, assim como em outras regiões do Brasil, as oligarquias – que favoreciam e fortaleciam as práticas do coronelismo – estavam consolidadas nos Estados. Os coronéis estabeleceram organizações internas que preservavam seus privilégios e transformaram o poder público em um apêndice de interesses próprios. Na Bahia, o poder era exercido por políticos profissionais, representantes do comércio e produtores exportadores. Em Pernambuco, Alagoas, Ceará e Paraíba, o controle estatal permaneceu por vários anos com as mesmas famílias.

Aguiar e Buriti (2009, p. 182), salientam:

A finalidade do governo não consistia [...] em construir alternativas que valorizassem o potencial histórico-cultural de interação da sociedade sertaneja com o ambiente, de modo a propiciar uma convivência mais harmoniosa com o semi-árido. Pelo contrário, a ação dessas Inspetorias se limitava a políticas assistencialistas e emergenciais direcionadas verticalmente, como a construção de obras isoladas que, em geral, concentraram-se sob o poder dos grandes latifundiários que monopolizam as terras, as alternativas de trabalho e os reservatórios de água construídos em suas propriedades.

Em 1915, novamente uma grande seca assolava a região, tendo ficado marcada na memória coletiva e registrada na História e na Literatura como “a grande seca de 15”, retratada no romance de Rachel de Queiroz, “O Quinze”. A situação era desesperadora em vários daqueles Estados, resultando na migração de vários sertanejos para os litorais ou para centros de maior progresso econômico. Muitos dos sertanejos retirantes eram pequenos proprietários que venderam suas terras por valores ínfimos, pois já tinham perdido seu gado. Outros abandonaram suas casas, roçados, criações quase mortas, partindo em busca da sobrevivência. Há notícias acerca de suicídios e de pais que abandonavam filhos por não terem como alimentá-los.

⁵ Variante de uma relação sociopolítica mais geral - o clientelismo -, existente tanto no campo quanto nas cidades, em que o poder privado exerce domínio sobre o poder público, o que ocorre principalmente por meio do controle eleitoral e das trocas de favores entre os membros dos poderes.

O local onde as autoridades locais aglomeravam os recém-chegados do sertão era denominado “campo de concentração”, de onde não podiam sair sem autorização e onde permaneciam sem mínimas condições de higiene e, por consequência, tornavam-se frequentemente vítimas de doenças como varíola, sarampo e disenteria. Era nesses “campos de concentração” que, muitas vezes, sertanejos morriam sem a devida assistência dos órgãos públicos.

Destarte, esquemas de mando político e econômico locais - fortalecidos especialmente durante períodos de estiagens – somadas à falta de democratização de recursos hídricos e de propriedade, são os principais fatores determinantes da migração sertaneja, como estratégia última em busca de solucionar seu drama cotidiano. Assim, é necessária a desconstrução da ideia determinista de que a migração nordestina decorre simplesmente da dureza, adversidade e hostilidade do clima, negando as potencialidades naturais do bioma Caatinga e ignorando os problemas sociais, políticos e econômicos que, ao longo da História, corroboraram para a prática social da emigração (AGUIAR e BURITI, 2009).

Em 1932, novamente houve uma dura estiagem, o que ocasionou as já conhecidas mazelas sociais de outrora, acrescidas pelo abandono das cidades pequenas. Registros relatam que essas cidades ficaram desérticas, o comércio parou, o gado definhava e morria lentamente. Os retirantes chegavam às grandes e médias cidades absolutamente debilitados, perambulando sem rumo pelas ruas: crianças raquíticas, com barriga dilatada, pernas desfiguradas pelos inchaços, chorando continuamente de fome e sede, recusando-se a andar.

Durante este período, o governo provisório, representado no Nordeste pelo ministro Pedro Américo, mantinha a estratégia de enviar para a Amazônia milhares de retirantes até então concentrados em algumas capitais do Nordeste, nos já citados “campos de concentração”. Por outro lado, buscava manter a todo custo os flagelados em suas regiões de origem, impedindo novos fluxos para as capitais e diminuindo a repercussão na imprensa da extensão da tragédia, o que era insuflado pela falta de liberdade de expressão, já que quaisquer críticas ao governo podiam ser interpretadas como apoio aos paulistas rebelados contra o governo central, paulistas estes protagonistas da Revolução Constitucionalista de 32.

A estratégia de enviar nordestinos à Amazônia como medida de “combate” às secas permanece na década seguinte, já que vinha ao encontro dos ideais de produção de 45 mil toneladas de látex para as forças aliadas contra a Alemanha nazista e a Itália fascista, durante a Segunda Guerra Mundial. De 1942 até 1945 foram levados para a região 48.765 nordestinos (estes são os números oficiais), especialmente para a extração da borracha, na chamada “obra civilizadora” propugnada por Getúlio Vargas, concretizando o chamado “segundo ciclo da borracha” (VILLA, 2001).

Com o final da Segunda Guerra, a crise política em torno do Estado Novo (1937-1945) já estava agravada, apesar da decretação da anistia aos presos políticos, da permissão para a livre organização de partidos e da convocação para a eleição de uma Assembleia Constituinte. Muitas eram as manifestações contra a ditadura Vargas. Em um de seus últimos atos como presidente, Vargas criou, em 1945, a Companhia Hidrelétrica do São Francisco, a CHESF.

Imediatamente após a eleição e posse de Getúlio Vargas à presidência – agora eleito pelo “voto popular”, em 1951 - outra grande seca tomou a região, ao longo de 1951 até 1953. Esta estiagem atingiu até o Maranhão, Estado que não está localizado no polígono das secas. Novamente não havia planejamento para o enfrentamento do período de estiagem, tampouco recursos para planos emergenciais.

A esta altura, com a “melhoria” do sistema de transporte rodoviário, a migração dos sertanejos para outros Estados passou não mais a acontecer por meio dos navios que trafegavam por rios e pela costa brasileira, mas sim em caminhões conhecidos como paus-de-arara, que levavam, frequentemente, cerca de quatorze dias para chegar à capital paulista. Viajando sem as mínimas condições de segurança, é estimado um número de 600 mil pessoas chegando a São Paulo, somente no decênio 1941-1950. Um terço desses retirantes era de Minas Gerais, mas a maioria era do Nordeste, a saber: 190 mil da Bahia, vindo depois Pernambuco e Alagoas com 50 mil cada, e o Ceará com 33 mil, todos eles fugitivos do latifúndio, da prepotência dos coronéis e da miséria.

Da seca de 1951-1953, o número de migrantes nordestinos chega a 350 mil e, tendo sido a Bahia fortemente atingida por esta estiagem, o êxodo ocorreu em proporção muito maior em

relação às vezes anteriores. A migração neste período de quase três anos equivale à migração ocorrida ao longo de seis anos na década anterior (VILLA, 2001; ROCHA NETO, 2008).

O governo de Juscelino Kubitschek, iniciado em 1956, estava voltado ao processo de industrialização, concentrado no Sudeste, e na construção da nova capital do país em Brasília. Novamente não era priorizado o atendimento ao tema das secas. O DNOCS (Departamento Nacional de Obras Contra as Secas) - que sucedeu o IFOCS (Instituto Federal de Obras Contra as Secas) e que, por sua vez, sucedeu o já mencionado IOCS - funcionava com poucos recursos que, além de tudo, eram mal geridos. As sucessivas substituições de nomenclatura ao longo da História retratam a má gestão de recursos e das apenas superficiais tentativas de amenizar a questão.

A administração de recursos em favor de interesses de políticos da elite nordestina, que mantinham as oligarquias locais pelas práticas do coronelismo, ficou conhecida pela expressão “indústria das secas”. Latifundiários nordestinos e seus aliados políticos nas diversas esferas do governo utilizavam a seca para angariar recursos públicos a pretexto de combatê-la. Tais recursos eram muitas vezes aplicados em benfeitorias em suas propriedades particulares, como por exemplo, na utilização de "frentes de trabalho", pagas pelo governo, para construir açudes em suas terras, ou ainda, conforme vimos, em situações emergenciais. Em situações de emergência, mantimentos e remédios eram vendidos em mercado paralelo e não chegavam ao seu destino: recursos foram desviados para finalidades distintas das atividades agropecuárias e/ou de socorro, ou ainda, o mesmo argumento da seca era utilizado para não pagarem dívidas contraídas.

Desta forma, os recursos governamentais destinados ao combate à seca não chegavam à população que era mais castigada, beneficiando às elites locais. Como consequência, políticas mais eficazes eram proteladas, já que havia o real interesse de boa parte dessas elites na manutenção do problema.

Já sob regime militar, em 1970, o Nordeste enfrentava novamente uma grande seca. Apesar dos serviços meteorológicos já terem previsto aquela estiagem, as autoridades militares não deram importância ao fato. No período, foi elevado o índice de mortalidade infantil em

decorrência da fome e da proliferação de doenças como tifo, sarampo, gripe e disenteria. Além disso, ocorreu o surgimento de um elevado número de ratos e formigas, relacionado ao desequilíbrio ambiental provocado pela seca e pela exploração indevida do homem ao seu meio. O caos era tamanho que os roedores passaram a ser mortos e servidos como alimento.

O governo federal apostou em um projeto de integração nacional, com o objetivo de aproximar diversas regiões brasileiras. Inicialmente seria construída a Rodovia Transamazônica como solução para a integração e povoamento da Amazônia pelos milhares de nordestinos desempregados, em consequência das secas. A construção foi iniciada em setembro de 1970 e permanece inacabada até os dias atuais. Milhões foram perdidos pela má gestão do recurso público e, em relação ao povoamento do lugar, estima-se que apenas a metade dos enviados para lá ainda vivam às margens da rodovia.

Parte dos sertanejos que retornou à sua região de origem, voltou a receber o habitual descaso das autoridades, já que as políticas públicas entre 1970 e 1979 foram esparsas. Estima-se que 70% dos empréstimos concedidos pelo BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social) foram direcionados ao desenvolvimento do Sudeste, em que São Paulo teria recebido maior parte das parcelas. Nesta década, o crescimento econômico do Nordeste era considerado um dos mais baixos (VILLA, 2001).

Diante de outra grande seca em 1979, o governo enviou altas quantias em forma de recursos emergenciais, beneficiando prioritariamente grandes proprietários de terras, cuja missão principal seria a de manter o sertanejo agregado em seu local, evitando o êxodo em massa. Entretanto, tal meta não foi alcançada, já que muitos abandonaram o pouco que tinham, caminhando por estradas em busca de caronas até que, muitas vezes depois de meses, conseguissem chegar aos grandes centros urbanos do Sudeste do país.

Com o percurso do tempo, ações políticas concretas eram apenas planos imaginários e discursivos dos órgãos governamentais, sobretudo da SUDENE, que havia sido instituída com o objetivo de elaborar ações globais para o desenvolvimento do Nordeste e criar estruturas para o combate às secas. A destruição da lavoura e da pecuária causou a paralisação do comércio e da indústria regional. Enquanto a ajuda com os recursos dos planos emergenciais do governo federal não atendiam às necessidades humanas básicas dos sertanejos, a população, sobretudo crianças, morria de fome e as autoridades mantiveram-se insensíveis diante de tanta penúria e calamidade (ROCHA NETO, *op. cit.*, p.53).

No final de 1983, com o fim da seca que durou cinco anos consecutivos, a economia nacional apresentava acentuada crise. Para o Nordeste, nenhuma mudança significativa aconteceu a ponto mudanças significativas ocorrerem. Ao contrário, estes Estados não receberam quaisquer políticas públicas capazes de promover um expressivo desenvolvimento econômico, o que mantinha a subserviência de pequenos agricultores aos grandes latifundiários e tornava esses trabalhadores reféns do ambiente social, contribuindo para o crescimento da miséria e das migrações.

Diante de tantos dados estatísticos, podemos perceber que tanta miséria não tem origem na seca. A seca apenas “desnuda” a pobreza e as relações de trabalho deficientes, estruturadas em relações de poder e de manutenção de hegemonias para a concentração de terra e de capital, denotando a situação de opressão constante contra o sertanejo.

1.2. Literatura como fonte histórica

Durante muito tempo, atribuiu-se como fonte única de pesquisa para o historiador apenas documentos tidos como “oficiais”. Na segunda metade do século XIX, a História era vista como campo do saber científico a partir da crença na veracidade de suas fontes, vistas como capazes de fornecer prova histórica e supostamente permitir acesso ao fato passado, tal como ocorrido.

Tais premissas, advindas do pensamento positivista, firmaram-se no campo do conhecimento histórico sob forma de crítica documental. Havia uma espécie de anseio pela

suposta neutralidade científica, o que impedia uma possível abordagem subjetiva do trabalho do pesquisador.

Assim, até o primeiro terço do século XX, houve uma intensa valorização das fontes escritas oficiais, o que indicava a preponderância da história política institucional como veículo de afirmação de identidades nacionais, o que não foi diferente no Brasil. Schwarcz (1993, p. 102), fala sobre o papel, por exemplo, do IHGB, o já outrora mencionado Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, que tinha como objetivo a fundação de uma historiografia nacional: “formular uma história que, a exemplo dos demais modelos europeus, se dedicasse à exaltação e glória da pátria”, o que confirma o caráter oficial do “fazer História”.

Com a criação da revista *Annales D’histoire économique et sociale*, em 1929, pelos franceses Marc Bloch e Lucien Febvre (conhecida na posteridade como Escola dos Annales), transformações importantes ocorreram no pensamento historiográfico, decorrentes da afirmação de uma nova tradição intelectual. Essa nova atuação renovadora, deslocava o eixo de preocupação dos pesquisadores da esfera política para investigações de cunho econômico e social.

A partir da década de 60, historiadores marxistas estimularam ainda mais tal vertente, decorrendo disto a ampliação do conceito tradicional de fonte histórica, legitimando, portanto, qualquer tipo de registro capaz de reproduzir lutas e tensões sociais e/ou revelar, inclusive, “silêncios”⁶ como expressão de lutas de classes. Segundo Jacques Le Goff (1996, p. 545), “o documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder”.

O questionamento a respeito das fronteiras artificialmente construídas entre os campos do conhecimento pelo pensamento científico do século XIX provocou uma reavaliação da natureza própria de cada disciplina e de suas interfaces com outros saberes, sob uma ótica interdisciplinar e comparativista, o que resultou em uma aproximação maior entre a Antropologia e a Teoria Literária, em comparação às abordagens de influência sociológica e econômica, típicas do momento anterior, possibilitando um novo olhar sobre o conhecimento histórico e literário.

⁶ Em franca referência à reconhecida obra “O silêncio dos vencidos”, de Edgar De Decca.

Também no século XX, o reconhecimento de que a linguagem estava no centro das atividades humanas, dado por meio de estudos de diferentes áreas do conhecimento, trouxe ao registro literário o caráter de fonte histórica. A linguagem, ao longo da história, foi produzida pelo complexo jogo de relações que os homens estabelecem entre si e com a realidade e, assim, quando da sua constituição, passa a possuir um caráter moderador dessas constituições (ADAM SCHAFF, 1968).

A Literatura, portanto, registra mas, sobretudo, *é produzida* a partir das experiências vivenciadas pelos homens em várias épocas: fenômenos históricos se reproduzem no campo das letras, insinuando modos originais de observar, sentir, compreender, nomear e exprimir o comportamento humano que, por sua vez, são emoldurados pela ordem social que refletem, constituindo o discurso.

Recorrendo à História Social da Cultura, aqui trazida pelas considerações do filósofo e historiador francês Michel Foucault, as palavras como discurso incorporam hierarquias e enquadramentos de valor intrínsecos às estruturas sociais de que emanam. Assim, tem-se na Literatura Moderna um relevante instrumento de expressão para a avaliação de forças e níveis de tensão presentes em certas estruturas sociais.

As considerações acerca do caráter historiográfico da Literatura nos remetem à já citada discussão entre dois campos das ciências humanas, a História e a Literatura, que apresentam, portanto, uma relação de intercâmbio, mas também de confrontação.

Sevcenko (2003) rediscute esse impasse, considerando a existência de grande interdependência entre os estudos literários e as ciências sociais, salientando que estudos de obras literárias como fonte histórica devem preservar a riqueza estética e comunicativa das mesmas, observando seus significados condensados em sua dimensão social, trazido no e pelo discurso. Nas palavras do autor (*op. cit.*, p. 299):

A partir dessa perspectiva, a criação literária revela todo o seu potencial como documento, não apenas pela análise das referências esporádicas a episódios históricos ou do estudo profundo dos seus processos de construção formal, mas como uma instância complexa, repleta das mais variadas significações e que incorpora a história em todos os seus aspectos, específicos ou gerais, formais ou temáticos, reprodutivos ou criativos, de consumo ou produção. Nesse contexto globalizante, a literatura aparece como uma

instituição, não no sentido acadêmico ou oficial, mas no sentido em que a própria sociedade é uma instituição, na medida em que implica uma comunidade envolvida por relações de produção e consumo, uma espontaneidade de ação e transformação e um conjunto mais ou menos estável de códigos formais que orientam e definem o espaço da ação comum.

Entendendo o escritor como sujeito social - ainda sob um prisma foucaltiano, com temas, motivações, valores, normas ou revoltas sugeridas pela sociedade e tempo em que está inserido, sob o jugo de um “poder disciplinar” que controla suas vidas, as atividades, o trabalho, a infelicidade, os prazeres, a saúde física e moral, as práticas sexuais e familiares por meio das instituições do Estado - é preciso entender sua produção como produto artístico, cujas bases ou raízes - seu meio social, formador de seu discurso - determinam as características de seu fruto final, a obra artística.

Desde a sua *Poética*, Aristóteles (1973, p.451), explanava sobre uma visão não dicotômica entre História e Literatura, quando dizia:

Com efeito, não diferem o historiador e o poeta por escreverem verso ou prosa (pois bem que poderiam ser postas em verso as obras de Heródoto, e nem por isso deixariam de ser história, se fosse em verso o que eram em prosa) – diferem, sim, em que diz um as coisas que sucederam, e outro as que poderiam suceder.

Assim, enquanto a atenção do pesquisador-historiador está voltada à realidade, o registro trazido pelo escritor ocupou-se da *possibilidade* ou, nas palavras de Sevcenko (*op. cit.*, p. 30), “a literatura fala ao historiador sobre a história que não ocorreu, sobre as possibilidades que não vingaram, sobre os planos que não se concretizaram”.

Bakhtin (2010, p. 362- 366) também entende que a Literatura deve caminhar ao lado da História da Cultura, numa vinculação bem estreita, assim como uma “parte inalienável da cultura”, buscando entendê-la “dentro da totalidade da cultura de uma época”, pois só assim é possível compreendê-la. Nem sempre a criação literária é compreendida e aproveitada em toda a sua plenitude pelos seus contemporâneos ou mesmo pelo autor; este é “um prisioneiro da sua época”, mas “os tempos que lhe sucedem o libertam dessa prisão e a ciência literária tem a vocação de contribuir para esta libertação”.

1.2.1. História Regional

Até o século XVIII, em todo o mundo, as regiões representavam unidades sociais próprias, singulares, incapazes de sintetizar em seus costumes, os costumes de outras nações, haja vista as delimitações territoriais, os meios de transportes ainda precários e a circulação da informação ainda limitada. Assim, os reinos, impérios e países da pré-modernidade eram regiões que conservavam alto grau de autonomia econômica, cultural e social, com pouco contato com outras regiões e com normas próprias de convívio e hierarquia social.

A partir dos séculos XV e XVI as barreiras espaciais começaram a ser destruídas, o que possibilitou o crescimento de muitas regiões.

Martins, 2009, afirma que, graças à irradiação planetária dos domínios europeus, a “verdadeira história universal” surgiu e, assim, as concepções de nacional e internacional passaram a tornar-se objeto de estudo das ciências dedicadas aos estudos historiográficos e sociais. Em consequência à expansão da modernidade, do Estado, do Capitalismo e das filosofias universalistas (próprias do Renascimento e do Iluminismo) foram diminuídas as singularidades das antigas regiões.

O destaque dos países europeus como grandes navegadores entre os séculos XV e XVII teve uma influência direta no início do deslocamento de atividades econômicas, sociais e culturais para diferentes regiões, ao conectar a Europa com a América e o litoral africano, além de aumentar o intercâmbio comercial com a Ásia:

A expansão da economia de mercado no continente europeu foi suficiente para gerar forças unificadoras/integradoras no seu interior. Vastas redes de comerciantes surgiram para distribuir os grandes carregamentos vindos da América e da Ásia. Grandes companhias de comércio e financistas começaram a atuar em toda a Europa e nas colônias ultramarinas. Dessa forma, processos de abertura e assimilação de novas influências (hábitos, gostos, técnicas, ideias, valores) aproximaram e aplainaram as diferenças regionais (MARTINS, 2009, p. 136).

Outro fator determinante para que houvesse cada vez mais a “miscigenação” do regional, ampliando os horizontes de suas práticas para o global, foi, segundo Martins (2009), a

constituição e consolidação do Estado moderno, marcado inicialmente pela substituição de centenas de pequenos poderes monárquicos pelos Estados supremos. Essa nova forma de dominação combateu singularidades e buscou o alcance da condição de lugar principal ao redor do qual se organizavam identidades e lealdades individuais e coletivas. O ápice da “batalha” do Estado contra os regionalismos ocorreu com o nacionalismo político dos séculos XIX e XX, marcado pela valorização da memória manipulada dos referenciais e símbolos históricos, forjando, assim, a ideia de “nação”, o que, por consequência, levou à uniformização dos comportamentos das pessoas em seus territórios.

Um terceiro vetor que contribuiu para a dissolução da importância do regional/local enquanto expoente de vidas em grupos e indivíduos únicos foi o Iluminismo, movimento intelectual do século XVIII. Ainda nas palavras de Martins (*op. cit.*, p.137):

As novas ideias iluministas apostaram firmemente na uniformização das sociedades, como resultante da marcha da história sob a égide do progresso material, científico e moral da humanidade. Para os iluministas, todos os povos e todas as partes da Terra, num futuro não muito longínquo e a despeito das especificidades sociais e das crises históricas, convergiram para padrões muito similares de instituições econômicas, políticas e culturais.

Entre diferentes pensadores, desde o século XIX, já havia um consenso em direção à natural diminuição das diferenças entre povos e regiões. No século seguinte, boa parte da corrente marxista previu a modernização do Estado Capitalista a partir da cultura anglo-saxônica⁷ que exerceria hegemonia principalmente por meio do poder econômico. Tal hegemonia, por sua vez, seria vista como secundária diante dos fenômenos da tecnologia e do avanço do conhecimento.

Tais adventos – hoje presenciados por nossa geração, e reconhecidos no termo “globalização” (numa licença nossa para a generalização do termo) - apesar de direcionarem para

⁷ O Capitalismo exerceu sua soberania, inicialmente, por meio das culturas francesa e do poder econômico britânico. Atualmente, essa soberania é exercida principalmente pelos Estados Unidos, que detêm grande influência de ordem econômica e, conseqüentemente, atinge as esferas sociais, políticas e culturais.

a estrita valorização e descrição de uma história das grandes massas, não podem ficar “marginalizadas” pelos estudos historiográficos após a Escola dos Annales, que promove, portanto, um olhar especial às histórias regionais.

Especificamente no Brasil, o poder do Estado capitalista exerceu seu poder com maior veemência a partir de meados do século XIX, firmando seu papel hegemônico após a República. Para a manutenção dessas hegemonias, muitas vezes o Estado brasileiro forjou a ideia de “nação”, o que resultou em uniformidade de comportamentos de pessoas no interior de seus territórios:

O Estado criou bandeira, hinos, festas cívicas, moedas com efígies de heróis e governantes, animais e monumentos característicos do país e, sobretudo, difundiu uma História e um idioma oficiais ensinados com diligência numa rede crescente de escolas fundamentais públicas. Com estes e diversos outros recursos, o Estado moderno tornou mais uniformes os hábitos, costumes, valores, crenças e ideias de seus habitantes, independentemente das regiões de onde eles provinham (MARTINS, 2009, p. 134).

Durante este período, os estudos oficiais mais próximos do que se pode identificar como *regional* foram realizados pelo IHGB, e apresentava expressivos recortes políticos: o relacionamento entre nacional/regional/local era visto apenas sob o prisma da descrição de impactos sobre acontecimentos históricos numa descrição estereotipada marcada pelo exercício da exaltação, do despertar do passado e pela não relação estabelecida entre o passado e o presente históricos.

O desenvolvimento e consolidação do sistema capitalista predominante no globo faz com que tal sistema assuma características peculiares dependendo do local onde impera, de maneira a conservar ou dar novos significados a certos aspectos das culturas e dos espaços nacionais, regionais e locais. Martins (*op. cit.*, p. 138), explica que

[...] uma dialética complexa de uniformização *versus* diferenciação é a marca da globalização capitalista. [...] há homogeneização do espaço capitalista, mas ela ocorre no interior e através da reorganização dos espaços regionais.

Em busca da revalorização da memória e de identidades próprias, seja por segurança, continuidade histórica e/ou pertencimento a algum tipo de comunidade de destino, o estudo do lugar e da região são ferramentas que contribuem para o surgimento e afirmação dos “sujeitos sociais”.

Desta feita, o estudo da obra literária pode assumir o viés histórico, desde que respeitados os limites que a transformam em criação artística, mas não retira o mérito da fonte histórica e da vasta representatividade dos sujeitos e espaços sociais.

O estudo da obra de Graciliano Ramos, *Vidas Secas*, configura o revelar do olhar sobre o espaço regional do sertão nordestino brasileiro e das características do homem nordestino-sertanejo ao longo de uma história marcada pelas cíclicas secas e pelo mau uso de recursos, onde o coronelismo imperava livremente. Além disso, configura no desenvolvimento dos estudos historiográficos que, atento aos regionalismos, começava a tratar o espaço geográfico como algo que não era simplesmente “natural”, mas que tinha de ser visto também como dimensão integrante de aspectos sociais.

1.3. Escritores modernistas: por uma estética de compromisso social

Ao longo de sua recente história, mas especialmente nos séculos XIX e XX, o Brasil passou por diversas transformações: valores éticos, morais, sociais, ideológicos e econômicos foram questionados e, por vezes, modificados. A Literatura, por sua vez, enquanto criação artística - mas ressaltando seu caráter de reflexo de estruturas sociais - registrou tais transformações. Assumindo o viés de nossa pesquisa, podemos afirmar que tais mudanças sociais se *transformaram* em literatura.

Sevcenko (2003) explana sobre a geração conhecida por “mosqueteiros intelectuais” que, composta pela intelectualidade artística brasileira, entendia que, apenas voltando-se para o fluxo cultural europeu, a cultura brasileira poderia romper com seu passado obscuro e abrir-se para um mundo novo, transformado pela predominância da democracia e do progressivismo. Ainda nas palavras de Nicolau Sevcenko (*op. cit.*, p. 97):

[...] o engajamento se torna a condição ética do homem das letras [...] toda essa elite europeizada esteve envolvida e foi diretamente responsável pelos fatos que mudaram o cenário político, econômico e social brasileiro: eram todos abolicionistas, todos liberais e democratas e praticamente todos republicanos.

Por tudo isto, a característica marcante dessas gerações de intelectuais brasileiros suscitou o florescimento de uma tendência a atribuir valor às formas de criação e reprodução cultural que se instrumentalizasse como fator de mudança social. Este caráter social, atrelado às manifestações artísticas, parece ter marcado a intelectualidade de vários países cuja história pregressa foi marcada por explorações e lutas em torno de sua independência, e cujo presente apresentava elevadas taxas de analfabetismo e a necessidade de transformações sociais.

O posicionamento destes intelectuais implicaria uma posição social marginalizada e que, em termos materiais, resultaria em uma vida difícil. Boa parte deles não possuía uma base material segura que pudesse sustentar uma total independência⁸. As estruturas de produção, circulação e consumo literário impediam muitas vezes que fossem mantidas ou abordadas com absoluta clareza as ideologias que possuíam estes escritores.

Ao invés de entrarem para um universo fundado nos valores da razão e do conhecimento, premiando sua competência e inteligência, eles se viram reduzidos ao “valor de mercado”, o que os levou a exercer uma carreira paralela emoldurada em valores éticos alternativos. Tem-se, portanto, um cenário em que estes escritores estão entre os ideários estéticos, suas convicções filosóficas e ainda as dificuldades de sobrevivência em que suas chances, em termos econômicos, estão em torno da vida acadêmica, da mídia impressa e/ou de órgãos e apoios governamentais.

A obra de Sevcenko (2003) destaca dois de nossos escritores como grandes expoentes de uma literatura claramente engajada e comprometida socialmente: Euclides da Cunha e Lima Barreto – apesar de não comporem o mesmo círculo intelectual e provavelmente não compactuarem das mesmas ideias – integravam a geração de intelectuais que lutaram para a

⁸ Sevcenko (2003) relata alguns exemplos de crônicas jornalísticas do final do século XIX e de algumas produções de Lima Barreto, Euclides da Cunha, Augusto dos Anjos, dentro outros literatos, que evidenciam as condições materiais escassas às quais muitos componentes de nossa intelectualidade foram submetidos.

queda do regime Imperial e, pouco tempo depois, sofreram grandes decepções com o modelo republicano praticado no Brasil.

Segundo o historiador, Euclides da Cunha utilizou-se dos conhecimentos do positivismo de Comte e Spencer para retratar a sociedade brasileira – em referência principal à obra “Os Sertões”, publicado em 1902 – sob uma abordagem materialista, determinista e animista. Já Lima Barreto, que era contrário aos cientificismos em voga, procurou abordagens que se baseassem em uma sociedade mais solidária e igualitária, revelando-se mais adepto de uma vertente idealista, relativista e voluntarista.

Neste sentido, Sevcenko (2003, p. 237) ainda advoga:

Fica igualmente acentuado o empenho despendido pelos autores no sentido da assimilação e participação nos processos históricos em curso. Situação essa que reveste suas produções intelectuais de uma dupla perspectiva documental: como registro judicioso de uma época e como projetos sociais alternativos para a sua transformação.

No início do século XX, as produções literárias caracterizavam-se cada vez mais por suas matizes ideológicas. Questões de cunho ideológico como a *nacionalidade* ganhavam repercussão entre a intelectualidade pensante e produtora de arte. Desde as gerações anteriores, consideradas pré-modernistas, até os adventos da Semana de Arte Moderna de 1922, valores éticos e estéticos eram constantemente avaliados pela classe artística brasileira.

No início da década de 30, o quadro político, econômico e social que se verificava no Brasil e no mundo incitava a um posicionamento ideológico. A crise na bolsa de Nova Iorque (1929), a ascensão do nazismo e do fascismo e o combate ao socialismo, a crise cafeeira, a Revolução de 30, a Intentona Comunista e a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) são alguns dos fatores que incentivaram produções artísticas notadamente engajadas, de clara militância política.

Nossos romancistas de 30 produziam, sobretudo, uma prosa com renovada força criadora, voltada à realidade brasileira como uma forma de “resposta” artística que não abandonava o experimentalismo estético conquistado principalmente pela primeira geração de modernistas,

mas que esteve predominantemente voltada a uma literatura regional, com fortes características do Realismo/Naturalismo do século anterior, além de certo caráter documental.

A seca, o cangaço, o coronelismo, a luta pela terra e a crise do engenho foram, dentre outros, alguns dos assuntos abordados por nossos artistas escritores. Para citar apenas alguns, podemos destacar a importância de nomes como o de José Américo de Almeida, Jorge Amado, José Lins do Rêgo, Rachel de Queiroz e Graciliano Ramos.

1.3.1. Graciliano no cenário das vidas secas: literatura e engajamento

As relações que permeavam as classes política e intelectual no Brasil foram marcadas por tensões. A classe intelectual pensante e produtora de arte precisava, muitas vezes, equilibrar-se entre suas convicções filosóficas e ideológicas, ideais estéticos e sobrevivência financeira. Diante desse constante impasse, nossos intelectuais procuravam traduzir projetos individuais, anseios e utopias.

Em alguns momentos se viam enredados pelos arranjos das classes dominantes a fim de participar mais ativamente em mudanças sociais; outras vezes enfrentavam pressões para “adequar” suas produções de acordo com certas circunstâncias políticas, já que ao mesmo tempo discordavam de muitas manobras do aparelho do Estado e dependiam de cargos e relações, para que pudessem publicar suas obras, tendo então de conciliar produção simbólica e ideologia (MORAES, 2006).

Esta mesma realidade vivenciou Graciliano Ramos de Oliveira, nascido em Quebrangulo, Alagoas, em 27 de outubro de 1892. Primogênito de um casal sertanejo de classe média que teve quinze filhos, viveu parte de sua infância em Buíque, Pernambuco, parte em Viçosa, Alagoas. Em 1910 estabeleceu-se em Palmeira dos Índios em seu Estado natal, ainda na companhia do pai, que vivia do comércio de tecidos. Após breve estada no Rio de Janeiro, onde trabalhou como revisor dos jornais *Correio da Manhã* e *A Tarde*, regressou à pequena cidade por motivo de morte de três de seus irmãos, vítimas de febre bubônica em 1915. Ainda naquele ano, casou-se com dona Maria Augusta de Barros, de quem ficou viúvo em 1920 e com quem teve os primeiros quatro filhos.

Vivendo de política e jornalismo, o escritor começou a escrever seu primeiro romance em 1925, *Caetés*, publicado em 1933. Em 1928 se tornou prefeito de Palmeira dos Índios, cargo que renunciou em 1930. Entre 1930 e 1936 viveu em Maceió, trabalhando como diretor da Imprensa Oficial, professor e diretor da Instrução Pública do Estado; em 1932 casou-se com Heloísa Medeiros, com quem teve outros quatro filhos. Neste período, conviveu com outros escritores que representavam a “vanguarda” da literatura nordestina, tais como Raquel de Queiroz, Jorge Amado e José Lins do Rego. Em 1934 publicou *São Bernardo*. Em março de 1936, foi preso em decorrência do pânico insuflado por Getúlio Vargas após a Intentona Comunista de 1935⁹.

Com a ajuda de amigos, entre os quais José Lins do Rego, conseguiu publicar *Angústia*, em 1936. Embora sem provas de acusação, foi levado a vários presídios entre Maceió, Recife e finalmente Rio de Janeiro, de onde só foi liberto em janeiro do ano seguinte: em sua obra *Memórias do Cárcere* (publicado postumamente à sua morte, em 1953), o autor relatou essa experiência. Em 1938 publicou *Vidas Secas*. Em seguida, estabeleceu-se no Rio de Janeiro onde trabalhou como Inspetor Federal de Ensino e onde continuou a escrever além de romances, contos e livros para a infância.

Em 1940, Graciliano frequentava assiduamente a sede da revista "Diretrizes", junto de Álvaro Moreira, Joel Silveira, José Lins do Rego e outros "conhecidos comunistas e elementos de esquerda", como consta de sua ficha na polícia política. Publicou uma série de crônicas sob o título "Quadros e Costumes do Nordeste" na revista "Política", do Rio de Janeiro.

Em 1942, recebeu o prêmio "Felipe de Oliveira" pelo conjunto de sua obra, por ocasião do jantar comemorativo a seus 50 anos. Lançou, em 1944, o livro de literatura infantil *Histórias de Alexandre*. Em 1945 ingressou no antigo Partido Comunista do Brasil - PCB (que nos anos sessenta dividiu-se em Partido Comunista Brasileiro - PCB - e Partido Comunista do Brasil - PCdoB), de orientação soviética e sob o comando de Luís Carlos Prestes.

⁹“Intentona Comunista”, também conhecida como “Revolta Vermelha de 35” e “Levante Comunista”, foi uma tentativa de golpe contra o governo de Getúlio Vargas, realizado em novembro de 1935 pelo Partido Comunista Brasileiro.

Em abril de 1952, Graciliano viajou em companhia de sua segunda esposa, Heloísa, à Tcheco-Eslováquia e Rússia, onde teve alguns de seus romances traduzidos. Visitou, também, França e Portugal. Ao retornar, em 16 de junho, já enfermo, foi a Buenos Aires, Argentina, onde se submeteu a tratamento de pulmão, em setembro daquele ano. Foi operado, mas os médicos não lhe deram muito tempo de vida. No janeiro ano seguinte, foi internado na Casa de Saúde e Maternidade S. Vitor, vindo a falecer vitimado pelo câncer, no dia 20 de março.

A geração de que fazia parte nosso autor, vivenciava contradições típicas de uma sociedade fragilizada, marcada pela intensa presença de um Estado despótico que mantinha o controle em várias esferas da sociedade, como por exemplo, no sistema escolar e nos meios de comunicação. Boris Fausto (2009) destaca, também, o grande papel desempenhado pelas Forças Armadas através dos vários organismos que proliferaram no Estado Novo (1937-1945) mas que já vinham ganhando força desde o final da década anterior.

Ao mesmo tempo em que discordavam veementemente da ditadura Vargas e do fascismo, Graciliano e outros escritores recebiam de cofres públicos por serviços prestados ao Estado. Graciliano, por exemplo, era Inspetor Federal de Ensino Secundário e, antes disso, Diretor de Instrução Pública, em Alagoas. Com evidente dissabor falava da situação marginal dos escritores que ingressavam nos serviços públicos. *Vidas Secas*, por exemplo, lançado pela primeira vez em 1938, levou nove anos para chegar à sua segunda edição e outros quatorze para chegar à terceira.

Em obra póstuma, *Linhas Tortas* (1962), constituída por um apanhado de crônicas escritas pelo autor entre os anos de 1915 a 1952, na crônica intitulada “O fator econômico no romance brasileiro”, datada de 15 de julho de 1945¹⁰, Graciliano falou sobre a situação complexa pela qual passavam os escritores:

¹⁰ Há divergências acerca da data de escrita da crônica, que poderia inicialmente ter sido uma de suas cartas enviadas à esposa. Especula-se a possibilidade de ter sido escrita em março de 1937, pouco depois de Graciliano ter sido liberto da prisão.

Procuramos a razão da indiferença dos nossos escritores para os assuntos de natureza econômica. Talvez isso se relacione com as dificuldades em que se acham quase todos num país onde a profissão literária ainda é uma remota possibilidade e os artistas em geral se livram da fome entrando no funcionalismo público. Constrangidos pelo orçamento mesquinho, esses maus funcionários buscam na ficção um refúgio e esquecem voluntariamente as preocupações que os acabrunham. Sendo assim, temos de admitir que são exatamente cuidados excessivos de ordem econômica que lhes tiram o gosto de observar os fatos relativos à produção. O que eles produzem rende pouco, rende uma insignificância, e é possível que não queiram pensar nisso. (RAMOS, 1962, p. 258-59)

Para cobrir as despesas familiares - que eram muitas, já que tinha oito filhos - Graciliano escrevia pela manhã, trabalhava à tarde como inspetor federal e à noite, a partir de 1947, voltou a ser redator do *Correio da Manhã*. Em suas pesquisas, Moraes (2006, p. 3) ressalva, entretanto, que na maioria das vezes, a natureza da colaboração nas publicações governamentais não se confundiu com cumplicidade ou adesismo àquelas ideologias: “Graciliano jamais renunciou a uma literatura de forte teor crítico, a despeito de revisar textos e redigir crônicas sobre costumes nordestinos para a revista ‘Cultura Política’ [...]”.

Em entrevista concedida a Homero Senna (1996) - originalmente em 1948 - para a *Revista do Globo*, Graciliano falou sobre a situação dos escritores no Brasil. Quando o jornalista o questionou acerca da possibilidade de se viver da profissão de escritor no Brasil, o autor respondeu:

Não creio. A última edição de minhas obras rendeu-me 50 contos. Da edição americana de *Angústia*, recebi 10 contos apenas. Tenho também três livros traduzidos para o espanhol. Mas os negócios na Argentina e no Uruguai andaram mal. Como não tenho o hábito de frequentar os suplementos e as revistas ilustradas, a literatura me rende pouco.

Antônio Candido (2001) separa os intelectuais daquela época entre aqueles que “servem” daqueles que “se vendem”. Em referência a Antonio Gramsci em sua teoria dos intelectuais¹¹, entende que os mesmos se integravam à máquina do Estado na condição de “funcionários subalternos das superestruturas”, sem condições de definir políticas ou formular premissas ideológicas.

¹¹ Teoria trazida na obra “Intelectuais e a organização da Cultura”, lançado em 1949.

Graciliano, grande leitor de Gramsci, certamente integrava aqueles que se servem da literatura para retratar práticas sociais. Seu tom era sutil, não via a necessidade de somente criar personagens engajados politicamente e, por isso, era por vezes criticado pelo próprio partido comunista que integrava. Seu discurso pessoal, retratado em sua arte, possuía uma ironia corrosiva que abordava mazelas sociais indissolúveis, inseridas em uma retórica redentora, que permeava o discurso oficial (MORAES, 2006).

Apesar do paradoxo de exercer um cargo que representava o mesmo governo que o acusou e encarcerou como “suspeito de exercer atividade subversiva”, Graciliano demonstrava verdadeiro ódio ao Estado Novo. Era um verdadeiro desafio resguardar peculiaridades artísticas e expressar ditames ideológicos: o grande dilema de Graciliano e daquela intelectualidade comunista era conseguir situar-se na intersecção entre o livre pensar e o dever que lhes trazia o sustento e, no caso de nosso autor, ainda manter-se fiel ao estilo que lhe era próprio.

Já em 45, com o fim do Estado Novo, resistiu às adesões automáticas ao PCB, e só o fez a convite do próprio secretário geral, Luiz Carlos Prestes, não hesitando em defender sua integridade intelectual diante do alto grau de ecletismo e autonomia que sempre demonstrava. Em entrevistas concedidas em 1944 e 1949, respectivamente, Graciliano afirmava:

Não há arte fora da vida, não acredito em romance estratosférico. O escritor está dentro de tudo o que se passa, e se ele está assim, como poderia esquivar-se de influência?; Só conseguimos deitar no papel os nossos sentimentos, a nossa vida. Arte é sangue, é carne. Além disso não há nada. As nossas personagens são pedaços de nós mesmos, só podemos expor o que somos (RAMOS *apud* MORAES, *op. cit.*, p. 04).

Nosso escritor atentava ao cotidiano escasso das classes subalternas que coexistia com a consolidação do capitalismo no país periférico que era o Brasil de então. Apesar de enxergar a necessidade de apreciação dos fatores econômicos como determinantes da hegemonia burguesa, não cometia o “pecado do excesso” presente no discurso marxista extremo, sem, contudo, deixar de recriminar os romancistas que não se detinham a aspectos que relacionavam a dimensão política da infraestrutura material, ou ainda daqueles que possuíam um desengajamento intencional, desejosos de ficar distantes dos choques de interesses, optando por uma literatura à qual Graciliano criticava com veemência.

Sua escrita não apresentava uma adesão às soluções visionárias de seu tempo – nem aquela que se exila e exalta o passado, nem aquela que se arremessa ao futuro – mas se aprofundou em seu lugar de observador na fronteira entre diferentes classes, não sendo nem possuidor nem despossuído (GIMENEZ, 2009).

Desde sua infância atormentada em Pernambuco até a maturidade no Rio de Janeiro, passando pela experiência de ter sido prefeito em Palmeira dos Índios, Graciliano convivia de perto com sofrimentos advindos da opressão econômica. *Vidas Secas*, nossa obra de pesquisa, revela um Graciliano já muito consciente do seu entorno social, mesmo que ainda não estivesse fortemente ligado ao partido comunista. Expondo de maneira clara e objetiva o meio ambiente e a brutalidade do sertão nordestino, o autor trata com crueza os elementos homem – paisagem – terra – bichos – fome – humilhação – seca - destino, e traz à tona questões de latifúndio, do coronelismo imperante e dos conflitos agrários.

Em texto escrito em abril de 1937, bem próximo à época do lançamento de *Vidas Secas*, o autor critica severamente aqueles que menosprezavam autores comprometidos com temáticas sociais:

Os inimigos da vida torcem o nariz e fecham os olhos diante da narrativa crua, da expressão áspera. Querem que se fabrique nos romances um mundo diferente deste, uma confusa humanidade só de almas cheias de sofrimentos atrapalhados que o leitor comum não entende. Põem essas almas longe da terra, soltas no espaço. Um espiritismo literário excelente como tapeação. [...] A miséria é incômoda. Não toquemos em monturos. [...] São delicados, são refinados, os seus nervos sensíveis em demasia não toleram a imagem da fome e o palavrão obscuro. Façamos frases doces. Ou arranjos torturas interiores, sem causa. [...] E a literatura se purificará, tornar-se-á inofensiva e cor-de-rosa, não provocará o mau humor de ninguém, não perturbará a digestão dos que podem comer. Amém (RAMOS, *op. cit.*, p. 139).

Em franco confronto ao conservadorismo, elogiava o ciclo regionalista de 30 por ter recriado a aridez do Nordeste esquecido. À revista *Renovação*, Graciliano afirmou que “mesmo a literatura ‘torre de marfim’ é trabalho social, porque só o fato de procurar afastar os outros dos problemas é luta social”, mas ressaltava que

[...] se fossemos conceituar romance social como romance dos problemas do povo, só haveria romance social quando escrito pelo próprio operário. [...] o romance social terá que ser sentido e é preciso que o personagem seja o próprio autor. Gênero popular é o folhetim que a massa vai aceitando como entorpecente” (RAMOS *apud* MORAES, *op. cit.*, p. 7).

Isto posto, temos um Graciliano claramente comprometido com as questões de seu tempo, mas que também desprezava a literatura apologética, ao criticar veementemente aos que transformavam literatura em instrumento de cartaz político. Voltando ao ponto de intersecção que boa parte dos escritores precisou encontrar para se manterem fiéis às suas ideologias, preservarem seu estilo próprio e ainda sobreviverem de literatura, em Graciliano temos o entrelaçamento entre arte e ideologia, sem que uma subjugasse a outra.

Hermenegildo Bastos (RAMOS 2011, p. 132), considera valorosa a postura ideológica concomitante à exatidão e rigor estéticos de nosso autor: “[...] suprema coragem de um escritor, a de assumir a condição da arte numa sociedade reificada”.

Sua postura provocava incompreensões e infortúnios no interior do partido, com críticas e acusações de permanecer estagnado em um “realismo crítico”, tendo seus subjetivismos contestados. Apesar de respeitar a intervenção ideológica e as circunstâncias socioeconômicas de seu tempo, discordava de arroubos teóricos que pudessem artificializar seus personagens e tinha real aversão ao panfletarismo: caminhava na tênue linha “entre a fidelidade conceitual ao socialismo e a oposição às teses sectárias, sem manchar o ímpeto inventivo com o utilitarismo político” (MORAES, *op. cit.*, p.10).

Em 1951, a pedido do partido, Graciliano assume a presidência da Associação Brasileira dos Escritores. Marcada por disputas internas entre comunistas e liberais, a associação passava por uma verdadeira crise. A postura de Graciliano favorecia uma possível concórdia, já que ele não era envolvido nos movimentos de cisão interna, mas harmonizava tecnicamente seu discurso, sem desconsiderar o fogo da paixão social que cultivava desde tenra idade.

O equilíbrio por ele alcançado deve-se ao superior compromisso com valores humanistas. Neste sentido, colocava-se do ponto de vista de grupos marginalizados – sem caricaturá-los, vale

lembrar – projetando-lhes vozes que revelavam suas mazelas interiores, consequências diretas das exteriores, frutos de um capitalismo opressor.

Nos termos próprios da Teoria Literária, a coerência interna dos romances de Graciliano ocorre pela percepção dos reflexos do real sobre as relações sociais, de forma que relaciona o universal e o particular, dramas sociais e dores íntimas. Graciliano reivindicava a transformação social sem negociar a substância estética da revelação da realidade. Sua obra era formada pelo equilíbrio entre forma e conteúdo, que se uniam e se separavam no espaço interno de sua criação.

CAPÍTULO II

UMA LEITURA CRÍTICA DO DISCURSO LITERÁRIO: EMBASAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

“Liberdade completa ninguém desfruta: começamos oprimidos pela sintaxe e acabamos às voltas com a delegacia de ordem política e social, mas, nos estreitos limites a que nos coagem a gramática e a lei, ainda nos podemos mexer”.

Graciliano Ramos

2.1. Das relações entre língua e discurso, a gênese de uma leitura crítica.

Uma compreensão detalhada dos momentos histórico-sociais pelos quais passava o escritor Graciliano Ramos, unida ao conhecimento da história das secas e do reconhecimento da Literatura como documento histórico, nos possibilita uma ampla visão do quanto a obra do autor possui um caráter social e nos envereda pelo caminho da busca do entendimento das estratégias adotadas por ele a fim de manter seu estilo único e ainda ser fiel às suas concepções ideológicas e políticas.

Desta feita, o estabelecimento de uma linha teórica de pesquisa que seja capaz de observar simultaneamente o viés social (nele embutidos o caráter econômico, político e ideológico) e o viés linguístico como orientador desse viés social, faz-se necessário e nos parece um importante norteador para um estudo qualitativo em termos tanto de língua quanto do ponto de vista ideológico sem que, entretanto, estas manifestações estejam separadas. Temos, assim, o *discurso*, como manifestação *textual* de ideologias, hegemonias e relações de poder.

O conceito de discurso é amplo e apresenta certo grau de complexidade. Atendo-nos à nossa área do conhecimento, segundo a Linguística moderna, o termo discurso diz respeito a qualquer enunciado – ou seja, “toda combinatória de elementos linguísticos provida de sentido”

(FIORIN, 1993, p. 80) – superior à frase, considerado do ponto de vista das regras de encadeamento das sequências de frases.

Antes do processo de desenvolvimento das formas contemporâneas de análise do discurso, somente do ponto de vista linguístico, é que o discurso podia ser considerado sinônimo de enunciado (fala). A oposição entre enunciado e discurso marcava simplesmente a oposição entre linguístico e extralinguístico. O discurso era visto, portanto, ora como um momento de uso linguístico, ora como sendo o uso linguístico o momento do discurso (PEDRO, 1997).

O entendimento da concepção de discurso remete-nos, como se vê, à ideia de linguagem que, por sua vez, cria campos semânticos (vocabulário, a gramática e a sintaxe) ou zonas de significação linguisticamente circunscritas. Logo, percebe-se que a linguagem constrói estruturas classificatórias para diferenciar os objetos ‘em gênero’ ou em número; formas para realizar enunciados da ação por oposição a enunciados do ser; modos de indicar graus de intimidade social etc. Uma vez que a linguagem cria símbolos, esses precisam ser interpretados coletivamente por aqueles que habitam um mesmo ambiente social, para que a realidade compartilhada tenha algum sentido.

A Linguística, cujo objeto de análise é a linguagem, tem por objetivo “a formulação de um modelo de descrição desse instrumento através do qual o homem informa seus atos, vontades, sentimentos, emoções e projetos” (COELHO NETTO, 1980, p.15).

A Teoria Linguística passou por inúmeros processos de desenvolvimento, ficando particularizada, durante muito tempo, ao estudo das chamadas línguas naturais. Foi com Ferdinand de Saussure, que a linguística partiu para uma dimensão mais ampla, aplicando-se aos mais diferentes domínios da ação humana, em especial ao ato comunicativo. Ele imaginou a possibilidade de uma disciplina que estudaria os signos no meio da vida social, o que validaria sua entrada em outros campos de estudo da atividade humana.

Essa ciência recebeu a denominação de Semiologia, uma ciência geral de todos os sistemas de signos, por meio dos quais se estabelece a comunicação entre os homens. Da Semiologia, “a linguística não é senão uma parte desta ciência geral” (SAUSSURE, 1999, p. 24).

Na tradição iniciada por Saussure, os indivíduos usam uma língua de forma imprevisível, isolada e não como fator interferente nas práticas e/ou manifestações sociais¹².

No campo dos estudos da linguagem surgiram, então, diferentes linhas teóricas que desde os postulados de Saussure, datados do início do século passado, procuravam dar conta de analisar as relações existentes entre língua e sociedade, destacando aqui o papel da Sociolinguística e da Linguística Crítica - sem nos esquecer da Análise do Discurso de linha francesa, de cerne filosófico.

A primeira fixava-se nas variações linguísticas e em sua modulação social, variando de acordo com a natureza da relação entre os participantes em interações específicas e de acordo com seus atores, eventos sociais, dentro outros. A segunda se fixava na análise do discurso público criada para chegar à ideologia codificada implicitamente nas proposições abertas, em particular no contexto das formações sociais.

Os proponentes desse modelo linguístico estão interessados em usar a análise linguística para expor representações falsas e discriminações em diferentes tipos de discurso público: jornais, propaganda política, documentos oficiais, regulamentos, gêneros formais como a entrevista, etc. Os dois campos teóricos apresentam limitações quanto aos estudos sociais da linguagem, quando se tem a visão de que o sujeito possui certo grau de autonomia, sendo constituído pelo seu meio e também construtor do mesmo: a Sociolinguística entendia haver uma neutralidade das estruturas sociais sobre o falante, que por sua vez, seria quase um “cúmplice” das mesmas; a Linguística Crítica enfrentava grandes problemas, tanto em termos de teoria e método quanto à sua aplicabilidade. Havia ainda a Pragmática que, por seu turno, centrava-se nas ações, interações e estratégias individuais de interação, negligenciando questões como ideologias, hegemonias e relações de poder.

¹² Saussure estabelece, em sua teorização, uma separação entre *langue* (língua) e *parole* (discurso). Na dicotomia saussuriana, advinda da Sociologia, a língua é um sistema de valores opostos entre si e que está depositado como produto social na mente de cada falante de uma comunidade, possuindo homogeneidade e, por isto, considerado como objeto da linguística propriamente dita. Diferente da *parole* (discurso) que é um ato individual estando sujeito a fatores externos, muitos desses não linguísticos e, portanto, não passíveis de análise no campo linguístico (SAUSSURE, 1999).

Diante dessas possíveis limitações teóricas, diferentes pesquisadores da área de estudos da linguagem se reuniram em um congresso na Universidade de Amsterdam, em janeiro de 1991, iniciando discussões acerca das ideias de um grupo de pesquisadores: Norman Fairclough, Gunter Kress, Teun van Dijk, Theo van Leeuwene e Ruth Wodak, que estiveram juntos discutindo teorias e métodos de análises de discursos. Estes pesquisadores apresentavam algum grau de semelhança em seus postulados quanto à concepção de língua e sociedade, haja vista a concepção de Kress (1985 *apud* PEDRO, 1997, p. 21) acerca de discurso:

Discursos são conjuntos de afirmações sistematicamente organizados que dão expressão aos significados e valores de uma instituição. Para além disso, de forma marginal ou de forma central, definem, descrevem, e delimitam o que é possível dizer e o que não é possível dizer (e, por extensão, o que é possível fazer e o que não é possível fazer) em relação à área de preocupação dessa instituição. Um discurso fornece um conjunto de afirmações possíveis sobre uma dada área, e organiza e dá estrutura ao modo como se deve falar sobre um tópico particular, um objeto, um processo.

O produto das limitações teórico-metodológicas dessas diversas correntes e da união entre vários pesquisadores foi a concepção da Análise Crítica do Discurso, a ACD. Fairclough (2001) esclarece-nos que, mesmo tendo ligação com a Linguística Crítica, como já apontado, a ACD surgiu a partir de limitações desta. Por ser concebida a partir de diferentes teorias e suas limitações, a ACD encontra relações, ainda, com a Gramática Funcional de Halliday e com a Semiótica Social.

Pedro (1997) destaca que, mesmo antes do início dos contatos entre os pesquisadores supracitados, situados em disciplinas diversas, os mesmos já podiam ser classificados em áreas cujas designações coincidem com as propostas da ACD. Exemplo disto é a explanação de Van Dijk, publicada na revista *Discourse & Society* (1990, Vol. 1 N.º 1 *apud* PEDRO, 1997, p.23), quando o autor enfatizava que o cerne das pesquisas críticas estava na análise “da reprodução do sexismo e do racismo através do discurso; a legitimação do poder; a manipulação do consentimento; o papel da política e dos *media*; a produção discursiva da relação de dominação entre grupos; os desequilíbrios na comunicação e informação internacionais”.

A Análise Crítica do Discurso pode ser entendida como uma forma de análise que conecta a análise textual a contextos sociais e interacionais mais amplos, com o objetivo de

mostrar “como a língua participa de processos sociais” (Fairclough, 2001, p. 229). Segundo Fairclough (2001), a análise pode ser chamada de crítica por “ter o objetivo de mostrar maneiras não óbvias pelas quais a língua envolve-se em relações sociais de poder e dominação e em ideologias” (Fairclough, 2001, p. 229).

Nessa conjuntura, o grande posicionamento deste novo paradigma foi o fato de se considerar a “linguagem como uma forma de prática social” (FAIRCLOUGH, 1989, p. 22)¹³. A fim de que a linguagem fosse assim concebida, era preciso adotar uma leitura dela a partir das seguintes perspectivas: linguagem como parte da sociedade (não algo externo a ela); linguagem como um processo social; linguagem como um processo condicionado socialmente (FAIRCLOUGH, 1989). Também ela seria norteadas por três conceitos básicos: poder, história e ideologia.

Neste mesmo sentido, o entendimento de Fairclough a respeito de *discurso* como manifestação de práticas sociais, corroborou em sua concepção de que o texto, portanto, seria a manifestação linguística de práticas discursivas que, por sua vez, refletem práticas sociais. Em outras palavras, qualquer evento discursivo é considerado, simultaneamente, um texto, um exemplo de prática discursiva e um exemplo de prática social. Assim, o discurso é uma forma de ação sobre o outro e sobre o mundo, além de ser uma representação da realidade, uma vez que valores e identidades são representados de forma peculiar para cada sujeito social:

Os discursos sociais não apenas refletem ou representam entidades e relações sociais, eles as constroem ou as ‘constituem’; diferentes discursos constituem entidades-chave de diferentes modos e posicionam as pessoas de diversas maneiras como sujeitos sociais (FAIRCLOUGH, 2001, p. 22).

O papel da ACD é, portanto, o de entender como funcionam as visões do mundo embutidas na constituição e circunstâncias em que são verbalizadas, em forma de texto. Para trabalhar dentro desta perspectiva, foi assumido um conceito semiótico de linguagem (Kress & Van Leeuwen, 2001 *apud* TÍLIO, 2010), definida como qualquer forma de produção de significados (Fairclough, 2001), incluindo a linguagem verbal e outras semioses (sistemas de

¹³ Tradução nossa.

significação), tais como imagens, gestos, e quaisquer formas de linguagem não verbal. Tais conceitos, situados socialmente, são fundamentais na ACD, pois seu ponto de partida são questões expressas pela linguagem no discurso e que sejam objetos de estudo de sociólogos, cientistas políticos ou educadores (FAIRCLOUGH, 2001).

Nas palavras de Emília Pedro (*op. cit.*, p.15):

Análise crítica do discurso, perspectiva que recusa a neutralidade da investigação e do investigador, que define os seus objetivos em termos políticos, sociais e culturais e que olha para a linguagem como prática social e ideológica e para a relação entre interlocutores como contextualizada por relações de poder, dominação e resistência institucionalmente constituídas.

Utilizando o enfoque da desigualdade social e das formas como os textos denotam poder e ideologia, a ACD além de analisar textos para investigar relações de poder, está também voltada ao propósito de encontrar formas de mudança social.

Ela [a Análise Crítica do Discurso] é crítica, primeiramente, no sentido de que busca discernir conexões entre a língua e outros elementos da vida social que estão normalmente encobertos. Entre eles: como a língua aparece em relações de poder e dominação; como a língua opera ideologicamente; a negociação de identidades pessoais (sic) e sociais (continuamente problematizadas através de mudanças na vida social) em seu aspecto linguístico e semiótico. Em segundo lugar, ela é crítica no sentido de que está comprometida com mudanças sociais contínuas (FAIRCLOUGH *apud* TILIO, 2010, p.88).

Por ter sido criada a partir de outras ciências e correntes disciplinares, a ACD deve ser entendida como interdisciplinar e interdiscursiva. Esta última relaciona sociologicamente a Linguística Sistêmico-Funcional a processos mais amplos de transformação social presentes em sociedades contemporâneas.

Fairclough (2001) defende, ainda, a ACD como transdisciplinar, já que não apenas se utiliza de outros conhecimentos, mas também produz conhecimentos a partir de seu caráter interdisciplinar, à medida que sintetiza uma abordagem própria à luz de outras, em uma mediação entre o social e o linguístico, compondo uma corrente moderna, de caráter reflexivo, em que economia e sociedade dão origem a questionamentos da contemporaneidade (TÍLIO, 2010).

O ancoramento teórico da Análise Crítica do Discurso proposta por Fairclough é produto de grandes influências. Tílio (*op. cit.*, p. 89), enfatiza como grandes influenciadores da proposta do autor britânico:

- 1)- O Marxismo Ocidental, na medida em que enfatiza aspectos culturais da vida cultural ao entender que as relações de dominação e exploração são determinadas e perpetuadas social e economicamente.
- 2)- Os trabalhos arqueológicos e genealógicos de Michel Foucault, que definiu discurso – e não apenas a linguagem - como um sistema de conhecimento que tem como objetivo controlar a sociedade através da regulação do saber e do exercício do poder.
- 3)- As concepções de dialogismo de Mikhail Bakhtin, para quem a linguagem é sempre ideológica.

2.1.1. O Marxismo Ocidental

O aspecto crítico da ACD se originou principalmente na corrente marxista, uma que vez que esta enfatizava as relações de dominação nas sociedades, relações essas que são estabelecidas e mantidas cultural e socialmente (Fairclough, 2001). As concepções do Marxismo Ocidental diferem das do Marxismo Clássico¹⁴ no sentido de que a última entende o conceito de *ideologia* como sempre uma forma de opressão da classe dominante para com a classe dominada.

¹⁴ O Marxismo Clássico foi, essencialmente, uma coerente e elaborada teoria econômica do modo de produção capitalista, exposta em *O Capital*; contudo, sua teoria política sobre as estruturas do Estado burguês ou sobre as

Já no Marxismo Ocidental, embasado na formulação teórica de Althusser, a dominação é plural, tendo o Estado por vezes caráter opressor, mas também papel de regulador da sociedade, o que é realizado por meio dos *aparelhos ideológicos do Estado*. Aqui, ideologia não é apenas um conjunto de ideias, mas ainda elemento de constituição de pessoas em sujeitos sociais e, segundo Fairclough (*op. cit.*, p. 52) “a ideologia funciona pela constituição das pessoas em sujeitos sociais e sua fixação em ‘posições’ de sujeitos, enquanto ao mesmo tempo lhes dá a ilusão de serem agentes livres”.

Semelhante às concepções de Althusser, Gramsci (1971 *apud* TÍLIO, 2010) chamou de *hegemônica* a dominação ideológica de uma classe social sobre a outra. Em uma perspectiva hegemônica, as relações de poder são aceitas cultural e ideologicamente como algo do senso comum e não como imposições.

O conceito de ideologia, segundo Marx, é necessariamente parte de uma estrutura social hegemônica. Fundada em 1929, a Escola de Frankfurt - considerada neomarxista - reelaborou o conceito de ideologia inserindo a cultura no meio social em que a mesma é produzida e como passíveis de mudança e transformação social:

As contribuições de Antônio Gramsci e dos integrantes de Frankfurt, talvez constituam a mola mestra para a concepção sociológica de boa parte do que se produziu na ACD, visto que esta propõe um diálogo entre as ciências humanas e tenta sintetizar teorias linguísticas com influências como a de Habermas, Bourdieu, Adorno e Gramsci permitindo sustentação aos fundamentos do que os analistas críticos do discurso concebem como mudança discursiva e prática discursiva (MELO, 2009, p. 10).

Tais postulados vão ao encontro das concepções de Fairclough, que percebe os sujeitos sociais como atuantes, negando sua “inércia” diante de um Estado repressor. Para ele, ideologias são significações de realidade que são construídas em várias dimensões de sentidos e que

estratégias e táticas da luta socialista revolucionária para a derrubada do capitalismo por um partido operário não estava no mesmo nível de sua teoria. Por outro lado, o Marxismo Ocidental é considerado um deslocamento do centro de temas econômicos e políticos para assuntos de cunho filosófico (ANDERSON, 2004).

contribuem para a produção, reprodução ou transformação das relações de dominação. Concordando com as concepções de Thompson, Fairclough (*op. cit.*, p.117) afirma:

As ideologias embutidas nas práticas discursivas são muito eficazes quando se tornam naturalizadas e atingem o status de 'senso comum'; mas essa propriedade estável e estabelecida das ideologias não deve ser muito enfatizada, porque minha referência a 'transformação' aponta a luta ideológica como dimensão da prática discursiva, uma luta para remoldar as práticas discursivas e as ideologias nelas construídas no contexto da reestruturação ou da transformação das relações de dominação.

Assim, tem-se na noção de hegemonia gramsciana a relação com a ideia de instabilidade de poder que está atrelada ao discurso e ao sujeito, herança dos postulados iniciais de Marx e reformulados na escola de Frankfurt. Tais conceitos firmaram um dos principais alicerces para as concepções de Fairclough.

2.1.2. Michel Foucault

Fairclough atribui a Foucault a popularização do conceito e da análise de discursos. Sua abordagem de análise do discurso é até hoje considerada modelo pelos cientistas sociais, e é a partir dela que Fairclough elaborou uma abordagem com maior orientação a partir do texto em que reconhece e considera vários dos conceitos foucaultianos que são fundamentais e norteadores de qualquer teoria de discurso.

As contribuições deste filósofo contemporâneo (nascido em Paris em 1926 e falecido em 1984) se dão especialmente nas reflexões acerca das relações entre discurso e poder, construção discursiva de sujeito sociais e do conhecimento e funcionamento do discurso na mudança social (FAIRCLOUGH, 2001).

Em Foucault (1972 *apud* FAIRCLOUGH, 2001) discursos são sistemas de conhecimento que incorporam o poder, assim, todo discurso carrega intrinsecamente o poder, em grau variável, e serve para regular a sociedade por meio do controle do conhecimento.

Seu trabalho arqueo-genealógico contribuiu para a ACD em sua perspectiva de orientação textual, chamada por Fairclough de Análise do Discurso Textualmente Orientada (ADTO), com dois postulados.

O primeiro postulado aborda uma visão constitutiva do discurso a partir da noção do mesmo como fator que ativamente constitui/constrói a sociedade em suas várias dimensões. Já o segundo postulado enfatiza a interdependência das práticas discursivas de uma sociedade ou instituição que, em seus textos, sempre recorrerão a outros textos contemporâneos ou historicamente anteriores, e os transformam (essa noção de intertextualidade é advinda do *dialogismo* de Bakhtin, que discutiremos adiante).

No entendimento de Foucault, os objetos de conhecimento são constituídos e transformados em discurso a partir do interesse particular de entidades, ciências ou governos. Esses conhecimentos não existem independentemente, mas são referidos ou construídos em discurso particular. O autor exemplifica com o discurso acerca da loucura, constituído como *psicopatologia* pela área médica. Sua grande contribuição neste trabalho para a análise de discurso é, segundo Fairclough, 2001, p. 66: “a visão de discurso como constitutivo – contribuindo para a produção, transformação e reprodução dos objetos”. E acrescenta: “a linguagem significa a realidade no sentido da construção de significados para ela [realidade], em vez de o discurso ter uma relação passiva com a realidade, com a linguagem meramente se referindo aos objetos os quais são tidos como dados na realidade”.

Foucault trabalhou, ainda, com a ideia do descentramento do sujeito social, que para ele é constituído, reproduzido e transformado na prática social (sujeito fragmentado). A identidade social do sujeito afeta a forma como usa a linguagem, afetando e moldando a identidade social. O sujeito que produz um enunciado não é uma entidade que existe independentemente do discurso, mas uma função do próprio enunciado. Os enunciados posicionam os sujeitos (aqueles que o produzem), mas também para quem eles são dirigidos (FAIRCLOUGH, 2001). Assim, formações discursivas constituem configurações específicas de modalidades enunciativas. Para a ACD, os efeitos da prática discursiva sobre a identidade social constitui sua linha teórica e metodológica.

No trabalho de dez anos depois, intitulado “Microfísica do Poder” e publicado em 1979 (*apud* FAIRCLOUGH, 2001), Foucault dedicou-se ao estudo do poder. O Linguísta britânico enfatiza a sua visão da “natureza do poder nas sociedades modernas que Foucault desenvolve em seus estudos genealógicos a localiza o discurso e a linguagem no coração das práticas e dos processos sociais” (FAIRCLOUGH, *op. cit.*, p. 75).

O poder e o controle modernos se desenvolvem por meio de microtécnicas. As práticas cotidianas funcionam como um poder de controle e ajustamento. As técnicas de poder implicam uma relação dual entre poder e conhecimento. Foucault apresentou também o termo *biopoder* que se refere à forma moderna de exercer o poder. Assim, “analisar as instituições e as organizações em termos de poder significa entender e analisar suas práticas discursivas” (FOUCAULT *apud* FAIRCLOUGH, 2001, p.76).

Fairclough destacou a importância da perspectiva geneo-arqueológica de Foucault na medida em que estas investigaram transformações históricas nas práticas discursivas (análise do contexto) e suas relações com processos de mudança social e cultural, mudança essa que Fairclough defende serem constituídas por mudanças discursivas e não meramente refletora de práticas discursivas¹⁵.

2.1.3. Mikhail Bakhtin

Fairclough encontrou em Bakhtin a sustentação teórica que relaciona *língua e ideologia*, já que o filósofo russo foi o primeiro a propor uma teoria linguística de ideologia (em 1929) em uma visão de que a linguagem é sempre usada de forma ideológica.

Para Bakhtin (2002), a palavra é signo ideológico por excelência, que reflete e refrata a realidade social. Sendo assim, “a palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial” (Bakhtin, *op. cit.*, p. 95).

¹⁵ Estes pontos foram tratados por Fairclough quando elaborou os conceitos de Democratização, Comodificação e Tecnologização, que não serão abordados por não constituírem o cerne desta pesquisa.

Aqui, o discurso é o signo que revela as ideologias e todo signo cultural, quando compreendido e dotado de sentido, vira parte da unidade da consciência verbalmente constituída, ou seja, sai do isolamento e toma uma dimensão social. Assim, todo discurso como signo ideológico está marcado pelo horizonte social de uma época ou grupo social determinado.

Outro grande conceito bakhtiniano largamente abordado em ACD, na vertente textualmente orientada de Fairclough, é o de *dialogismo*. As relações dialógicas abrangem todos os enunciados no processo comunicativo. Assim, o indivíduo enunciator leva em conta outros discursos que estão também presentes no seu.

Desta forma, o enunciado não existe fora das relações dialógicas, enquanto este é moldado por textos anteriores aos quais está ‘respondendo’ e por textos que ainda serão produzidos, os quais antecipam. Essa dinâmica foi chamada por Bakhtin de atitude responsiva:

Toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva (embora o grau desse ativismo seja bastante diverso); toda compreensão é prenhe de resposta, e nesta ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante (BAKHTIN, 2010, p. 271).

O autor afirma ainda, que o leitor se posiciona em relação a um texto do qual se apropria, seja concordando, acrescentando ou fazendo objeções, e todas essas atitudes consistem em uma resposta, caracterizando uma compreensão responsiva ativa:

Nossa fala...é preenchida com palavras de outros, variáveis graus de alteridade e variáveis graus do que é de nós próprios, variáveis graus de consciência e de afastamento. Essas palavras de outros carregam com elas suas próprias expressões, seu próprio tom avaliativo, o qual nós assimilamos, retrabalhamos e reacentuamos (BAKHTIN, 1986 *apud* FAIRCLOUGH, 2001, p. 134).

Neste prisma, o discurso é percebido como reflexo/marca de outros discursos, de outras vozes. O sujeito do discurso é constituído por todas as vozes que o antecederam.

A partir do dialogismo de Bakhtin, foi introduzido um termo largamente utilizado nos estudos linguísticos e em outras disciplinas relacionadas, que é o termo *intertextualidade*, cunhado por Kristeva no final dos anos 60.

Fairclough, ao tratar do assunto, partilha do conceito bakhtiniano atualizado em Kristeva, de que todos os enunciados são constituídos por pedaços de enunciados de outros. Assim, a intertextualidade está relacionada ao conhecimento de mundo que precisa ser partilhado por quem produz e por quem recebe o texto.

O autor ressalta também a relação entre intertextualidade e hegemonia, já que esta relação dialógica entre produtores/reprodutores dos textos “é socialmente limitada e restringida e condicional conforme as relações de poder” (*op. cit.*, p. 135).

Ainda sob o mesmo viés, estabelece a diferença entre intertextualidade manifesta e intertextualidade constitutiva – a que chama interdiscursividade. Na primeira, outros textos estão explicitamente no textual atual, marcados ou sugeridos; no interdiscurso – ou intertextualidade constitutiva – configurações de convenções discursivas interferem na produção dos textos e é o tipo de intertextualidade mais comum em textos diversos.

O estudo do caráter intertextual dos textos é visto como parte indispensável da análise da prática discursiva, já que é uma propriedade dos textos, trazendo em seu interior partes de outros textos, assimilando-os, contradizendo-os, dialogando com eles.

O trabalho de Bakhtin também é significativo à ACD por sua concepção de gêneros, que diz respeito a tipos de textos presentes em determinadas culturas. Qualquer texto deve seguir necessariamente moldes estabelecidos social e culturalmente, embora novos gêneros possam ser criados a partir da combinação de gêneros existentes.

Segundo Bakhtin (2010, p. 261), “todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua”. Essa utilização é realizada pelos enunciados (orais e escritos), que são determinados pelas condições sociais específicas e finalidades de cada uma dessas esferas. Todo enunciado, que é composto pelo

conteúdo temático, estilo verbal e construção composicional, marcados pela especificidade de uma esfera da comunicação, pode ser denominado *gênero discursivo*.

Considerando a heterogeneidade de cada uma das esferas sociais, podem-se destacar também como heterogêneos os gêneros discursivos, pois sua riqueza e variedade são infinitas, da mesma forma que a variedade virtual da atividade humana é inesgotável (BAKHTIN, 2010). Na organização de cada esfera de atividade humana, são produzidos enunciados, que por sua vez, formam gêneros “relativamente estáveis”, isto é, gêneros discursivos que se caracterizam pelo tema, estilo e composição, representando a esfera social na qual são produzidos.

O autor argumenta, ainda, que a natureza do enunciado deve ser descoberta e definida pela análise das modalidades primária e secundária. Os gêneros discursivos primários são simples e se formam nas condições da comunicação discursiva imediata, enquanto os secundários são considerados complexos e surgem em um convívio cultural mais complexo, abrangendo a linguagem escrita em seu meio artístico, científico, sociopolítico, etc. No segundo, está inserida a linguagem literária, que é nosso objeto de estudo, e é na formulação deste tipo de enunciados que estão os gêneros primários e secundários que a partir daí adquirem caráter especial, perdendo o vínculo imediato com a realidade concreta e tornando-se especificamente artístico-literário. Bakhtin enfatizou, também, a relação mútua entre os gêneros primários e secundários e o problema da relação de reciprocidade entre linguagem e ideologia na formação dos gêneros secundários (BAKHTIN, 2010).

2.2. Teoria Social do Discurso: concepção do Modelo Tridimensional

As fortes heranças da ACD em sua orientação textualmente orientada (ADTO) concebem, integradas, o cerne das proposições de Fairclough: uma abordagem que se baseia na percepção da linguagem como parte inseparável da vida social, em diálogo com outros elementos sociais (RESENDE e RAMALHO, 2006).

Nesse sentido, a ADTO proposta pelo linguista britânico tem como base a natureza dialética social do discurso em que o mesmo constitui a realidade social ao mesmo tempo em que

é constituído por ela. Um modelo de análise eficaz precisaria reunir, portanto, análise linguística e análise de teorias sociais, “numa combinação desse sentido mais socioteórico de ‘discurso’ com o sentido de ‘texto e interação’ na análise de discurso orientada linguisticamente” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 22).

O autor salienta a importância de relacionar discurso e estrutura social, numa relação dialética “de um lado, na determinação social do discurso e, de outro, na construção do social no discurso” (*op. cit.*, p. 92). No primeiro caso o discurso é reflexo da realidade social e no outro é a representação idealizada, tendo o social como fonte.

Na formulação de seu modelo de análise se faz presente a forte herança de Halliday, segundo o modelo funcional, considerando as funções identitária, relacional e ideacional da linguagem. A primeira relaciona-se aos modos pelos quais as identidades sociais são estabelecidas no discurso; a função relacional é o modo como as relações sociais entre os participantes do discurso são representadas e negociadas e a função ideacional às maneiras pelas quais textos significam o mundo¹⁶.

Diante de tantos alicerces, a constituição da ACD em sua vertente textualmente orientada fixou seu ponto principal no discurso como um momento de práticas sociais, ciente dos elementos constitutivos dessas práticas, a saber: atividade produtiva, meios de produção, relações sociais, identidades sociais, valores culturais, consciência e semioses.

Todos estes aspectos só podem ser contemplados em uma concepção tridimensional do discurso (FAIRCLOUGH, 2001) em que os elementos textual, discursivo e social, componham o modelo analítico. Neste modelo, textos não podem ser entendidos fora dos contextos discursivos e sociais em que circulam.

¹⁶Em Halliday as funções identitária e relacional são reunidas e chamadas “função interpessoal”. Além disso, Fairclough considera importante em Halliday aspectos textuais, tais como os “tópicos” e “temas” (Cf. FAIRCLOUGH, *op.cit.* p.92).

No modelo tridimensional de Fairclough, utiliza-se a descrição linguística do texto, a interpretação das relações entre os processos discursivos e o texto e a explicação da relação entre os processos discursivos e os processos sociais em que tais ações fazem parte da análise do processo de produção, distribuição e consumo do texto e, na posterior explicação do discurso/texto como prática social ligada à situação, instituição ou sociedade que o mesmo representa (FAIRCLOUGH, 2001).

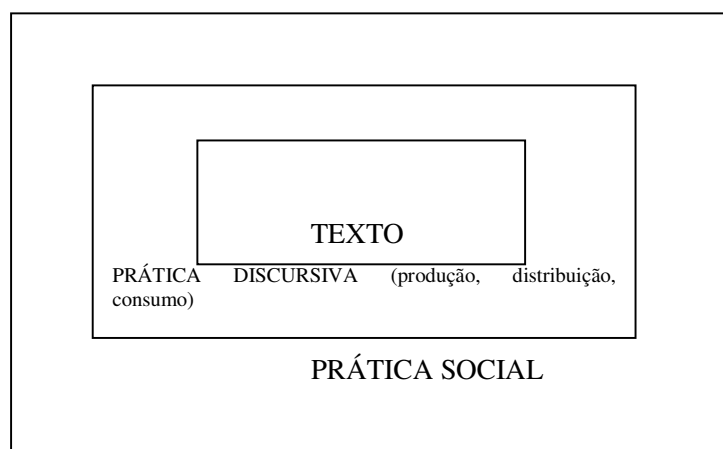


Figura 1 - Modelo tridimensional de análise crítica do discurso (FAIRCLOUGH, 2001, p. 101).

Sob o mesmo enfoque, Fairclough (*op. cit.*, p. 83) salienta sua especificidade no sentido de que a ligação entre a prática sociocultural e o texto é mediada pela prática discursiva:

A forma como um texto é produzido e interpretado [...] depende da natureza da prática sociocultural que o discurso integra (incluindo a sua relação com hegemonias já existentes); a natureza da prática discursiva da produção textual molda o texto, deixando ‘vestígios’ nas suas características superficiais; por fim, a natureza da prática discursiva da interpretação textual determina a forma como serão interpretados os traços superficiais de um texto.

Quando entendemos essa concepção de análise, entendemos o porquê do texto\discurso assumir o posicionamento que considera qualquer evento ou exemplo de discurso como, simultaneamente, um texto (análise linguística), um exemplo de prática discursiva (análise da produção e interpretação textual) e um exemplo de prática social (análise das circunstâncias

institucionais e organizacionais do evento comunicativo) como já havíamos apresentado anteriormente.

Outro aspecto baseado na Linguística Sistêmico-Funcional de Halliday é a concepção de que a linguagem é uma semiótica social, tendo sua forma linguística afetada por circunstâncias sociais. Assim sendo, o sistema gramatical de uma língua está estreitamente relacionado com as necessidades pessoais e sociais para as quais a língua servirá. Destarte, o texto seria unidade semântica e concomitantemente uma forma de interação.

O funcionamento do modelo tridimensional está relacionado a três perspectivas analíticas: *perspectiva multidimensional*, para avaliar as relações entre mudança discursiva e social, além de relacionar particularidades de textos às propriedades sociais dos eventos discursivos; *perspectiva multifuncional*, que averigua mudanças nas práticas discursivas que contribuem para mudar o conhecimento, as relações e as identidades sociais; *perspectiva histórica* para discutir a estruturação na construção dos textos e na constituição, em longo prazo, de ‘ordens de discurso’ (FAIRCLOUGH, 2001, p. 27).

Pedrosa (2005, p. 04) trata especificamente sobre a análise da prática discursiva:

A análise de um discurso, tomado como exemplo particular de prática discursiva, focaliza os processos tanto de produção e de distribuição como de consumo textual. Esses processos são sociais, por isso exigem referência aos ambientes econômicos, políticos e institucionais particulares, nos quais o discurso é gerado. Podemos, ainda, afirmar que a produção e o consumo são, parcialmente, de natureza sociocognitiva. Essa afirmação se justifica porque ambas são práticas que abrangem processos cognitivos de produção e interpretação textual que, por sua vez, são fundamentados nas estruturas e nas convenções sociais interiorizadas (daí o uso do prefixo “sócio”). Portanto, nessa visão, os textos funcionam como traços do processo de produção e pistas do processo de interpretação.

A pesquisadora, ao explicar sobre as três tradições analíticas presentes no modelo de Fairclough – a saber, *descrição* (análise textual); *interpretação* (análise discursiva) e *explicação* (análise social) – observa que nem sempre é nítida a distinção entre “descrição” e “interpretação” e aponta para as recomendações de Fairclough, que orienta para que sejam considerados como

“descrição” os casos em que se destaquem aspectos formais do texto, enquanto na “interpretação” voltar-se-á mais aos processos produtivos, ligados à prática discursiva.

A partir do trabalho do linguista britânico, a pesquisadora brasileira já citada, Cleide Pedrosa (2005), elaborou, de maneira muito didática, quadros que reúnem as categorias de análise do autor britânico e que auxiliarão em nossa explanação acerca do modelo tridimensional por ele proposto.

2.2.1. Análise textual

Com base na tradição de análise textual e linguística, o objetivo desta etapa é o de descrever as características organizacionais gerais, o funcionamento e o controle das interações. Deve ser feita em conjunto com as demais dimensões. A partir dela, Pedrosa (2005¹⁷) elaborou o seguinte quadro:

ELEMENTOS DE ANÁLISE	TÓPICOS	OBJETIVOS
Controle interacional/ Estrutura textual	Geral	Descrever as características organizacionais gerais, o funcionamento e o controle das interações.
	Polidez	Determinar quais as estratégias de polidez são mais utilizadas na amostra e o que isso sugere sobre as relações sociais entre os participantes.
	<i>Ethos</i>	Reunir as características que contribuem para a construção do eu ou de identidades sociais.
Coesão	Geral	Mostrar de que forma as orações e os períodos estão interligados no texto.
Gramática	Geral	Trabalhar com a transitividade (função ideacional da linguagem), tema (função textual da linguagem) e modalidade (função interpessoal da linguagem).
	Transitividade	“Verificar se tipos de processo [ação, evento...] e participantes estão favorecidos no texto, que escolhas de voz são feitas (ativa ou passiva) e quão significante é a nominalização dos processos” (Fairclough, 2001 p. 287.)
	Tema	Observar se existe um padrão discernível na estrutura do tema do texto para as escolhas temáticas das orações.
	Modalidade	Determinar padrões por meio da modalidade, quanto ao grau de afinidade expressa com proposições.
Vocabulário	Significado de palavras	Enfatizar as palavras-chave que apresentam significado cultural, as palavras com significado variável e mutável, o significado potencial de uma palavra, enfim, como elas funcionam como um modo de hegemonia e um foco de luta.
	Criação de palavras	Contrastar as formas de lexicalização dos sentidos com as formas de lexicalização desses mesmos sentidos em outros tipos de textos e verificar a perspectiva interpretativa por trás dessa lexicalização.

¹⁷ Não há indicação do número de página na versão consultada do artigo.

	Metáfora	Caracterizar as metáforas utilizadas em contraste com metáforas usadas para sentidos semelhantes em outro lugar, verificar que fatores (cultural, ideológico, histórico etc.) determinam a escolha dessa metáfora. Verificar também o efeito das metáforas sobre o pensamento e a prática.
--	----------	--

Quadro 1 - Análise textual (PEDROSA, 2005).

A análise textual envolve quatro etapas que serão apresentadas em escala ascendente, a exemplo do que propõe Pedrosa (2005):

- a) **Vocabulário:** estudo das palavras contidas no texto, nos termos criados (lexicalização), em que sempre o analista do discurso procura termos de cunho político e ideológico. Nas palavras de Fairclough, p. 230, “os significados das palavras e a lexicalização de significados são questões que são variáveis socialmente e socialmente contestadas, e facetas de processos sociais e culturais mais amplos”.
- b) **Gramática:** estudo da combinação de significados ideacionais, interpessoais e textuais que são influenciada da Linguística Sistêmico-Funcional de Halliday. Por meio de aspectos gramaticais, são observados traços de autoridade, omissão, marcados pelas topicalizações ou temas.
- c) **Coesão:** análise da arquitetura geral do texto por meio de marcadores que podem situar relações coesivas de determinados tipos no processo de posicionar, por exemplo, o intérprete como sujeito, caracterizando viés marcadamente ideológico.
- d) **Estrutura textual:** descrição de características organizacionais gerais com foco no funcionamento e controle das interações, revelando pressupostos acerca das relações sociais gerais.

2.2.2. Análise Discursiva

O próximo quadro elaborado pela pesquisadora supracitada, sempre em uma releitura das proposições de Fairclough de maneira elucidativa, foi baseado em uma tradição interpretativa,

levando em conta a prática social como algo produzido e apreendido pelas pessoas com base em ideologias partilhadas consensualmente.

PRÁTICAS DISCURSIVAS	TÓPICOS	OBJETIVOS
Produção do texto	Interdiscursividade	Especificar os tipos de discurso que estão na amostra discursiva sob análise, e de que forma isso é feito. “É a amostra discursiva relativamente convencional nas suas propriedades interdiscursivas ou relativamente inovadora?” (Fairclough, 2001, p. 283).
	Intertextualidade manifesta	Especificar o que outros textos estão delineando na constituição do texto da amostra, e como isso acontece. Como ocorre a <i>representação discursiva</i> : direta ou indireta? O discurso representado está demarcado claramente? O que está representado: contexto, estilo ou significado ideacional? Como as <i>pressuposições</i> estão sugeridas no texto?
Distribuição do texto	Cadeias intertextuais	Especificar a distribuição de uma amostra discursiva através da descrição das séries de textos nas quais ou das quais é transformada. (Quais os tipos de transformações, quais as audiências antecipadas pelo produtor?).
Consumo do texto	Coerência	Considerar as implicações interpretativas das particularidades intertextuais e interdiscursivas da amostra. Como os textos são interpretados e quanto de trabalho inferencial é requerido.
Condições da prática discursiva	Geral	Especificar as práticas sociais de produção e consumo do texto, ligadas ao tipo de discurso que a amostra representa. A produção é coletiva ou individual? Há diferentes estágios de produção? “As pessoas do animador, autor e principal são as mesmas ou diferentes?” (Fairclough, 2001, p. 285).

Quadro 2 - Análise da prática discursiva (PEDROSA, 2005).

- a) **Produção do texto:** análise dos conceitos já apresentados de “interdiscursividade” e “intertextualidade manifesta”, propriedades que observam fragmentos de outros textos, que podem estar delimitados explicitamente ou miscigenados com o novo texto, que por sua vez, pode assimilar, contradizer ou ressoar ironicamente os fragmentos deste (s) outro (s) texto (s).

- b) **Distribuição do texto:** análise da distribuição dos textos visando a obtenção de dados quanto aos tipos de transformação que esses textos sofreram. Fairclough (2001) afirma que diferentes textos podem variar radicalmente quanto aos tipos de redes de distribuição e de cadeias intertextuais. Assim, diferentes textos podem ser adaptados a gêneros diferentes (de primário a secundário ou ainda dentre os gêneros secundários).
- c) **Consumo do texto:** estudo de diferentes cadeias de consumo dos textos. Fairclough (*op. cit.*, p. 171) afirma que “a coerência não é uma propriedade dos textos, mas uma propriedade que os intérpretes impõem aos textos, e diferentes intérpretes (incluindo o próprio produtor do texto) possivelmente gere diferentes leituras coerentes do mesmo texto”.
- d) **Condições de práticas discursivas:** análise que considera as práticas sociais de produção e consumo do texto ligadas ao tipo de discurso que o mesmo representa. O contexto social da produção e do consumo evidencia resultados de natureza extradiscursiva (hegemonias, ideologias) e, ainda, de natureza discursiva (polidez, por exemplo).

2.2.3. Análise social

Os objetivos desta análise são “especificar a natureza da prática social da qual a prática discursiva é uma parte, constituindo a base para explicar porque a prática discursiva é como é; e os efeitos da prática discursiva sobre a prática social” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 289).

Pedrosa (2005) destacou as características interpretativas desta análise, que verifica circunstâncias institucionais e organizacionais do evento discursivo e de que maneira as mesmas moldam a natureza da prática discursiva e, a partir disso, apresenta o quadro da análise social.

Fairclough destaca a necessidade de realizar esta etapa da análise de maneira global, inter-relacionando as partes. Nesta etapa, o discurso - visto como prática social – deve ser

verificado sob o prisma ideológico e hegemônico e a apresentação dos itens separadamente tem apenas finalidade de facilitação na exposição:

ELEMENTOS DE ANÁLISE	OBJETIVOS
Matriz social do discurso	“Especificar as relações e as estruturas sociais e hegemônicas que constituem a matriz dessa instância particular da prática social e discursiva; como essa instância aparece em relação a essas estruturas e relações [...]; e que efeitos ela traz, em termos de sua representação ou transformação?” (Fairclough, 2001, p. 289-290).
Ordens do discurso	Explicitar o relacionamento da instância da prática social e discursiva com as ordens de discurso que ela descreve e os efeitos de reprodução e transformação das ordens de discurso para as quais colaborou.
Efeitos ideológicos e políticos do discurso	Focalizar os seguintes efeitos ideológicos e hegemônicos particulares: sistemas de conhecimento e crença, relações sociais, identidades sociais (eu).

Quadro 3 - Análise da prática social (PEDROSA, 2005).

- a) **Matriz social do discurso:** análise que visa a especificar as relações e as estruturas sociais e hegemônicas que compõem essa instância de prática discursiva.
- b) **Ordens do discurso:** análise em que são observados o relacionamento entre prática social e discursiva com as ordens de discurso que a mesma descreve, assim como os efeitos de reprodução e transformação das ordens de discurso com as quais colaborou (PEDROSA, 2005).
- c) **Efeitos ideológicos e políticos do discurso:** estudo em que se verificam sistemas de crenças, relações sociais e identidades.

2.3. Ideologia, discurso e mudança social a partir do conceito de *hegemonia*

Conforme já apresentamos, Fairclough entende as ideologias – à luz de Gramsci, Althusser e Thompson - como construções e/ou significações da realidade que se explicitam em diferentes dimensões de formas e sentidos de práticas discursivas, o que é produto, mas também

interferente na produção, reprodução ou transformação das relações de poder. Nas palavras do autor:

As ideologias são significações/construções da realidade (o mundo físico, as relações sociais, as identidades sociais) que são construídas em várias dimensões das formas/sentidos das práticas discursivas e que contribuem para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação (FAIRCLOUGH, 2001, p. 117).

Práticas discursivas carregam ideologias implicitamente, e estas alcançam alto grau de eficácia quando atingem o “status” de senso comum, e se tornam naturalizadas. É possível inferir que há um processo de naturalização de significados, em um movimento que vai do social para o individual/pessoal, contribuindo para que ideologias sejam tomadas como um dado. Para Fairclough (1989), essa invisibilidade da ideologia a torna mais efetiva, pois colabora para dimensionar o mundo a partir de uma dada perspectiva, posicionando o leitor/ouvinte através de determinadas pistas linguísticas.

Assim, a interpretação de discursos não é um mero processo de decodificação, posto que os interlocutores utilizam-se de representações prototípicas, que são socialmente determinadas e ideologicamente formadas. Entretanto, como o próprio Fairclough (2001, p. 117) ressalva, isso não deve ser entendido de forma reducionista ou determinista, pois “essa propriedade estável e estabelecida das ideologias não deve ser muito enfatizada, porque [sua] referência à ‘transformação’ aponta a luta ideológica como dimensão da prática discursiva, uma luta para remoldar as práticas discursivas e as ideologias nelas construídas no contexto da reestruturação ou da transformação das relações de dominação”.

Quando apresentamos as influências que alicerçaram a fundamentação teórica da ACD, falamos sobre as contribuições de Gramsci – e do Marxismo Ocidental – para a orientação de Fairclough. Vimos que a grande contribuição desta linha de pensamento teórico foi a desmistificação do indivíduo social como assujeitado ao sistema.

Fairclough entende que os sujeitos, mesmo sendo controlados ideologicamente, têm capacidade de agir criativamente, conectando-se e reestruturando suas práticas sociais e ideológicas. O autor afirma que “o equilíbrio entre o sujeito ‘efeito’ ideológico e o sujeito agente

ativo é uma variável que depende das condições sociais, tal como a estabilidade relativa das relações de dominação” (*op. cit.*, p. 121).

Sob esse mesmo prisma, o conceito de hegemonia é apresentado pelo professor britânico (com base em Gramsci) a partir dos seguintes postulados, considerando seu caráter potencialmente modificador de estruturas sociais:

- a) É tanto liderança como exercício do poder em vários domínios de uma sociedade (econômico, político, cultural e ideológico).
- b) É, também, a manifestação do poder de uma das classes economicamente definidas como fundamentais em aliança com outras forças sociais sobre a sociedade como um todo, porém nunca alcançando, senão parcial e temporariamente, um ‘equilíbrio instável’.
- c) É, ainda, a construção de alianças e integração através de concessões (mais do que a dominação de classes subalternas).
- d) É, finalmente, um foco de luta constante sobre aspectos de maior volubilidade entre classes (e blocos), a fim de construir, manter ou, mesmo, a fim de romper alianças e relações de dominação e subordinação que assumem configurações econômicas, políticas e ideológicas.

Ideologia, a partir dessa visão de hegemonia, é “uma concepção do mundo que está implicitamente manifesta na arte, no direito, na atividade econômica e nas manifestações da vida individual e coletiva” (GRAMSCI *apud* FAIRCLOUGH, 2001, p. 123). A produção, a distribuição e o consumo de textos são, em verdade, um dos enfoques da luta hegemônica que contribui, em diferentes graus, para a reprodução ou a transformação da ordem de discurso e das relações sociais e assimétricas existentes.

Hegemonia, em resumo, é o domínio baseado no consenso, na concessão que grupos poderosos fazem a grupos menores, a fim de não desestabilizar o poder. O discurso vem a ser a grande força utilizada para naturalizar práticas sociais hegemônicas, pois ele tem a força de naturalizar condições adversas ou discrepantes socialmente em algo aceito sem questionamento (PEDROSA, 2005).

O aporte teórico oferecido pela Análise de Discurso de linha crítica (ACD ou ADC, como preferem alguns), nos será de primordial utilidade a seguir, quando faremos a análise do discurso de *Vidas Secas*.

A realidade social do sertão e do sertanejo, no contexto histórico brasileiro, foi por nós abordada no capítulo anterior, que relatou a história das secas no Nordeste bem como o engajamento político e comprometimento social de Graciliano Ramos e de outros escritores modernistas. No capítulo a seguir, somaremos a estas informações prévias, uma leitura dos aspectos opressores notadamente trazidos no discurso de Graciliano, utilizando a metodologia de análise proposta pela ACD, destacando os pontos analíticos capazes de revelar nossas pressuposições que compõem as perguntas que objetivam essa pesquisa.

Da bibliografia até o momento trazida, aquelas que serão aproveitadas com maior ênfase em nossa análise “crítica” são aquelas trazidas por Fairclough (1989, 2001) em sua formulação e aplicação em ACD; a atualização dos modelos analíticos trazidos pelo linguista britânico e atualizados por Pedrosa (2005) também nos serão de especial valia, bem como as reflexões acerca dos aspectos sociais da obra *Vidas Secas*, trazidas principalmente por Aguiar e Buriti (2009).

CAPÍTULO III

A OPRESSÃO NO DISCURSO DE VIDAS SECAS: ANÁLISES

*“O Romancista só pode escrever bem
o seu tempo e o seu meio. Eu só sinto o mandacaru”.*

Graciliano Ramos

Graciliano homem e escritor se fundem nas palavras: são elas reveladoras de ideologias, crenças (ou descrenças), exteriorizando no discurso aquilo que vive o homem em seu tempo. O comportamento do cidadão Graciliano, conforme já explanamos, é de um homem consciente e ativo em seu entorno social, mesmo entendendo a Literatura como limitada, já que não é capaz de “atingir” às massas.

Ainda assim, o escritor assume o compromisso de produzir uma arte literária que vai além do entretenimento e revela realidades e desmandos de ordem social, mantendo-se fiel ao estilo rebuscado em sua prosa assertiva, objetiva e calculada, de maneira a não tornar a “Arte Literária” mero veículo de denúncia e elucidações comunistas: a arte precisava ser preservada.

Para realizarmos uma leitura crítica, capaz de vincular teoria e observação, consideramos a obra documento simultaneamente artístico, histórico e social, tecido sob a forma literária. Diante disso, nossa análise assume um caráter interdisciplinar, o que é fundamentado e previsto em ACD pelo próprio Fairclough (2001), que sugere o levantamento daquilo que é útil, dependendo do que quer observar o analista do discurso.

Sobre a metodologia de análise em ACD, Meyer acrescenta: “Por regra geral, se aceita que a ACD não deve entender-se como um método único, porém como um enfoque, isto é, como algo que adquire consistência em vários planos, e que, em cada um de seus planos, exige realizar um certo número de seleções” (MEYER, 2003, *apud* PEDROSA, 2005, p. 10).

Diante disso e por questão de delimitação, faremos a composição do *corpus* de nossa análise a partir de excertos da obra, apresentados conforme seja sua relevância, de acordo com aquilo que pretendemos analisar.

As categorias a serem analisadas foram retiradas dos quadros apresentados na seção anterior que, por sua vez, são resultado das proposições trazidas por Fairclough (2001) e atualizadas por Pedrosa (2005). Nossa escolha partiu do prévio levantamento daquilo que nossa leitura deverá privilegiar, a saber, os processos de opressão sofridos pelos sertanejos, evidenciados na obra *Vidas Secas*.

Não obstante, havia ainda a necessidade de atender aos três níveis de análise apresentados pelo autor britânico – níveis linguístico, discursivo e social –, o que nos levou à seleção de itens que os contemplassem, atendo-nos às diretrizes capazes de revelar aspectos que os evidenciassem na obra.

Podemos afirmar que nosso modo de realizar a seleção – que partiu do olhar enviesado sobre a opressão contra o sertanejo, seguido da seleção de aspectos trazidos pela ACD que fossem capazes de evidenciar tal proposição – é um modo de pesquisa previsto e autorizado por Fairclough (2001, p. 277) na seguinte explanação:

Trata-se de um problema prático de saber-se o que é útil, e como chegar até lá, mas também de ter-se um modelo mental da ordem de discurso da instituição, ou do domínio do que se está pesquisando, e os processos de mudança que estão em andamento, como uma preliminar para decidir-se onde coletar amostras para um corpus.

Com base nisso, selecionamos, dos quadros explanatórios da teoria analítica de Fairclough, os seguintes itens como componentes de nossa análise:

- 1) Significado das palavras – Matriz social do discurso.
- 2) *Ethos* social – Interdiscursividade – Ordens do discurso.

Salientamos, outrossim, que nossa seleção e ordem de apresentação visam a uma explanação mais didática, o que não impede que algumas discussões sejam comuns a mais de um item na análise, o que é natural, dada a própria progressão temática do texto que, em si mesmo, ratifica sua temática, retomando-a repetidamente.

3.1. Significado das palavras – Matriz social do discurso

Nossa análise de significados das palavras no contexto da obra *Vidas Secas* tem a função de observar como esses significados apontam para a presença da opressão contra o sertanejo, marcada no discurso e socialmente observada.

Fairclough (2001) aponta para os significados das palavras como questões variáveis socialmente que devem ser focalizadas em uma pesquisa social.

Embora as palavras apresentem significados relativamente estáveis, em determinados contextos elas possuem significações instáveis. Em outras palavras, a análise do significado das palavras contribui para a análise dos significados representacionais, ou seja, para a lexicalização do texto. As escolhas lexicais trazem representações nos significados das palavras a partir da concepção de que o significado das palavras não é trans-histórico. Pode ocorrer, em certas situações, contextos e momentos históricos, uma “‘relexicalização’ dos domínios da experiência como parte de lutas sociais e políticas” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 102). A variação semântica de um léxico pode ser vista, portanto, como um fator de conflito ideológico e uma forma de luta hegemônica.

De maneira complementar, o estudo da matriz social do discurso visa à especificação das relações e estruturas sociais e hegemônicas que compõem a instância da prática discursiva em análise, ou seja, as estruturas sociais que “matizam” o texto analisado. Dessa maneira, a análise social explanada em práticas sociais estabelece um ponto de partida coerente e eficaz tanto do ponto de vista teórico quanto do metodológico, já que une a análise da interação social à análise das estruturas sociais.

Para a realização de nossa análise, inicialmente faremos a apresentação geral da obra, sinteticamente apresentada parte a parte de forma que nosso leitor entenda o enredo e conheça a dinâmica estrutural que garante a progressão temática do romance.

Em seguida, traremos quadros com a seleção lexical que fizemos a partir dos traços passíveis de serem considerados de opressão contra o sertanejo no contexto de cada capítulo, e ainda no quadro, traremos o significado dicionarizado dos vocábulos selecionados, seguido de nossa análise interpretativa dos aspectos de níveis discursivo e social, reveladores da opressão. Ao final, faremos os comentários gerais a partir daquilo que observamos em nossa análise parcial.

3.1.1. Vidas Secas e o léxico da opressão: análise

O primeiro capítulo de *Vidas Secas*¹⁸, intitulado *Mudança* (p. 9-16), narra a caminhada inicial¹⁹ de Fabiano e de sua família em busca de um lugar em que pudessem se abrigar. Eles caminham pelas areias secas da caatinga, fadigados e famintos. Nesse capítulo, são-nos apresentados os membros da família: Fabiano, Sinhá Vitória, menino mais novo e menino mais velho.

Diante da exaustão física do menino mais velho, que se recusa a continuar a caminhada, Fabiano fica furioso, ofendendo o filho como “excomungado do diabo” e fustigando-o com a batinha de seu facão. Ao perceber que o menino realmente não conseguia mais caminhar, o sertanejo se compadece e carrega o enfraquecido garoto.

A cachorra Baleia também acompanha os sertanejos, que estavam sem a companhia de seu outro animal de estimação, o papagaio, que tinha sido sacrificado no dia anterior para abrandar a fome que se abatia sobre a família.

¹⁸ RAMOS, Graciliano. 115ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.

¹⁹ Vale a ressalva de que apesar de ser o início da obra o narrador sugere uma narrativa anterior, dando a ideia de continuidade.

Andarilha sem rumo certo, a família encontra uma fazenda abandonada e tenciona ali se fixar. A cachorra Baleia, então, aparece com um preá entre os dentes, trazendo o animal como alimento para a família, o que causa grande alegria a todos, afinal, aquilo representava possibilidade de comida no local. Em seguida, Fabiano procura pelo bebedouro mais próximo e encontra alguma água. Surge no peito do sertanejo uma nova esperança: havia alguma chance de ressurreição para eles.

A inesperada caça é preparada e todos comem dela. Enquanto isso, a esperta cachorra Baleia aguarda submissamente pelos ossos.

O promissor céu cheio de nuvens aumenta ainda mais as esperanças de Fabiano, que, então, decide ficar: seria o “dono” daquela fazenda e a vida deles certamente melhoraria.

No capítulo seguinte, de título homônimo do personagem central, o narrador apresenta o grau de satisfação de *Fabiano* (p. 17-26): ao pensar na vida errante que ele e sua família vinham enfrentando, Fabiano sente orgulho por estar conseguindo vencer as dificuldades. Em sua força e resistência, o sertanejo parece um bicho, e isso é bom.

O lugar onde estão instalados não é deles, então Fabiano teria de ser vaqueiro em fazenda alheia.

O dono aparece e exige a saída da família, mas Fabiano oferece seus préstimos como vaqueiro e tem de se submeter aos “termos” impostos pelo patrão. Essa é uma situação difícil, típica de quem não tem nada e não é nada. Novamente Fabiano se sente como um animal, mas dessa vez com uma conotação negativa.

Fabiano pensa em seu Tomás da bolandeira, provavelmente um de seus patrões antigos, que também tinha saído do sertão fugindo da seca. O fato de que seu Tomás era um homem hábil com as palavras desperta a admiração de Fabiano, que, por vezes, tenta imitá-lo, mas não consegue, falando frases desconexas e atrapalhando-se por inteiro.

Fabiano conclui que tem que se comportar como gente de sua “laia”: um ninguém, um bicho, uma coisa da fazenda alheia, alguém que nunca conheceria as palavras e que deveria

apenas desempenhar seu papel. O vaqueiro se preocupa também com o comportamento dos filhos, que, a seu ver, estavam curiosos e perguntadores demais, o que era ruim, já que as palavras eram perigosas na opinião de Fabiano, afinal até seu Tomás, tão “conhecedor”, precisou fugir da seca.

Pensa na brutalidade do atual patrão que o tratava como um traste. Pensa em Sinha Vitória e em seu desejo de possuir uma cama de lastro de couro, igual à de Seu Tomás da bolandeira. Eles não poderiam ter esse luxo, “cambembes” que eram. Fica confuso: era um forte ou um fraco, um homem ou um bicho? Sente-se com o ímpeto de um lutador e a fraqueza de um derrotado. Talvez, quando as coisas melhorassem, poderiam pensar em luxos como esses de querer saber coisas ou pensar. Por enquanto, precisavam sobreviver. Falaria com Sinha Vitória sobre a educação dos meninos.

O capítulo seguinte, *Cadeia* (p. 27-38), é um dos mais emblemáticos na temática da opressão: Fabiano se dirige à vila da cidade para comprar mantimentos, um pedaço de tecido encomendado por Sinha Vitória e querosene. O sertanejo se sente incomodado com a qualidade do querosene (que julga estar “batizado”) e com o corte do tecido (que julga caro) e teme que esteja sendo roubado no tamanho do pano. Resolve, então, beber um pouco de pinga na bodega de seu Inácio. Lá estando, um soldado amarelo convida-o para um jogo de cartas. Fabiano não quer ir, mas se põe a dizer palavras desconexas, tentando imitar Seu Tomás da bolandeira, e o soldado acaba levando-o para o jogo. Os dois perdem e isso irrita o soldado, que provoca Fabiano quando esse já estava de partida. A ideia do jogo havia sido desastrosa: perdeu dinheiro, não levaria para casa o prometido. Fabiano, então, passa a pensar em como enganar Sinha Vitória, mas a dificuldade de engendrar um plano o atormenta.

Seguindo atrás de Fabiano, o soldado, provocador, barra a passagem do vaqueiro e se põe a pisar no pé dele. Fabiano, por sua vez, aguenta calado por um bom tempo, mas diante da insistência do amarelo, acaba por xingar sua mãe. O esperto policial, então, prende e humilha Fabiano incessantemente.

No cárcere, Fabiano se pergunta por que havia acontecido tudo aquilo com ele: não fez nada, se quisesse até bateria no mirrado amarelo. Em meio a rudes indagações, enfurece-se,

acalma-se, protesta. Amola-se com o bêbado e com a quenga que estavam em outra cela, pensa na família – se não fosse Sinhá Vitória e as crianças, já teria feito uma besteira por ali mesmo. Arquiteta vinganças, grita com os outros presos e, ao final, conclui que, assim como ele, os filhos seriam “reses de um patrão invisível” e que sofreriam humilhações e seriam maltratados e machucados por um soldado amarelo, assim como ele estava sendo.

Prosseguindo na sequência que apresenta cada um dos personagens, o capítulo seguinte é *Sinhá Vitória* (p. 39-46). Nesse capítulo, a mulher havia amanhecido mal humorada ou “nos seus azeites”. O motivo de sua zanga eram as dores no corpo provocadas pelo sono na cama de varas. Sinhá Vitória mais uma vez fala ao marido sobre o desejo de obter uma cama como a de seu Tomás da bolandeira, como a de todas as pessoas normais.

Já fazia um ano que discutia com o marido a necessidade de uma cama decente e, em meio a uma discórdia por causa das "extravagâncias" de cada um, Sinhá Vitória ouve Fabiano dizer-lhe que ela ficava ridícula naqueles sapatos de verniz, caminhando como um papagaio, trôpega, manca. A comparação entristece a mulher.

Sinhá Vitória irrita-se com o ronco de Fabiano e circula pela casa. Faz suas tarefas em meio à reza e aos meninos brincando do lado de fora da casa. Por pensar ainda na cama e na comparação maldosa de Fabiano, quase se esquece de pôr água na comida. Vem-lhe a lembrança do bebedouro em que só havia lama: medo da seca. Olha de novo para seus pés e inevitavelmente acha Fabiano mau. Pensa no papagaio e sente pena dele.

Do lado de fora, os meninos brincam em meio à sujeira. Dentro de casa, Fabiano ronca forte, seguro, o que indica à Sinhá Vitória que não deveria haver perigo algum por ali. A seca deveria estar longe. As coisas pareciam mais estáveis, apesar de toda a dificuldade. Sinhá Vitória se lembra de como haviam sofrido em suas andanças. Só faltava mesmo a sonhada cama.

Em *O menino mais novo* (p. 47-54), vemos a admiração que o filho caçula nutre pelo pai: certa feita, ao ver a altivez de Fabiano armado como vaqueiro domando uma égua brava, o menino tem a ideia de imitá-lo. Impressionado com a façanha do pai e disposto a fazer algo que também impressionasse o irmão mais velho e a cachorra Baleia, o menino acorda, um dia,

animado. Antes de realizar seu plano, pensa em comunicar a intenção ao irmão, mas evita, com medo de ser ridicularizado.

Quando as cabras vão ao bebedouro, levadas pelo menino mais velho e por Baleia, o pequeno toma o bode como alvo de sua ação. Sente-se altivo como Fabiano quando montava. No bebedouro, o garoto pula direto da ribanceira sobre o animal, que o repele. Insistente, tenta se aprumar, mas é sacudido impiedosamente, praticando um involuntário salto mortal que o deixa tonto, estatelado ao chão. O irmão mais velho ri sem parar do ridículo espetáculo, enquanto Baleia parece desaprovar toda aquela loucura. Fatalmente seria repreendido pelos pais. Retira-se humilhado, alimentando a raivosa certeza de que seria grande, usaria roupas de vaqueiro, fumaria cigarros e faria coisas que deixariam Baleia e o irmão admirados.

Em *O menino mais velho* (p. 55-62), o conflito se dá pelo desejo que o garoto tem de compreender a palavra inferno. O menino se dirige à mãe na busca de informação sobre o significado da palavra proferida por Sinha Terta e por ele ouvida. A mãe lhe dá uma resposta evasiva sobre “certo lugar ruim demais”, “com fogueiras e espetos quentes” e diante da aparente espera do garoto por algo mais, ela encolhe os ombros. Ainda buscando resposta, o menino dirige-se ao pai, que também não responde e ainda “ralha”. Decidido a descobrir, vai ter novamente com a mãe e arrisca, perguntando se ela já tinha visto o tal lugar. Diante da pergunta do garoto, Sinha Vitória se irrita e aplica um cocorote na cabeça do filho, que foge indignado. Baleia faz-lhe companhia, tentando alegrá-lo naquela hora difícil.

O menino mais velho decide contar à cachorrinha uma história, mas o seu vocabulário é muito restrito, quase igual ao do papagaio que morreu na viagem. Só Baleia é sua amiga naquele momento. Por que tanta zanga com uma palavra tão bonita? Fica ali, envolto em seus pensamentos e a repetir a palavra, certo de que no inferno haveria cocorotes, puxões de orelha e pancadas com bainhas de faca. Em certo momento, o menino se lembra da palavra “infeliz”, mas afasta de si a curiosidade “funesta”, com medo de novo cascudo. Olha para o céu e sente-se melancólico. Como poderiam existir estrelas? Pensa novamente no inferno. Deveria ser, sim, um lugar ruim e perigoso.

Inverno (p. 63-70) começa relatando a “interação” da família sentada em torno de uma fogueira, tentando aplacar o frio. Do lado de fora, chove torrencialmente, e isso deixa Fabiano mais tranquilo e otimista a respeito do futuro de todos. Fabiano e Sinhá Vitória conversam da habitual forma estranha de sempre, enquanto isso, os meninos – especialmente o mais velho – ouvem atentamente a conversa dos pais. O pai conta histórias inventadas, de feitos que ele nunca tinha realizado, aventuras nunca vividas. Quando o mais velho se levanta para buscar mais lenha, é repreendido severamente pelo pai, aborrecido pela interrupção de sua narrativa.

A chuva indica à família que a seca não chegará tão cedo, o que alegra Fabiano. Sinhá Vitória, porém, teme por uma inundação que os faça subir ao morro, novamente errantes. A água, lá fora, ameaça invadir a casa.

Enquanto a mulher teme a enchente, Fabiano empolga-se mais ainda em contar suas façanhas. A chuva veio em boa hora. Após a humilhação na cidade, ele tinha pensado em abandonar a família e partir para a vingança contra o soldado amarelo e demais autoridades que lhe atravessassem o caminho. A chegada das águas interrompeu aqueles planos sinistros. Em meio à narrativa empolgada, Fabiano imagina que as coisas melhorariam a partir dali: quem sabe, Sinhá Vitória até pudesse ter a cama tão desejada.

O menino mais novo observa a sombra do pai, entremeada pelo fogo e projetada na parede, enxergando-o grotesco e exagerado. Já o garoto mais velho, apesar de interessado pelas narrativas do pai, fica aborrecido com as incoerências das histórias. Ele queria entender aquilo tudo que o pai contava, mas percebia a inverossimilhança daqueles feitos. Adormece pensando na falha do pai. “Brigaria por causa das palavras” e imaginava que com isso seria mais forte.

Enquanto isso, para a cachorra Baleia, interessava apenas encontrar sossego para dormir em paz.

No capítulo seguinte, a família se dirige à *Festa* (p. 71-84) de natal da cidade. Estavam todos vestidos com roupas do mesmo tecido, e seus trajes eram incomuns às suas figuras, o que lhes atribuía certo ar ridículo. A caminhada rumo à cidade era longa e as vestimentas e calçados atrapalhavam ainda mais. Exausto das roupas apertadas e curtas e dos sapatos apertados, Fabiano

retira as botinas, sendo seguido pelos demais membros da família. Voltam, enfim, a andar curvados como sempre. A essa altura, a cachorra Baleia alcança e acompanha os donos pelo caminho.

Chegando à cidade, vão todos lavar-se à beira de um riacho antes de se integrarem à festa. Sinha Vitória carregava um guarda-chuva, procurando imitar os gestos das moças citadinas. Fabiano marchava teso. Os meninos estavam maravilhados e assustados com tantas luzes e gente. A igreja, com as imagens nos altares, encantava-os mais ainda.

O pai espreme-se no meio da multidão, sentindo-se cercado de inimigos. Percebe que é caçado por aquelas pessoas que o viam em trajes estranhos à sua bruta feição. Ninguém na cidade era bom. Lembra-se da humilhação imposta pelo soldado amarelo quando esteve pela última vez na cidade.

A família sai da igreja e vai ver o carrossel e as barracas de jogos. Fabiano afasta-se da família e vai beber pinga. Embriagando-se, vai ficando valente. Imagina, com raiva, por onde andaria o soldado amarelo. Queria esganá-lo. No meio da multidão, grita, provoca um inimigo imaginário. Queria bater em alguém, poderia matar se fosse o caso. Vez ou outra interrompe suas imprecações para uma confusa reflexão. Cansado do seu próprio teatro, Fabiano deita no chão e dorme pesadamente.

Sinha Vitória, aflita, precisava olhar os meninos e ainda velar pelo sono do marido, que estava naquele estado. Tomando coragem para realizar um desejo incontrolável, discretamente dirige-se para uma esquina e urina ali mesmo. Em seguida, para completar o momento de satisfação, pita num cachimbo de barro, pensando numa cama igual à de seu Tomás da bolandeira.

Os meninos também estavam aflitos, afinal, Baleia tinha sumido na confusão de pessoas, e o medo de que ela se perdesse e não mais voltasse era grande. Porém, para alívio dos pequenos, a cachorrinha surge de repente e cessa aquela tensão. Aos pequenos, naquele momento, restava o encantamento com tudo de novo que viam. O menor pergunta ao mais velho se tudo aquilo tinha

sido feito por gente. Para o maior, a dúvida era se todas aquelas coisas teriam nome: como os homens poderiam guardar tantas palavras para nomear as coisas?

Enquanto isso, alheio a tudo, Fabiano roncava e sonhava com soldados amarelos.

Na sequência, a passagem detalhada sobre *Baleia* (p. 85-92) descreve a enfermidade da cachorrinha: ela estava com feridas na boca, seus pelos tinham caído e seus lábios estavam muito inchados, indicando hidrofobia. Diante disto, Fabiano decide que precisaria sacrificá-la. Sinhá Vitória, então, retira os meninos do terreiro e os leva para dentro da casa, para evitar que assistissem à cena do sacrifício.

Dentro de casa, os meninos reclamam em protesto, pressentindo o acontecimento trágico. A mãe tenta acalmá-los, dizendo que aquilo era necessário, mas ela também tinha dúvidas se aquilo não podia tardar um pouco mais a acontecer.

Ao ouvirem o primeiro tiro – que acerta a parte traseira da cachorra, imobilizando-a – os meninos começam a chorar desesperadamente.

Lá fora, Baleia tenta fugir e se arrasta com muito sacrifício até o juazeiro, buscando uma sombra. Sente o fim próximo, tenta esconder-se e até deseja morder Fabiano. Um nevoeiro turva a visão da cachorrinha. Sente um cheiro bom de preás. Em meio à agonia, sente raiva de Fabiano, mas também o vê como o companheiro de muito tempo. Baleia observa as cabras livres e, em sua visão já turva, escurecida, entende ser noite e tenciona realizar sua habitual vigilância às cabras. Sente que tinha servido a Fabiano. Tudo se mistura nos pensamentos da cachorrinha: Fabiano, Sinhá Vitória e as crianças surgem à Baleia em meio a uma inundação de preás que invadem a cozinha. Dores e arrepios. Sono. Ela acordaria em um mundo cheio de preás.

Fabiano tinha direito à quarta parte dos bezerros e à terça parte dos cabritos na partilha, apresentada no capítulo *Contas* (p. 93-100). Na hora de fazer o acerto de contas com o patrão, sempre tinha a sensação de que havia sido enganado. Ao longo do tempo, com a produção escassa, não conseguia dinheiro e endividava-se, já que precisava repassar suas criações a preços ínfimos.

Nesse capítulo, Fabiano pede à Sinha Vitória para fazer os cálculos de seus recebimentos. A mulher usava sementes diferentes e chegava a um número que sempre diferia dos do patrão, que argumentava que aquela diferença era por causa dos juros. Fabiano decide reclamar, mas imediatamente é destratado pelo patrão, que exige que ele e a família se retirem das suas terras. Submisso, Fabiano pede desculpas, argumentando que certamente havia sido erro da mulher.

Arrasado, já na rua, volta-lhe a raiva. Lembra-se do dia em que foi vender um porco magro na cidade e o fiscal da prefeitura exigiu o pagamento do imposto sobre a venda. Fabiano desconversou e disse que aquilo não era porco, mas só carne, o que irritou o cobrador. Sem saída, Fabiano desculpou-se e afirmou que não iria mais vender o animal e nem mesmo criar porcos, afinal, aquilo era perigoso.

Pensa na dificuldade de sua vida. Queria largar aquela exploração, mas não podia: seu destino era trabalhar para os outros, assim como fora com seu pai e seu avô.

Fabiano molha as parcas notas que tinha nas mãos, enraivecido diante de sua situação. Pensa nos “tais” juros aos quais se referia o patrão e percebe que sempre que queriam aproveitar-se dele, usavam palavras difíceis. Sente raiva dos homens da cidade. Somente a mulher era capaz de entendê-lo.

Resistindo ao desejo de beber, Fabiano regressa de volta a casa. Volta a pensar em si e em sua família. Lembra-se da cachorrinha e tem pena dela, afinal, ela era um membro da família.

Em *O soldado amarelo* (p. 101-108), temos Fabiano caminhando pela caatinga em busca da égua ruça, que estava fugida. O vaqueiro mete-se por uma vereda e tem o cabresto embaraçado na vegetação local. Facão em punho, começa a cortar as quipás e palmatórias que impediam o prosseguimento da busca, quando, então, se depara com o soldado amarelo, que o humilhou um ano antes. O cruzar de olhos e o reconhecimento dura fração de segundos, o suficiente para que Fabiano esfolasse o inimigo. O soldado claramente treme de medo, pois também reconhece o desafeto antigo e pressente o perigo.

Fabiano fica irritado consigo mesmo: ele olha o franzino e apavorado soldado e sabe que poderia acabar com ele usando somente as mãos. A fragilidade do amarelo vai aplacando a fúria do vaqueiro. Ao mesmo tempo, Fabiano fica indignado consigo mesmo, por não conseguir ter uma atitude mais decidida: aproxima-se do outro, pensando que já tinha sido mais valente, mais ousado. Na verdade, naquela fração de segundo interminável, Fabiano vai descobrindo-se amedrontado. Seus pensamentos alternam entre o respeito à figura do governo e a dúvida de que se alguém que agia como o soldado poderia ou não ser considerado “governo”. Sente um ódio profundo daquela criatura que atacava criaturas inofensivas e tem raiva de si mesmo por não conseguir reagir. Está mudado. Em outros tempos, sua reação seria outra.

Sentindo o inimigo acovardado, o soldado ganha força. Avança firme e pergunta o caminho. Fabiano tira o chapéu em reverência e ainda ensina o caminho ao amarelo: “- Governo é governo”, brada, afinal.

O sertão estava sendo invadido por aves de arribação. O início do capítulo *O mundo coberto de penas* (p. 109-116) revela que uma seca estava sendo anunciada. Na verdade, Sinha Vitória havia dito a Fabiano que aquelas aves eram malditas, porque matavam o gado. O vaqueiro duvidou da coerência daquela assertiva, e ficou a pensar no assunto. Caminhando até o bebedouro, vai compreendendo que as aves bebiam o pouco da água que ainda havia no sertão, o que logo causaria a morte das criações. Fabiano sente admiração pela mulher, pois percebe que ela estava certa.

O bebedouro coberto de aves anuncia a tragédia: um tiro de espingarda elimina cinco, seis delas, mas eram muitas. Fabiano tem certeza, agora, da necessidade de uma nova peregrinação, uma nova fuga. Era só desgraça atrás de desgraça. Sempre fugido, sempre pequeno.

Fabiano não se conforma, pensa com raiva no soldado amarelo, acha-se um covarde, um fraco. Irado, mata mais e mais aves. Serviriam de comida, mas até quando? Torce para que a seca não chegue. Precisava nutrir a esperança, mas o céu escuro de arribações só confirmava a triste situação. Elas cobriam o mundo de penas, matando o gado, tocando-os dali e, quem sabe, até comendo-os.

Fabiano recolhe as aves abatidas e sente-se confuso: pensa no patrão explorador e na pobre da cachorrinha Baleia e conclui que aquele lugar era amaldiçoado. Sinha Vitória, esperta como era, compreenderia a necessidade da partida.

E, assim, inicia-se a *Fuga* (p. 117-128) da família. Fabiano espera o máximo de tempo que pode, mas o céu muito azul, as últimas arribações no céu e a magreza dos animais anunciam que é chegada a hora da partida. O bezerro “morrinhento” é abatido para servir de alimento durante a viagem.

Partem de madrugada, abandonando tudo como encontraram. Era preciso sair antes que o patrão viesse e quisesse cobrar a dívida indissolúvel. O caminho era o do sul. A família, errante, continuava a mesma, exceto pela falta da estimada cachorra. Fabiano, no fundo, não queria partir, mas as circunstâncias convenciam-no da necessidade.

O vaqueiro sente um medo arrebatador da fome e da miséria. Está tomado de tristeza, lembrando sempre de Baleia. Sinha Vitória está igualmente preocupada. A mulher sente necessidade de falar, de externar seus pensamentos. Fala com o marido por interjeições e frases pouco conexas, e ele concorda, respondendo com uma confusão ainda maior de palavras. Na verdade, as palavras de Sinha Vitória serviam como consolo ao sertanejo.

Ela busca animar-se e animar ao marido: quem sabe a vida fosse melhor longe dali, com uma nova ocupação para ele. Marido e mulher elogiam-se mutuamente; ele era forte, aguentaria longas caminhadas, enquanto ela tinha pernas grossas e nádegas volumosas, resistiria também. A cidade, talvez, fosse melhor. Até uma cama poderiam arranjar. Por que haveriam de viver sempre como bichos fugidos?

O casal especula sobre o futuro dos filhos. Fabiano sugere que sejam vaqueiros, mas Sinha Vitória é enfática, dizendo que não o seriam. O cansaço ia chegando à medida que se avançava a caminhada. Fazem uma parada para descanso e almoço. Novamente marido e mulher conversam, fazendo planos, temendo o mau agouro das aves que voavam no céu.

Sinha Vitória acorda os pequenos, que dormiam, e segue-se a viagem. Fabiano ainda admirava a vitalidade da mulher. Era forte mesmo! Assim, a cada passo arrastado do grupo, um mundo de novas perspectivas ia sendo criado. Sinha Vitória falava e estimulava Fabiano. Sim, deveria haveria uma nova terra, cheia de oportunidades, distante do sertão, onde os meninos estudariam e aprenderiam “coisas difíceis e necessárias”. Quanto ao sertão, este continuaria a formar e mandar homens brutos e fortes como Fabiano e sua família.

Temos, a seguir, a construção da obra, capítulo a capítulo, a partir de uma seleção lexical capaz de expor os elementos representativos da opressão. Vejamos as palavras que reafirmam a constituição do sertanejo como oprimido:

MUDANÇA		
Léxico representativo da opressão	Significado das palavras	Análise dos aspectos discursivos e sociais da palavra no contexto da obra
infelizes	Sing.: que(m) não é feliz; descontente; que(m) não foi favorecido pelas circunstâncias; desgraçado* ²⁰ .	O primeiro adjetivo trazido pelo narrador revela a condição inicial dos sertanejos: a de infelizes.
Fabiano	• Sujeito qualquer; desconhecido, fulano**²¹. • Indivíduo inofensivo; pobre diabo; indivíduo qualquer, desconhecido, sem importância, um João-ninguém***²².	Conhecido pelo rigor no uso das palavras, Graciliano provavelmente não realiza uma escolha aleatória ao optar por “Fabiano” como nome do protagonista da obra. O nome carrega intrinsecamente o sentido de inferioridade, no sentido de ser “um qualquer”, o que representa a crítica de caráter social já presente.
cambaio	Que(m) tem pernas tortas; que(m)	O léxico típico do sertão configura

²⁰ *Nesta ocorrência e nas subsequentes, fonte: Dicionário Houaiss.

²¹ ** Nesta ocorrência e nas subsequentes, fonte: Dicionário Caldas Aulete on-line.

²²*** Nesta ocorrência e nas subsequentes, fonte: Dicionário Aurélio.

	tem dificuldade de andar; cambeta, trôpego*.	autenticidade e coerência ao texto, além de contribuir para a criação de imagens na caracterização descritiva dos personagens.
condenado	Indivíduo que recebeu condenação, que é ou foi condenado; Fig.: infeliz, desgraçado**.	Fabiano se refere ao filho mais velho como “condenado do diabo”. Além de ser uma expressão popular, remete à crueza e brutalidade às quais viviam os sertanejos, que a exemplo de seu entorno reproduziam a “secura” em seus comportamentos.
acuado	Que se acuou; encurralado, cercado; Fig.: sem saída, sem possibilidade de reação **.	Diante da fúria do pai, o menino mais velho se sente acuado, mas ainda assim, permanece deitado, exausto.
excomungado	Que sofreu pena de excomunhão; Fig.: indivíduo odioso, maldito**.	Fabiano, desejando que o menino prosseguisse na marcha, novamente o chama à atenção. Esse é um dos termos ligados à religião que pertencem à linguagem comum e que aparecem repetidas vezes na obra.
grosso	Bras. Pop.: mal-educado, rude, grosseiro; pessoa impolida**.	O narrador se refere ao coração de Fabiano como “grosso”. No trato com o filho, o vaqueiro mostra sua rudeza e impaciência diante da “desgraça” iminente.
desgraça	• Má sorte; adversidade; infelicidade; infortúnio; • Acontecimento funesto; tragédia; calamidade; • Fig.: miséria **.	Veremos que a palavra “desgraça” aparece em quase todos os capítulos. Parece-nos ser a tradução mais perfeita da vida desses personagens, sobretudo no sentido social.
atribulado	• Que passa por dificuldades (inclusive morais), que sofre atribulação; que é ou está atormentado física ou moralmente; aflito; agoniado; angustiado; • Cheio de problemas, dificuldades e obstáculos **.	Com seu “espírito atribulado”, Fabiano pensa em abandonar o menino ali mesmo na estrada, mas tem pena e resolve carregar o filho. O termo expressa bem o momento do conflito e amplia seu sentido em passagens seguintes, em que as atribuições se multiplicam na vida de Fabiano e de sua família.
guturais	Sing.: diz-se de som produzido ou alterado no interior da garganta (ronco <u>gutural</u> , voz <u>gutural</u>)**.	Primeira referência feita aos tipos de sons emitidos por Sinha Vitória e também pelos demais da família e utilizados na comunicação primitiva de linguagem que mantêm. Esse é um dos recursos que denotam a pouca “civildade” da família e a

		deixa à margem da sociedade, afinal, aqueles viventes não conseguiam expressar seus pensamentos, seus sentimentos.
viventes	Sing.: que vive; que tem vida; vivo **.	Na situação da caminhada em busca de algum lugar para ficar, a família passa pela fome e exaustão extremas, precisando comer o papagaio, diminuindo a quantidade de “viventes” ou sobreviventes daquela jornada pelo deserto da caatinga. No contexto da obra, o termo vai adquirindo maior significação e ganhando dramaticidade, transpondo seu valor inicial, dicionarizado.
cambitos	Singular: • Pernil de porco; • Perna fina; gambito; • Forquilha dupla de madeira, em forma de V, que se prende de cada lado do lombo das bestas de carga; • Peçaço de madeira usada para torcer, apertar e fixar correias, cordas, por exemplo, para prender cargas ao lombo de animais **.	A referência aqui é aos braços finos do menino mais velho. Os personagens se assemelham à paisagem, o que os torna integrantes daquele entorno como parte intrínseca e os deixa à margem da sociedade dita “constituída”.
retirantes	Sing., Bras.: Pessoa que, sozinha ou em grupos, se retira da região onde mora (geralmente no Nordeste brasileiro) para uma região aparentemente mais promissora**.	Em busca de um lugar melhor para viver em seu próprio território (capítulo inicial), a família não conta com nenhuma infraestrutura que possa auxiliá-los a se manterem dignamente em suas terras, o que culmina no advento da migração (capítulo final).
calados	Sing.: que está em silêncio; que fala pouco ou geralmente não fala muito **.	Exaustos, com recursos minguados material e intelectualmente, os indivíduos da família permanecem boa parte do tempo calados. Nessa passagem, o motivo do silêncio é a tristeza por terem necessitado matar e comer o papagaio.
molambos	Sing.: pedaço de pano velho, sujo e rasgado; roupa velha ou esfarrapada; andrajo; farrapo;	Na condição de andarilha sem rumo certo, a família criada por Graciliano parece um grupo de mendigos e

	frangalho; trapo **.	compõe o já descrito cenário real das vítimas das secas pelos interiores sertanejos do Nordeste do Brasil da época.
trepou-se	Infinitivo: • Subir em (algo) agarrando-se com os pés e com as mãos; • Ir para (lugar mais alto, mais elevado); • Ir para cima, para lugar alto ou mais alto; • Colocar (-se) em cima de **.	A simplificação da linguagem do narrador, à semelhança da família, constrói a base necessária para a utilização do discurso indireto livre, presente em vários trechos, e ainda contribui para o enredamento da ideia de sofrimento e opressão suportados pela família.
miudinhos	Adj. Sing.: • De pequeno tamanho; diminuto; • Sem importância; fútil; insignificante; mesquinho **.	Novamente um termo que contribui para a tessitura da linguagem do sofrimento e da opressão, expressando a pequenez física e moral daquelas pessoas.
amodorrando	Amodorrar: cair ou fazer cair em modorra, em sonolência; deixar-se dominar pelo abatimento, pelo vício**.	Diante da exaustão iminente, os sobreviventes se entregam ao abatimento, à sonolência. É nesse momento que são surpreendidos pela cachorra Baleia, que traz um preá para alimentar a família.
coisa	Fig.: nada; ter ou não ter importância, mérito, valor (diz-se também de pessoa) **.	Esse termo inicia a reflexão acerca dos atributos de Fabiano, que tem dúvidas quanto a ser homem ou bicho. “Coisa” expressa o alto grau de exclusão dessas pessoas e reitera a opressão crescente a cada capítulo.
ressurreição	• Retorno à vida após a morte; • Fig.: ressurgimento de algo ou alguém **.	A chegada à fazenda abandonada representa uma nova esperança, um possível ressurgimento depois da pressuposta partida de outras paisagens em busca de uma vida melhor.

Quadro 4 - Capítulo *Mudança*

FABIANO		
Léxico representativo da opressão	Significado das palavras	Análise dos aspectos discursivos e sociais da palavra no contexto da obra
alpercatas	Sing.: - Sandália com tiras de couro ou pano; - Sapato de lona com sola de corda *.	A sandália feita artesanalmente revela a simplicidade da indumentária de Fabiano, além de revelar aspectos regionalistas em termos de linguagem e de cultura locais.
espinhaço curvo	Espinhaço (Pop.): coluna vertebral, espinha **; Curvo : arqueado; inclinado *.	O modo como caminha Fabiano explicita a tendência à animalização do personagem – já que caminha à semelhança dos animais quadrúpedes com os quais lidava comumente –, mas também remete à postura submissa do vaqueiro, postura esta que vai sendo engendrada no decorrer da obra.
chape-chape	Ruído de passos em terreno lamacento; chape **.	O estilo do autor possui aspectos característicos do Realismo em sua vertente naturalista. Nesse caso, o autor utiliza como recurso expressivo de sonoridade a onomatopeia, o que funciona também para reafirmar a integração do homem a seu meio.
ratos	Sing. (Zool.): Nome comum dado ao animal roedor da família dos murídeos, especialmente aos que pertencem ao gênero <i>Rattus</i> , encontrados em todas as partes do mundo, e dos quais são muito conhecidos o rato-preto e a ratazana.	Ao comparar a família com ratos, temos não apenas a zoomorfização dos personagens, mas também a equiparação deles a seres excluídos, que vivem relegados, escondidos, fugidios, ou seja, à margem da sociedade. Além disso, ratos são normalmente indesejados e por isso precisam viver escondidos, no escuro, nos esgotos. Nesse contexto, a construção dessa figura de comparação se revela grande expoente da opressão e injustiça em que o homem é reduzido em todos os seus atributos.

esgaravatou	Esgaravatar: • Limpar (nariz, ouvido, dente etc.) catando sujidade com o dedo, palito, instrumento esgaravador, etc.; • Remexer com os dedos, unhas, instrumento, objeto etc., cavoucando **.	Graciliano enriquece o texto com termos regionalistas e que, mais uma vez, revelam a rudeza do sertanejo, que carrega a dureza e secura de seu entorno em seus modos de ser e agir.
cabra	• Zool.: Fêmea do bode (<i>Capra hircus</i>), mamífero ruminante, espécie domesticada para obtenção de leite e carne; • Bras. Pop.: Capanga, jagunço; • Pop.: Indivíduo, sujeito, cara; • Cangaceiro **.	O sentido aqui aponta para o segundo significado (capanga, jagunço). A reflexão de Fabiano é externada pelo narrador, revelando a pouca autonomia do personagem diante da própria vida, marcada pelas relações despóticas e exploradoras.
vermelho	• Que tem a cor do sangue; • Fig.: Diz-se dessa cor; • Que ficou afogueado, rubro (rosto <u>vermelho</u>); • Indivíduo comunista **.	A cor da pele de Fabiano assemelha-se à cor da paisagem, avermelhada pelo sol. Apesar de não podermos afirmar a caracterização física do personagem, chamado de “vermelho”, como relacionada a uma das definições ligadas aos indivíduos comunistas, é interessante lembrar as convicções comunistas de Graciliano e a afronta que representaria um “vermelho” em pleno governo getulista.
queimado	• Que se queimou, foi destruído pelo fogo; incendiado; • Tostado em excesso; • Bronzeado **.	Novamente a ligação homem/ meio: aspectos naturalistas assemelham Fabiano à paisagem queimada, fundindo-os como um só.
bicho	Qualquer animal **.	Fabiano titubeia na maneira de enxergar-se: a dicotomia homem <i>versus</i> bicho configura a representação do próprio papel social de Fabiano e demais sertanejos. Vivendo e sendo tratados como animais, seriam eles homens? Em sentido mais aprofundado, “bicho” é ainda um animal qualquer, portanto sem identidade, sem o reconhecimento da própria espécie.

capaz	• Que tem as qualidades (físicas, mentais ou outras) necessárias ou adequadas para determinado fim, tarefa, atividade, etc.; • Que faz bem seu trabalho, ou tem as habilidades, conhecimentos ou outras características necessárias para tanto; que tem competência; competente; • Cujos traços, atributos, características ou condições podem provocar ou suscitar (certo ato, comportamento, reação etc.); que tem possibilidade de **.	Em suas alternâncias de pensamentos e mostrando a capacidade de superar obstáculos, Fabiano se reconhece como “capaz”. Apesar do caos, Graciliano mostra o sertanejo como capaz de superar dificuldades e insere a esperança e a capacidade de mudança inerente aos seres humanos.
derreava-se	Derrear: • Curvar, inclinar; • Fig.: abater moralmente, desanimar **.	Diante da opressão latente, Fabiano derreava-se, tornava-se abatido. No texto, predominantemente revelador das opressões e injustiças, poucos são os momentos de contraponto a essas ideias, especialmente nos capítulos iniciais.
judeu errante	• Fig.: Segundo lenda medieval de origem católica, judeu que teria sido condenado a errar pelo mundo através dos tempos, até a segunda vinda de Jesus; • Fig.: Pessoa que não se fixa num lugar, que muito viaja ou muda de residência**.	Os significados dos termos dão margem às duas interpretações como passíveis de verossimilhança: no primeiro sentido, podemos atribuir as repetidas tristezas e desventuras de Fabiano quase como algo predestinado (como no episódio da prisão, das contas erradas, do insucesso na venda da carne de porco), o que é reforçado pelas repetidas palavras que fazem menção à religião, que vão permeando o texto. No sentido seguinte, ligado ao nomadismo da família, a sensação de ser “judeu errante” parece-nos ainda mais forte, já que a família era constantemente expulsa de sua própria terra.

vagabundo	Indivíduo que vagueia, que anda sem destino; nômade; vagamundo; andarilho **.	Até o momento em que decidem migrar rumo a uma grande cidade, os sertanejos vagueavam sem rumo em seu próprio território.
hóspede	• Aquele que se abriga por certo tempo em casa alheia, hospedaria ou hotel; • Indivíduo desconhecido; • Estranho, alheio **.	Graciliano novamente reforça a ideia da opressão contra os sertanejos pelo fato destes não poderem sequer permanecer em sua terra: em seu próprio chão eram hóspedes, estavam sempre de passagem, sem condições de permanência.
cambaio	Que(m) tem pernas tortas; que(m) tem dificuldade de andar; cambeta, trôpego*.	As características físicas de Fabiano se assemelham à sua própria postura como cidadão: trôpego, que tem dificuldade de caminhar, torto.
torto	• Que não é reto ou direito; sinuoso; tortuoso; • Inclinado ou fora da posição correta; • Anat.: Que não segue o modelo anatômico; de curvatura acentuada; • Fig.: desregrado, desajustado **.	O sentido por último apontado (desregrado, desajustado) parece-nos mais condizente com o sentido trazido no texto e relacionado aos aspectos sociais: a figura de Fabiano desajusta-se em relação aos ideais de “Ordem e Progresso” professados pelo governo getulista; seus comportamentos são desregrados e sua própria existência expõe uma sociedade que todos faziam questão de não conhecer, de não enxergar.
feio	De aparência desagradável, desprovida de beleza.	A aparência de Fabiano (e dos sertanejos, por extensão) é feia e desagradável. Assim, melhor que não sejam vistos, que sejam ignorados, que fiquem esquecidos, evitando a exposição de uma “vergonha” nacional: a injustiça latente contra os enfraquecidos em nome da manutenção do poder de poucos.
inquieta	• Que não tem sossego; que se mexe ou agita muito; • Que revela inquietação, preocupação; agitado; • Que se mostra sempre insatisfeito; que sempre parece querer mais **.	A condição interna de Fabiano é constantemente de inquietação e angústia.
coisa	Fig.: nada; ter ou não ter importância, mérito, valor (diz-se também de pessoa) **.	O vaqueiro é bicho, gente ou coisa: quando se reconhece como bicho, sente orgulho pela força e resistência que isso representa; quando consegue

		“pequenas vitórias” em seu contexto de vida, é homem; quando “coisa”, é nada, não tem valor ou mérito algum. A “coisificação” como recurso discursivo sintetiza o processo despótico e hegemônico que corroborou para a exclusão do sertanejo.
monossilábica	Masc.: • Formado de uma única sílaba; monossílabo; • Lacônico **.	Resultante da falta total de qualquer assistência vinda do Estado, a linguagem de Fabiano (e dos outros integrantes da família) é monossilábica, pobre.
gutural	Diz-se de som produzido ou alterado no interior da garganta (ronco <u>gutural</u>, voz <u>gutural</u>)**.	Ainda decorrente da falta total de escolaridade, a linguagem dos sertanejos assemelha-se aos sons de animais. Esse recurso revela a pouca interação entre os personagens, além da comunicação pouco “inteligível” em termos linguísticos, o que os afasta ainda mais da condição humana.
vexado	• Diz-se de quem foi atormentado ou maltratado; • Que passou por situação humilhante; • Que experimentou sentimento de vergonha; envergonhado; • Diz-se de quem não tem paciência, de quem está apressado **.	Fabiano fica “vexado” com o excesso de ideias do filho mais velho. Sente preocupação em relação ao comportamento do filho, que possuía ideias “demais”, e isso faz com que Fabiano não entenda o que ele quer e ao mesmo tempo o preocupa.
perturbação	• Ação ou resultado de perturbar (-se); • Estado de quem está perturbado; agitação; inquietação; • Transtorno, desordem, confusão **.	A perturbação de Fabiano é ainda relativa à educação dos filhos e, nesse momento, o sertanejo reflete sobre sua ignorância e sobre a permanência dessa ignorância em relação aos filhos, afinal, julga-se inferior e impossibilitado de entender as coisas. Sente necessidade de conversar com Sinha Vitória e ensinar os filhos a lidar com seu entorno, com a terra, sem muitas “ideias”. O universo do conhecimento provoca medo em Fabiano: em sua ignorância, não dispõe de recursos capazes de lidar com estruturas

		sociais fora daquele contexto sertanejo.
enlameados	Singular: • Coberto de lama; • Fig.: Aviltado, desmoralizado **.	O adjetivo refere-se aos meninos e às suas brincadeiras, contribuindo para a caracterização dos personagens e para a exposição de suas condições gerais de vida, nitidamente precárias.
porcos	Singular: • Zool.: Denominação comum aos mamíferos artiodátilos da família dos suídeos, encontrados originalmente no Velho Mundo; • Fig.: pessoa suja, imunda **.	Ainda caracterizando os meninos, o narrador os compara a porcos, por permanecerem enlameados como os suínos.
ignorância	• Característica ou estado de quem ignora; falta de saber, de conhecimentos; desconhecimento; • Rudeza, grosseria **.	Aqui, o narrador declara, em discurso indireto livre, que Fabiano se dá bem com a ignorância: “Tinha o direito de saber? Tinha? Não tinha”. Assim, não adianta querer conhecer as coisas porque aquilo não lhe é permitido. As constituições sociais não permitem que sequer Fabiano almeje conhecer as coisas, então, é melhor apegar-se à ignorância e garantir o mesmo aos filhos.
truncando	Truncar: • Que se trancou; • Que sofreu corte; cortado; • Privado de alguma das suas partes integrantes; incompleto **.	O jeito de falar truncado de Fabiano revela sua ignorância, sua exclusão e marginalização sociais. Fabiano fala “truncando” ao tentar imitar as falas de seu Tomás da Bolandeira, alguém que representa, para Fabiano, admiração, pelo conhecimento no trato com as palavras.
sujeito	• Dependente de algo ou alguém; • Submetido a algo ou alguém; subordinado **.	Sendo Fabiano “sujeito”, sempre estaria assujeitado, ou seja, dependente do outro. O assujeitamento do sertanejo era necessário para a manutenção de relações trabalhistas exploradoras e mantenedoras do Estado hegemônico.
traste	• Utensílio de pouco valor; • Indivíduo imprestável **.	Ainda refletindo sobre si, o sertanejo reconhece-se “traste”. Alguém com tão pouco valor logo seria novamente dispensado das terras onde estava.

		Fabiano reconhece sua condição de explorado e isso o leva a julgar-se inferior.
cambembes	Singular: • Desajeitado; • Alagoas: caipira; • Pernambuco: trabalhador assalariado que trabalhava junto aos escravos **.	Fabiano reflete sobre o desejo de Sinha Vitória de obter uma cama de couro: cambembes como eles não poderiam ter luxo. Além disso, sabe que a qualquer momento o dono da fazenda pode exigir que saiam das terras. Para não contrariar Sinha Vitória, Fabiano simula concordar com seu desejo, mas internamente sabe que aquilo é fantasioso, um sonho impossível nas condições de que dispõem.
de passagem	Ficar (em certo lugar) por pouco tempo, sem se demorar **.	São nômades em suas próprias terras. Estão ali “de passagem”, e Fabiano reconhece essa condição que, ao que tudo indica, se repetirá. A cada nova estiagem, uma nova fuga e a cada inverno, nova estadia. O sofrimento é perene.
cacarecos	Sing. Bras.: Objeto velho ou muito usado, geralmente sem utilidade ou de pouco valor **.	Seus pertences são “cacarecos”, coisas sem valor.
desgraça	• Má sorte; adversidade; infelicidade; infortúnio; • Acontecimento funesto; tragédia; calamidade; • Fig.: miséria **.	Novamente a palavra “desgraça” tão bem parece descrever toda infelicidade (verdadeira tragédia) desses viventes do sertão.
benzeu-se	Benzer: • Dar a bênção, invocar graça divina para algo ou alguém (inclusive para si); • Tentar livrar (si mesmo) de algo mau por meio de esconjuro **.	O temor de uma nova seca que os obrigaria a outra retirada provoca profundo medo. Fabiano tenta se livrar do pensamento que lhe surge à mente, benzendo-se. Boa parte do léxico da obra é composta por vocábulos ligados à religião, especialmente à religião católica, imperante no Brasil por muitos anos.
tatu	Denominação comum aos mamíferos, da família dos dasipodídeos, cujo corpo é coberto por uma forte carapaça de placas articuladas.	Aqui, Fabiano reflete e compara seu atual comportamento ao do tatu, mas promete a si mesmo que um dia “sairia da toca” e então brigaria e lutaria por uma vida melhor, “andaria com a cabeça levantada, seria homem”.

		Apesar da carga dramática e até pessimista utilizada para retratar as mazelas sociais dessas pessoas, Graciliano, por meio do narrador, sempre aponta um fio de esperança de uma vida melhor para a família.
homem	• Biol.: Mamífero da espécie <i>Homo sapiens</i>, de postura vertical, dotado de inteligência e linguagem articulada; • O que possui requisitos e qualidades necessárias para determinado fim **.	Quando se enche de esperança, Fabiano se reconhece “homem”. Quando saísse da “toca”, saindo do esconderijo onde estava, seria um homem.
governado	• Dirigido, orientado; • Administrado, gerenciado, supervisionado; • Aquele que é dirigido por um governo ou se submete a ele **.	Em seguida, Fabiano titubeia: provavelmente nunca seria homem, seria sempre “governado” por aqueles que o oprimiam, que o exploravam.
rês	Qualquer animal quadrúpede utilizado na alimentação humana**.	Seria sempre como uma “rês” na fazenda do patrão: como um animal quadrúpede.
arreliado	• Que se arreliou; irritado, aborrecido; • Que vive se metendo em brigas, em confusão; brigão; • Cheio de empáfia, atrevido, insolente**.	Arreliado é o patrão, o dono das terras que por ora ocupavam. Indivíduo intransigente, o patrão representa uma figura social que em muito contribui com a exploração e opressão desses sertanejos e compõe o setor social formado pelos pequenos latifundiários que mantêm as relações de poder por meio da exploração do trabalho (conforme visto em seção anterior).
exigente	• Que exige; • Que dificilmente se satisfaz, que exige muito (de outrem, de algo, de si mesmo) **.	O patrão exige e explora deveras o trabalho de Fabiano, sempre sob a ameaça de demiti-lo e exigir-lhe a retirada de suas terras.
ladrão	Que furta ou rouba **.	A ladroagem do patrão será mais explorada adiante, no capítulo <i>Contas</i> . Entretanto, como os capítulos são justapostos, informações são repetidas e o narrador já apresenta a faceta exploradora do “patrão-ladrão”.

espinhoso	• Que é cheio ou coberto de espinhos.; espinhento; espinhado; • Fig.: Cheio de dificuldades; atribulado **.	Ser “espinhoso” é mais um dos atributos do patrão.
laia	Espécie, feitio, classe **.	Fabiano entende que ele e a família precisam se comportar como gente da “laia” deles. Talvez se as secas desaparecessem, poderiam “falar, perguntar, encher-se de caprichos”. Está nítida a crítica à estática permanência de pobres e ricos em suas condições.
obrigação	Ação ou resultado de obrigar; imposição; encargo; dever **.	Por ora, a “obrigação” do vaqueiro e de sua família é a de atender àquele modelo de relações sociais que lhe impunham a injustiça, a exploração, a dor, a vergonha, a desonra.
comportar-se	• Agir ou portar-se (de determinada maneira); • Proceder de forma correta ou esperada **.	Ainda assim, Fabiano precisa “comportar-se” para não perder o abrigo provisório e o trabalho que mal lhe garante o sustento.

Quadro 5- Capítulo *Fabiano*

CADEIA		
Léxico representativo da opressão	Significado das palavras	Análise dos aspectos discursivos e sociais da palavra no contexto da obra
cara	Caro: Que tem preço elevado**.	A referência aqui é ao preço da chita. Nas condições em que vivem, os sertanejos não podem sequer comprar um pedaço considerável de tecido, já que o preço é muito alto diante do poder de compra da família. Trata-se de mais um fator de exclusão e opressão.
regateando	Regatear: Discutir, tentar baixar (o preço); pechinchar **.	Fabiano tenta pechinchar para comprar o tamanho de tecido encomendado por Sinha Vitória.
receoso	• Que tem receio; que hesita em fazer ou dizer algo por temer as consequências; temeroso; inseguro; • que não tem certeza do que deve fazer; hesitante; vacilante; irresoluto **.	O comportamento de Fabiano é receoso: receoso de ser enganado, como sempre era; receoso por estar na “vila”, longe do território que dominava, num lugar onde não sabia como se comportar, como proceder.
enganado	• Iludido, logrado por mentiras e promessas; • Errado, equivocado **.	Fabiano tem receio de ser enganado, de ser prejudicado na compra do tecido, na compra do querosene e/ou da cachaça “batizados” com água.
irresoluto	• Que não foi resolvido; • Que revela indecisão; hesitante **.	A desconfiança dá ao vaqueiro um andar irresoluto, tornando-o caricato de si mesmo.
desconfiança	Disposição de espírito ou condição de quem não confia nos outros **.	Como poderia não ter desconfiança se ao longo de sua existência, Fabiano sempre foi enganado, vítima de sua ingenuidade e ignorância?
furtavam	Furtar: • Pegar para si às escondidas (coisa alheia); • Comportar-se como ladrão; roubar **.	“Furtavam-lhe” no peso da farinha, na medida do tecido, na cachaça, no querosene, nas contas, no trabalho com o patrão, na ocupação injusta das terras, no direito à permanência em seu território: furtavam de Fabiano e sua família os direitos mais primordiais que lhes garantissem a manutenção da própria vida.

respeito	• Ação ou resultado de respeitar(-se); • Sentimento de reverência ou consideração; apreço; atenção; • Atitude de deferência ou obediência em relação a outrem ou a algo; acatamento; submissão **.	Fabiano sente imediato respeito ao avistar a farda do soldado amarelo. A postura de Fabiano denota a concepção hegemônica de que uma figura “representante” do governo mereceria respeito e atitude subserviente.
gaguejou	• Falar com dificuldade, repetindo sons, como faz o gago; pronunciar, às vezes, de modo ininteligível; tartamudear; • Falar com hesitação**.	Quando inquirido pelo amarelo, Fabiano gagueja num misto de temor e falta de manejo com as palavras.
autoridade	• Direito, poder ou prerrogativa de tomar decisões e dar ordens; • Pessoa que tem esse direito ou poder; • Entidade institucional (política, judicial, policial, militar ou eclesiástica) que, em sua alçada, tem direito de exigir obediência a suas ordens **.	Proferindo palavras desconexas, Fabiano não consegue esquivar-se da abordagem do soldado amarelo para que participe de um jogo e, como o amarelo representa “autoridade”, o sertanejo decide obedecê-lo e segui-lo para a realização da partida.
mandava	Mandar: Dar ordem (de); exigir que se faça; ordenar **.	O soldado amarelo era autoridade e “mandava”. Não deveria ser contrariado, conforme pensamento hegemônico de que o Estado não deveria ser confrontado.
obedecia	Obedecer: • Aceitar, respeitar ordens, normas, regras etc.; • Estar sob as ordens de, seguir com; • Ficar sujeito a uma influência **.	A Fabiano resta obedecer. Seu comportamento subserviente denuncia um modelo de sociedade que não permite um comportamento livre, mas ao contrário, obriga os cidadãos a manterem um comportamento de aparente respeito e subserviência cega ao Estado maior.
desafasta	Desafastar: Pop.: O mesmo que afastar **.	A figura do soldado amarelo vai revelando-se autoritária: ao chegar ao bar para o início da partida do jogo de baralho, o policial grita, tentando impor respeito aos presentes.

encalacrrou-se	Encalacrar: Pop.: Pôr, meter (alguém, inclusive si mesmo) em situação difícil **.	O soldado amarelo começa a perder no jogo. Fabiano, que a esta altura também já tinha perdido algum dinheiro, se preocupava com a reação de Sinha Vitória se soubesse que ele estava envolvido em jogos.
paisano	Pessoa que não é militar; civil **.	Fabiano decide ir embora. Ao deixar o recinto do jogo, é chamado de volta pelo soldado, que a ele se refere como “paisano”. O termo representa o autoritarismo e o domínio do poder militar, tão característicos do governo getulista.
atrapalhava-se	Atrapalhar: Fazer ficar ou ficar confuso, desorientado; confundir (se); atrapalhar (se) **.	Fabiano está atrapalhado e confuso (além de um pouco bêbado), sem saber como explicaria a perda de parte do dinheiro para Sinha Vitória.
empurrão	- Ação de empurrar; - Impulso violento; empurro; empuxão **.	Em meio à sua confusão mental, o vaqueiro recebe um forte empurrão do soldado amarelo, chocando-se contra o pé de jatobá.
estremeceu	Estremecer: Provocar ou sofrer tremor ou abalo **.	Confuso, Fabiano estremece ao pensar no querosene que não levava pra casa, quando é novamente empurrado com força.
agressor	Que agride física ou moralmente, que ataca, que hostiliza, que provoca **.	Reconhece, então, seu agressor. Quando se dá conta do tamanho do soldado (que era baixo e franzino), o vaqueiro tem ímpetos de revidar o golpe.
indignação	- Ação ou resultado de indignar(-se); - Sentimento de desprezo ou cólera despertado por um fato ou acontecimento considerado injusto **.	Fabiano decide, entretanto, moderar a indignação, afinal, aquele não era seu território. Na caatinga ele se sentia seguro, mas ali, não.
encolhia-se	Encolher: - Diminuir de dimensão, de tamanho, contrair-se; - Fazer recuar, encolher *.	Ao contrário da caatinga, na rua Fabiano “encolhia-se”. Seu comportamento revela a insegurança que o ambiente citadino provoca nele, já que nesse lugar ele não pode confiar em ninguém. É na cidade ou por meio de criaturas citadinas que a opressão sofrida pela família é mais latente.

impacientou-se	Perder a paciência; irritar-se *.	O soldado segue provocando Fabiano, agora ao pisar-lhe o pé. O sertanejo aguenta um pouco, mas diante da insistência do amarelo em irritá-lo, perde a paciência e acaba por xingar a mãe do policial.
desorientado	• Que perdeu o rumo; desencaminhado; • Confuso, inseguro, perplexo *.	A provocação dá resultado e Fabiano é preso. Segue, então, “desorientado” até a cadeia. O termo expõe o nível de ingenuidade do vaqueiro, que é propositadamente induzido a cometer algum deslize e, ainda, não sabe como sair daquela situação fatídica.
lombo	• Costas, dorso; • Elevação, altura, eminência **.	O soldado ordena: “- Faça lombo, paisano”. E, prostrado, Fabiano começa a apanhar, enquanto caminha rumo ao cárcere.
caiu	Cair: Ir ao chão de sua própria altura, por ação do próprio peso; estatelar-se, por ter perdido o equilíbrio; tombar **.	Caído, o pobre homem continua a apanhar.
safanão	• Puxão para arrancar algo; • Tapa, bofetada; • Empurrão forte, casual ou proposital **.	O safanão é dado para atirar Fabiano cárcere adentro. O vaqueiro fica desesperado com a desgraça que é aquilo: não consegue conformar-se, já que sempre foi homem de bem. A prisão arbitrária e a surra na cadeia são grandes expoentes do grau de injustiças das quais eram vítimas os sertanejos.
atordoado	• Que se atordoou; • Que está sem pleno domínio dos sentidos ou do raciocínio, que ficou tonto ou quase desmaiou devido a pancada, queda, forte emoção, embriaguez, sedação etc.; aturdido; tonto; • Perturbado, confuso, atônito **.	Seu grau de ignorância somado à alteração provocada pelo álcool e pelas pancadas, deixam Fabiano “atordoado”.
cambaleou	Cambalear: • Balançar, oscilar por falta de firmeza nas pernas; • Andar sem equilíbrio, sem firmeza; cambar; • Fig. Demonstrar	E, atônito, Fabiano segue cambaleando pelo cárcere. Podemos dizer que, assim, atordoado e cambaleante, Fabiano seguia na própria existência, sem rumo certo, sem possibilidade de fixação e

	fragilidade, fraqueza, instabilidade, desequilíbrio **.	assistência para que pudesse viver dignamente com sua família.
rosnando	Rosnar: Dizer em voz baixa, de forma confusa, geralmente com mau humor; resmungar *.	Fabiano só consegue externar sua indignação de forma discreta, sem uma afronta direta à figura autoritária do soldado amarelo.
preso	• Prisioneiro; • Impedido de se locomover com liberdade; • Obrigada a ficar em local fechado *.	O sertanejo está preso. Ele, que sempre foi uma pessoa “de bem”, encontra-se agora enclausurado injustamente. A prisão arbitrária de Fabiano relembra-nos o episódio da prisão do próprio Graciliano: a exemplo do vaqueiro, nosso autor sofreu uma prisão injustificada e também apresentou um comportamento passivo, não afrontando as figuras que ditavam as regras daquela sociedade opressora.
perturbado	• Aquele que sofre de desequilíbrio, agitação ou desordem; • Aquele que perde a serenidade, o controle; descontrolado *.	A angústia de Fabiano nos momentos seguintes à sua prisão é evidente: é tomado de um profundo desespero, de uma profunda indignação com o que lhe havia sucedido.
desgraça	• Má sorte; adversidade; infelicidade; infortúnio; • Acontecimento funesto; tragédia; calamidade; • Fig.: miséria **.	De novo, a palavra fatídica “desgraça” revela-se grande expoente do drama daquele homem.
condenados	Singular: Indivíduo que recebeu condenação, que é ou foi condenado; Fig.: infeliz, desgraçado**.	O sofrimento constante (que seria apresentado ao leitor nos capítulos seguintes, lembrando que não havia a preocupação com a ordem sucessiva dos fatos) parece já ter sentenciado aqueles vivos, especialmente Fabiano na situação da prisão: condenado!
surrado	Que se surrou, que levou surra; sovado; espancado **.	Em meio à dor profunda de ordem psicológica, Fabiano ainda é surrado.
tabefe	Bofetada ou tabefe leve; sopapo **.	Levando bofetadas, Fabiano prossegue apanhando. Mentalmente, mergulha na dor que aquela injustiça provoca nele.

desprezo	Falta de apreço ou consideração; desdém; contemptamento; contempto**.	Fabiano sente profundo desprezo pelo soldado, que é tão pequenino e fisicamente frágil, mas que fazia parte dos que “mandavam”, o que o impede de enfrentá-lo.
safado	• Que demonstra cinismo, descaramento; que não se envergonha das coisas ruins que faz; • Que se revela imoral, indecente, pornográfico **.	Esse e os próximos três vocábulos se referem aos “xingamentos” que Fabiano murmura contra o soldado.
mofino	• Que é infeliz; desafortunado; desditoso; desventurado; • Diz-se de quem não tem coragem; covarde **.	A covardia do soldado é evidente, já que sua atitude diante de Fabiano é absolutamente desnecessária, revelando tão somente a manutenção do poder autoritário e despótico que era comumente praticado.
escarro	Fig.: Pessoa ou coisa desprezível, sórdida, torpe **.	Fabiano cospe e “chama” o soldado de “escarro de gente”. A ele só resta resmungar, tentar extirpar sua dor e indignação por meio de xingamentos.
sovinice	Qualidade ou ato de sovina; avareza; mesquinharia; pão-durismo; sovinaria **.	O vaqueiro julga estar naquela situação apenas por “sovinice” do soldado.
embatucara	Embatucar: • Fig.: Fazer ficar ou ficar sem palavras ou sem ação; • Ficar cismado, preocupado, cismar **.	A preocupação do sertanejo passa a ser com a mulher e os filhos, sozinhos em casa e no escuro a esperar por ele.
azuretado	• Um tanto atordoado, desorientado, desequilibrado, perturbado; transtornado; • Que é ou parece ser um tanto maluco; amalucado; • Torturado moralmente; apoquentado **.	Como não ficar “azuretado” com tudo aquilo que estava acontecendo?
despropósito	• Ação sem propósito; desatino; imprudência; • Dito sem propósito; disparate; absurdo **.	O discurso indireto livre, utilizado pelo narrador, explana, então, a origem daquele “despropósito”: o soldado amarelo deveria tê-lo confundido com outra pessoa: só isso poderia explicar tamanha injustiça...

		A inocência do sertanejo é comovente: não poderia admitir que alguém fizesse aquilo com ele apenas por maldade.
malvadez	Índole ou ato malvado; perversidade **.	Somente um engano poderia explicar toda aquela “malvadez”. Fabiano, por alguns instantes, passa a acreditar nisso, buscando abrandar seu sofrimento.
engano	Erro que se comete ao agir, pensar ou falar por descuido ou ignorância **.	Só poderia ser isso: a prisão do sertanejo só poderia ser “engano”. O narrador percorre o pensamento de Fabiano, externando suas percepções confusas.
sem-vergonha	• Bras.: Que é desavergonhado ou malicioso; • Bras.: Pessoa desprovida de moral ou extremamente maliciosa **.	Se não fosse confusão, como explicar que um “sem-vergonha” fizesse o que fez o soldado com ele?
desordeiro	Que gosta de desordens e as provoca; arruaceiro; baderneiro **.	Um “sem-vergonha desordeiro”. Era isso que era aquele soldado! Fabiano segue em seus pensamentos confusos, externados no discurso indireto livre utilizado pelo narrador.
violências	Singular: • Emprego abusivo, geralmente ilegítimo, da força ou da coação com o fim de se obter algo; • ato violento; • opressão, tirania **.	Fabiano estava acostumado a todas as “violências”. O sentido é bem amplo e certamente não se restringe à violência física, mas a todas as violências das quais eram vítimas Fabiano e família, expoentes e resultadas na exclusão e marginalização dos sertanejos.
injustiças	Singular: • Falta de justiça; iniquidade; • Desrespeito ao direito do outro **.	Acostumado a todas as violências e a todas as injustiças, Fabiano ainda consola outros presos, já que se sente conformado com sua condição.
apanhar	Ser sujeito a (alguma violência física) **.	Afinal, “apanhar” de governo não era desfeita, afirmava o vaqueiro. Esse pensamento revela a confiança que Fabiano, em sua simplicidade, tem no poder do Estado, daquele que deveria garantir sua integridade, seu

		direito a uma vida digna. Mesmo diante da injustiça tamanha que vinha sofrendo no cárcere, ele confia cegamente na “sabedoria” daquele poder supremo. Temos uma crítica velada, constituída por uma ironia: por meio do comportamento subserviente do vaqueiro, Graciliano critica os moldes ditatoriais imperantes na sociedade de seu tempo.
castigo	Ação que se decide tomar contra alguém considerado culpado de um ato mau ou danoso, e que consiste em impor algum tipo de sofrimento (físico ou moral), ou diminuir seu bem estar, ou restringir sua liberdade, ou exigir algum tipo de pagamento ou compensação, um pedido formal de perdão, etc.; punição **.	O sertanejo não consegue entender o porquê de tamanho castigo. Ao avançar da noite, ele sofre com seu trágico destino e com a preocupação que tem com a família, que a essa altura deveria estar desamparada, à sua espera.
safadeza	Ação ou procedimento desleal, incorreto, indigno, cometido geralmente contra alguém que não merece **.	Fabiano não consegue entender que o soldado amarelo pudesse representar o governo. O governo, para ele, era algo sério, não admitiria tamanha “safadeza”.
enfurecido	• Furioso, enraivecido, raivoso; • Muito agitado; bravio; encapelado **.	“Enfurecido”, o sertanejo duvida de que o soldado seja governo.
grade	Armação usada para separar dois ambientes em prisões, conventos etc.; gradeamento; gradil **.	Fabiano olha além da grade e avista o soldado, pensando que o governo não podia conceber que criaturas como aquelas fizessem o que fez o amarelo. Chutando a grade, chama à atenção o carcereiro, mas não tem coragem de continuar seu “protesto”.
aperreava	Aperrear: Acomodar (se) continuamente; amofinar (se); apoquentar (se) **.	Continua confuso, aperreado.
escuridão	• Ausência de luz, negrume, treva; • Tristeza, melancolia **.	A preocupação com a escuridão em que estariam Sinha Vitória e os meninos angustia ainda mais o sertanejo. Entretanto, a “escuridão” da vida deles é perene, parece infundável.

candeeiro	Aparelho de iluminação portátil a gás ou óleo inflamável; lampião **.	A luminária rústica revela a rudeza de tudo que cercava aquela família. Àquela altura, o candeeiro deveria estar apagado, já que Fabiano não tinha levado o querosene.
cansado	Estado físico ou mental de quem se cansou, de quem está falto de energia, de disposição ou de concentração, por ter feito grande esforço ou devido a doença; canseira; fadiga **.	Em meio a tantos pensamentos e depois das surras, Fabiano sente-se cansado e a exaustão do corpo chega.
machucado	• Que se machucou; que sofreu machucadura; ferido; contundido; • Que se abateu, que se magoou, que sofreu; amargurado **.	Machucado no corpo e no espírito, o vaqueiro começa a se entregar ao torpor, em sono leve.
adormecendo	Adormecer: • Começar a dormir, pegar no sono; • Fazer perder ou perder sensibilidade sensorial física; entorpecer **.	Adormecendo, Fabiano tem pesadelos, não consegue descansar.
sobressaltado	• Que se sobressaltou; • Fisicamente surpreendido • Agitado, sacudido; • Muito assustado; temeroso; alarmado; • A que falta tranquilidade **.	Acordando em sobressaltos, o pobre homem não encontra sossego.
desatinando	• Que perdeu o tino, que está fora de si; • Que é estouvado, pouco ponderado **.	Em meio a pesadelos, Fabiano vai desatinando as ideias, sem reconhecer a diferença entre fantasia e realidade.
escravo	• Que(m) é privado de liberdade e pertence a um dono; • Que(m) está submisso a algo ou alguém; • Que é próprio de escravo, de pessoa submissa a um poder ou a um senhor *.	Novamente desperto, Fabiano volta a indignar-se com sua vida, lembrando que trabalhava tal qual escravo. Vale ressaltar que as relações de trabalho praticadas nos interiores do sertão tinham grande semelhança às praticadas durante a escravidão: às custas de abrigo, comida e bem pouco dinheiro, Fabiano oferece sua mão de obra como vaqueiro, cuidando com afinco das terras do patrão.

desentupia	Desentupir: Livrar de entupimento ou obstrução; desobstruir **.	Dentre as tarefas que exercia o vaqueiro, estava a de desentupir os bebedouros.
consertava	Consertar: tornar novamente útil ou íntegro; reparar; restaurar **.	Fabiano consertava as cercas.
curava	Curar: • Recuperar a saúde de; • Livrar de (doença, mal, etc.); sarar **.	Além do cuidado geral com os animais, o vaqueiro também curava a criação quando esta era atacada por alguma praga ou doença.
ordem	• Disciplina; • Determinação de uma autoridade *.	Enfim, o vaqueiro dedicadamente mantinha a ordem naquelas terras.
defender-se		Fabiano se enxerga como alguém dedicado e integrado a terra e atribui a isso ao fato de não ter conseguido se defender do soldado amarelo, afinal, nunca tinha frequentado uma escola.
demônio	• Indivíduo cruel; • Fig.: indivíduo irrequieto *.	O “demônio” dessa história é o policial, que não sai do pensamento do injustiçado vaqueiro.
cristão	• Quem professa o cristianismo; • Fig.: pessoa qualquer *.	Em oposição à ideia do policial-demônio, o autor narra Fabiano vendo-se como “cristão”.
endoidecer	Ficar doido, maluco; enlouquecer *.	Fabiano procura uma forma de entender tudo aquilo, mas não consegue e acha que vai “endoidecer”.
sertão	• Região agreste, afastada do centro urbano e das terras cultivadas; • O interior do país; • Região pouco povoada do interior do país, especialmente a zona mais seca que a caatinga, onde permanecem tradições e costumes antigos *.	O narrador percorre os pensamentos desesperados de Fabiano, enquanto ele apenas emite gemidos angustiados: Fabiano se lembra das andanças pelo sertão, de todo sofrimento que viveu ao lado da família.
fome	• Necessidade, desejo de comer; • Falta de alimento; • Escassez, miséria, penúria **.	Lembra-se também do quanto já tinham (ele e família) passado fome sertão adentro.
bilros	Singular: • Instrumento de madeira ou metal, usado à guisa	Recorda que as pernas dos meninos eram finas como bilros.

	de fusos, com que as rendeiras fazem renda de almofada; • O bastonete do bilboquê **.	
papagaio	Nome comum a diversas espécies de aves da família dos psitacídeos, especialmente as do gênero <i>amazona</i>, de plumagem geralmente verde, cores variadas na cabeça, bico grosso, algumas das quais capazes de reproduzir algumas palavras.	Fabiano se desespera, lembrando do dia em que tiveram que matar e comer o papagaio da família para abrandar a fome latente.
necessidade	• Pobreza extrema; penúria; miséria; • Precisão, urgência **.	Fabiano se angustia mais a cada instante na cadeia ao lembrar-se das necessidades de toda ordem que ele e sua família passaram.
embromação	• Ação de usar artifícios e ardis para protelar ou evitar realização de tarefa, compromisso; • Cada um desses ardis, que podem ser mentiras, fingimentos, pretextos, etc. **.	Aflito, Fabiano relembra sua dificuldade em expressar-se e sua embromação quando tentava imitar seu Tomás da bolandeira.
besteira	• Dito de pensamentos próprios de pessoa beste, por ser absurdo ou por denotar ignorância, desinformação, etc.; asneira, tolice; • Ato insensato, ou desastrado, ou estabanado, fora de propósito; • Coisa insignificante **.	Fabiano reconhece que tudo aquilo que falava nas circunstâncias em que tentava imitar seu Tomás era besteira.
atacaria	Atacar: • Investir com ímpeto (sobre algo ou alguém); • Agredir fisicamente, com golpes, mordidas ou outros meios **.	Se pudesse, Fabiano atacaria aquele que o oprimia e o massacrava.
soldados	Singular: • Militar sem graduação;	Em seus devaneios de vingança, Fabiano sonha atacar os soldados

	praça; • militar que serve em terra **.	amarelos.
inofensivas	Singular: • Que não ofende, que não escandaliza; • Que não produz mau resultado, que não prejudica, inocente; inócuo **.	Não era justo que criaturas como ele, Fabiano, tão inofensivas, fossem atacadas e injustiçadas daquela maneira.
amarrado	Que se amarrou; atado; preso **.	Não fosse a família, Fabiano tomaria coragem e se vingaria de todos os seus opressores, afinal, vivia tal qual “novilho amarrado ao mourão”. Mas quando pensava na mulher e nos filhos, o coração do sertanejo amolecia...
suportando	Suportar: • Sustentar, levar sobre si, ou resistir a (peso, carga, esforço); • Mostrar-se firme ou paciente diante de, ou tolerar; • Fig.: padecer, sofrer **.	Sentindo-se tal qual novilho amarrado suportando ferro quente, Fabiano permanece suportando os sucessivos dissabores de sua existência.
infeliz	Que(m) não é feliz; descontente; que(m) não foi favorecido pelas circunstâncias; desgraçado*.	Naquele ensejo de ódio, a criatura infeliz para Fabiano é o soldado: aquele “infeliz” merecia um tabefe.
mataria	Matar: tirar a vida (de outro ser vivo ou de si próprio); assassinar **.	Ainda planejando uma vingança, Fabiano tenciona entrar para um grupo de cangaceiros e matar o soldado e seus “donos”.
gritou	Gritar: emitir som muito alto; berrar **.	No auge do desespero, Fabiano grita.
cambões	Singular: • Aparelho com que se unem duas juntas de bois à mesma carroça ou a um instrumento agrário; • Junta de bois **.	Quer livrar-se dos cambões que lhe pesam. Os cambões aqui representam todo impedimento para a libertação de Fabiano, tanto a libertação do cárcere em si, quanto do grande cárcere que é sua vida tolhida pela falta de dignidade.
pisados	Singular: • Que se pisou; • Fig.: humilhado, menosprezado, espezinhado **.	Fabiano, então, se põe a pensar nos filhos: se tudo permanecesse como estava, também os filhos seriam “pisados” na vida como ele.
maltratados	Singular: que se maltratou;	Seriam os pobres meninos também

	vitimado por maus tratos **.	maltratados, obrigados a suportar “ferro quente” tais quais animais, sem poder reclamar.
machucados	Singular: que se machucou; que sofreu machucadura; ferido; contundido **.	Fabiano conclui que seus filhos seriam como ele: pisados, maltratados e machucados por um soldado amarelo. A sequência que termina com a conclusão de Fabiano de que seus filhos fatalmente teriam o mesmo destino que ele, insere pela primeira vez a possibilidade de que a última esperança poderia ser uma fuga.

Quadro 6 - Capítulo *Cadeia*

SINHA VITÓRIA		
Léxico representativo da opressão	Significado das palavras	Análise dos aspectos discursivos e sociais da palavra no contexto da obra
cara	Parte frontal da cabeça onde se localizam os olhos, o nariz e a boca **.	Apesar do significado dicionarizado dar conta de uma significação que aceita “cara” como possivelmente ser atributo do homem, sabemos que pelo contexto geral, trata-se de mais um recurso de zoomorfização dos personagens, que se fundem aos traços animais em perfeita simbiose.
espinhaço	(Pop.): coluna vertebral, espinha **;	Na caracterização de Sinha Vitória, novamente o narrador/ autor se utiliza dos recursos naturalistas, trazendo características que aproximam seus personagens de seu meio e descrevendo-os pelos seus aspectos biológicos. Assim, Sinha Vitória alinha não a coluna, mas o “espinhaço”.
inconveniências	Singular: • Qualidade do que é inconveniente; • Ação ou comportamento que se mostra inadequado aos costumes ou fere a	As inconveniências às quais se refere o narrador são aquelas ditas por Sinha Vitória ao marido, num desabafo indigno, em relação ao seu desejo de adquirir a cama de couro, semelhante à de seu Tomás da

	maneira e a sensibilidade dos outros; grosseria; incivilidade; indelicadeza **.	bolandeira.
cama	Móvel para deitar ou dormir, composto de um estrado onde se põe o colchão; leito *.	Deixar de dormir na cama de varas e possuir uma cama de couro é o maior sonho da mulher.
desabafar	- Retirar o que abafa; descobrir (se); - Dizer (o que se pensa) *.	Como seu sonho nunca se realizava, a mulher amanhece mal humorada e busca com quem desabafar seu descontentamento.
queixara-se	Queixar-se: - Soltar lamúrias de aflição ou dor; lastimar-se; - Demonstrar descontentamento, desgosto; lamentar-se *.	A pobre mulher lamenta a vida difícil que levava com a família, queixando-se da má sorte.
vingava-se	Vingar: - Obter reparação de (ofensa); desforrar; - Servir de castigo a; punir*.	Como não consegue desabafar, já que Fabiano apenas grunhia quando ela falava, Sinha Vitória resolve vingar-se na cachorra Baleia, chutando-a.
xingou	Xingar: agredir com palavras insultuosas, injuriosas; ofender tachar *.	Mentalmente Sinha Vitória “xinga” o marido, indignada pelo fato de não possuírem um lugar decente para dormir como tinham os outros. A família não tem sequer as condições dos outros “pobres” de seu entorno. O grau de opressão e sofrimento daquela família é ainda mais acentuado.
economizando	Economizar: - Juntar dinheiro; poupar; - Gastar com parcimônia **.	Já fazia mais de um ano que Sinha Vitória falava ao marido para que adquirissem a cama. Calculavam, pensavam em como economizar para conseguirem.
nuas	Nu: - Sem qualquer vestimenta; pelado; - Quase sem roupa **.	Entretanto, não havia em que economizar: a família mal comia, dormia cedo para economizar no querosene, os meninos andavam quase nus.
azeda	Azedo: Fig.: de mau humor; irritado **.	Diante de tantos empecilhos, Sinha Vitória fica azeda. Sente-se muito indignada por não poder ter uma cama decente, um lugar decente para “esticar os ossos”.

jogo	• Recreação individual ou em grupo; • Atividade mental ou física, regida por regras, que envolve uma forma de competição ou de aposta e da qual resulta ganho ou perda **.	Nas horas de indignação, a mulher se lembra dos gastos do marido com jogos, acusando-o durante uma discussão.
cachaça	Aguardente feita de mel ou borra de cana-de-açúcar, ou do caldo da cana, fermentados e destilados **.	A cachaça é outro motivo de desperdício de dinheiro, o que entristece e também enfurece Sinhá Vitória, que, não conseguindo achar solução para a aquisição da cama, acusa Fabiano.
ressentido	Que se ressentiu; magoado; ofendido **.	Diante da acusação da mulher, Fabiano se sente ressentido e põe-se, então, a criticá-la.
sapatos	Sing.: calçado geralmente com solado duro que cobre o pé **.	A crítica de Fabiano recai sobre os sapatos de verniz que Sinhá Vitória usava nas festas.
caros	Sing.: Que tem preço elevado**.	Na visão de Fabiano, aqueles sapatos eram muito caros.
inúteis	Sing.: que não é útil; que não tem préstimo; desnecessário **.	Além de caros, os sapatos da mulher são “inúteis”. A discussão gerada por ocasião do desejo da mulher revela o grau de opressão daquelas pessoas: não podem dormir com um mínimo de conforto e Sinhá Vitória é criticada por seu único “luxo”, um par de sapatos de verniz. Fabiano, por outro lado, busca o adormecimento dos sentidos maltratados na bebida e na distração do jogo. E nada disso lhes é permitido. Tudo isso é “demais” nas circunstâncias em que vivem, no vergonhoso grau de exclusão do qual são vítimas.
trôpega	Masc.: que não se sustenta bem nas pernas e anda com dificuldade **.	O narrador afirma, ainda, que, calçada nos sapatos de verniz, Sinhá Vitória andava trôpega.
ridícula	Masc.: • Que é digno de zombaria ou desprezo; • Que desperta o riso; cômico; risível. • De pouco ou nenhum valor**.	Sinhá Vitória é chamada de “ridícula” ao usar seus sapatos de verniz. O andar de Sinhá Vitória é comparado, por Fabiano, com o andar do papagaio.

ofendera-se	Ofender: • Insultar, agredir verbalmente ou sentir-se insultado, agredido; • Sentir-se ofendido ou indignado **.	Sinha Vitória fica profundamente ofendida e magoada com a comparação. Por meio da zoomorfização dos personagens, eles ficam ainda mais reduzidos socialmente. Suas semelhanças com o meio físico rústico os afastam do meio social, de maneira a excluí-los.
despropositado	Que não tem propósito; desarrazoado; desatinado **.	Internamente, a mulher sente-se ressentida e, não fosse o respeito que nutria pelo marido, teria “despropositado”.
calos	Sing.: local em que a pele fica endurecida e mais espessa e proeminente, por efeito de atrito ou compressão constantes; calosidade **.	O sapato realmente causa incômodo à mulher, provocando-lhe calos.
manquejava	Manquejar: Andar manco, coxear, mancar **.	Os sapatos apertados machucam os pés de Sinhá Vitória, que manqueja enquanto anda.
entristecera-a	Entristecer: • Infundir tristeza a (algo ou alguém); afligir; • Ficar triste, sentir pesar, desgosto, aflição íntima **.	Sinha Vitória tem noção de que manca e de que deve ser ridícula andando naqueles sapatos, mas a opinião de Fabiano a entristece de veras.
dissabores	Sing.: • Sentimento de mágoa ou tristeza ocasionado por algum fato ocorrido; aflição; desgosto; • Sentimento de desprazer, amolação, aborrecimento; contrariedade **.	Finda a “discussão”, a mulher amarga os dissabores daquela conversa humilhante que lhe feriu o orgulho feminino. Cada fato ocorrido ao longo do romance revela o grau de angústia, sofrimento e humilhação constantes daqueles membros da família: tudo lhes é motivo de dor e fator de exclusão, até mesmo o que pode parecer uma amenidade, como o direito de dormir e vestir-se dignamente.
inatingível	Que não se pode atingir ou alcançar **.	Voltando a pensar na cama, Sinhá Vitória julga-a “inatingível”. E assim o é. No contexto em que se encontra, de exploração e opressão demasiadas, não é possível encontrar meio de adquirir a sonhada cama da mulher.

obrigações	Sing.: serviço, tarefa **.	Desanimada, a mulher volta-se às suas obrigações domésticas rotineiras e sua vida se reduz às obrigações e a nenhum contentamento.
recordação	• Ação ou resultado de recordar; • Lembrança de experiências vividas; reminiscência **.	De repente, volta à mente de Sinha Vitória a recordação da seca e da miséria que há pouco haviam vivido.
temendo	Temer: • Ter medo ou receio (de); recear; • Ter preocupação com, preocupar-se **.	Um grande medo toma a alma da mulher.
rezou	Rezar: proferir ou dizer (rezas ou orações); orar **.	Assim, põe-se a rezar, tentando afastar a ideia obscura daquele período fatídico.
desapontada	Masc.: que se desapontou, sofreu desapontamento; decepcionado; desiludido **.	Voltando a pensar na cama, Sinha Vitória estabelece consigo mesma uma associação entre seu cuspe no terreiro e o alcance da meta, que é a aquisição da cama. Ao perceber que não consegue o alcance necessário, desiste da ideia, tentando convencer a si mesma de que aquilo não valia nada.
pés chatos	Sing.: diminuição da curvatura do arco do pé, com a consequente alteração da posição da perna ao pisar e andar **.	Ali, entretida com o fazer da comida, Sinha Vitória vê seus “pés chatos”, largos, com dedos separados. A semelhança com os pés do papagaio tanto aproxima a mulher da condição animal quanto a faz recordar da tristeza que foi a necessidade de matar e comer o bicho de estimação, devido à fome desesperadora. Passado, presente e planos para o futuro: quaisquer pensamentos trazem dor.
insosso	Sem sal ou sem tempero suficiente **.	A mulher resolve provar a comida que fazia, e percebe o sabor “insosso” do alimento, acrescentando a ele, então, um pouco mais de sal.
boia	Pop.: refeição, comida **.	“Aquilo nem parecia boia de cristão”.

		Nem sequer a comida da família de Fabiano é digna, lembrando ainda que, por vezes, a própria comida lhes faltava.
medo	• Sentimento inquietante que se tem diante de perigo ou ameaça; fobia; pavor; terror; • Ansiedade diante de uma sensação desagradável, da possibilidade de fracasso, etc.; receio; temor **.	A mulher passa a pensar, então, no bebedouro que já possuía um líquido escuro, rejeitado até pelos bichos, o que lhe causa medo: o medo de que a seca voltasse era iminente.
arreliaava-se	Arreliar: fazer ficar ou ficar irritado, aborrecido; irritar (se) **.	Ainda magoada, a mulher fica aborrecida com a comparação de seus pés com os pés do papagaio.
ferida	Fig.: tudo aquilo que acontece com alguém que lhe ofende ou faz sofrer moral ou emocionalmente, ou a dor íntima, a tristeza, a mágoa, a aflição que isto lhe causa; mágoa **.	O medo da seca e a “ofensa” de Fabiano abrem uma ferida na mulher, que volta a recordar todas as suas dores.
matara-o	Matar: tirar a vida (de outro ser vivo ou de si próprio); assassinar **.	A lamentação, então, volta a se dar pela lembrança do papagaio, abatido por Sinha Vitória na caatinga, no auge do desespero.
necessidade	• Pobreza extrema; penúria; miséria; • Precisão, urgência **.	Aquilo tinha ocorrido por “necessidade”, recorda a mulher, entristecida.
sustento	O que mantém ou alimenta fisicamente; alimentação; nutrição; sustentação **.	Sinha Vitória tenta consolar a si mesma, justificando o fato pela necessidade do sustento da família.
desgraça	• Má sorte; adversidade; infelicidade; infortúnio; • Acontecimento funesto; tragédia; calamidade; • Fig.: miséria **.	Triste, a mulher culpa Fabiano por ter despertado tais lembranças nela: aquela “desgraça” volta à sua memória e lhe traz grande sofrimento. A mulher roga aos céus que não permitam a volta de toda aquela “desgraça”.
sonhar	• Fig.: devanear, fantasiar, ou imaginar-se; • Ansiar **.	Voltando a sonhar com a cama de couro, Sinha Vitória mistura as ideias, sem conseguir concentrar-se no desejo, sem lembrar também do sofrimento passado.
encolhia	Encolher: • Diminuir de dimensão, de tamanho, contrair-se; • Fazer recuar, encolher *.	Sinha Vitória se lembra do quanto se encolhiam, ela e Fabiano, dormindo na cama de varas.

bamba	Masc.: • Que está frouxo; lasso; • Que não está firme ou estável; que é passível de tombo ou queda **.	Cansada de tanto trabalho, “bamba”, Sinhá Vitória teria de deitar-se na cama incômoda, cheia de pregos.
comiam	Comer: Pôr (alimentos) na boca, mastigando-os e engolindo-os **.	Nada de novo acontece para a melhora das condições da família: entre chegadas e partidas, a família apenas comia.
engordavam	Engordar: tornar (se) gordo ou mais gordo **.	Durante o tempo em que permaneciam abrigados, engordavam. A crueza da vida é latente em “comiam” e “engordavam”, já que, no interstício entre as secas, que deveriam ser indicadoras de um bom período na vida da família de Sinhá Vitória, tudo se resumia em apenas “comer” e “engordar” (isso sem mencionar as injustiças sofridas principalmente pelo chefe do lar, Fabiano).
encafuar-se	Encafuar: • Entrar ou meter em cafua, caverna, buraco, etc.; encafurnar; • Esconder (se); ocultar (se) **.	A dureza é tamanha que, para economizar no querosene, dormem com o pôr do sol, encafuando-se como se fossem galinhas.
paciência	• Qualidade do que é ou de quem é paciente; • Virtude que consiste em suportar os males e incômodos sem reclamar, sem se revoltar ou irritar; resignação **.	Só resta à mulher ter “paciência”. A difícil aquisição da cama, o sofrimento da família, as tantas dores vividas: conviver com tantos dissabores contínuos exige da mulher uma grande sabedoria, externada em sua quase sempre constante “paciência”.

Quadro 7 - Capítulo *Sinhá Vitória*

<i>O MENINO MAIS NOVO</i>		
Léxico representativo da opressão	Significado das palavras	Análise dos aspectos discursivos e sociais da palavra no contexto da obra
pequeno	Com área, volume, extensão, tamanho, valor abaixo da média **.	A caracterização do menino já o apresenta como “pequeno”. Diante da miséria em que vive a família, o crescimento abaixo da média por provável desnutrição é inevitável e comum nas comunidades carentes dos sertões do Brasil, conforme vimos na seção expoente da história das secas no Nordeste brasileiro.
lêndeas	Sing.: ovo de piolho (<i>pediculus humanus</i>) que adere aos cabelos ou pelos.	O menino é cheio de lêndeas, o que evidencia os graves problemas da ordem de saúde pública, comuns em situações de miséria e pobreza extremas.
indignado	• Que se indignou; • Que sente indignação, revolta em virtude de algo indigno, injusto, aviltante, desrespeitoso, violento, etc.; revoltado **.	O menino está indignado com a indiferença que o irmão e a cachorra Baleia demonstram diante daquilo que ele julga ser uma façanha de seu pai Fabiano, já que este, vestido com toda a indumentária de vaqueiro, montou em um animal arisco e, com firmeza, dominou-o.
casculo	• Pancada na cabeça com o nó dos dedos; castanha, cocorote; coque; • Qualquer pancada proposital; bordoadas; pancada **.	Tentando a anuência de Sinha Vitória para realizar os mesmos feitos do pai, o menino mais novo puxa seu vestido na tentativa de se comunicar, mas o gesto irrita a mãe, que lhe aplica um casculo.
entusiasmo	• Viva demonstração de alegria e animação; exultação; júbilo; • Admiração fervorosa por algo ou alguém; arrebatamento **.	Passado o momento de indignação, o menino permanece observando e admirando o pai, entusiasmado por seus modos e sua valentia.
encandeados	Sing. : Fig. Atraído, deslumbrado, estonteado; fascinado **.	Todos os modos do pai provocam grande admiração e deslumbramento no filho mais novo.

curvado	• Que se curvou; curvo; • Vergado para frente e para baixo; inclinado; • Fig.: dominado, subjugado; resignado, oprimido **.	No dia seguinte, o menino decide imitar Fabiano, circulando pelo terreiro à espreita e com andar curvado, à semelhança do pai.
urubu	Nome comum dado às aves da família dos catartídeos que possuem cabeça e pescoço nus e se alimentam de carniça **.	O menino circula em volta do chiqueiro, tal qual urubu.
arremedando	Arremedar: reproduzir ou tentar reproduzir (som, gesto, comportamento, estilo, etc.) imitando; remedar **.	Os gestos do pequeno procuram sempre arremedar os gestos do pai.
mangação	• Ação de mangar; • Deboche, escárnio, zombaria **.	O menino pensa em consultar o irmão mais velho antes de pôr em prática seus planos, mas tem medo da “mangação” dele.
banzeiro	Bras.: que revela banzo; melancólico; nostálgico; triste **.	Indeciso, vai caminhando “banzeiro”, próximo das cabras soltas pelo irmão mais velho, que as encaminhava ao bebedouro. O plano é montar um bode, tentando imitar o pai ao montar a égua.
abandonado	• Sem amparo e sem abrigo; desamparado; • Que foi posto de lado, que não se quer mais; largado **.	Após uma montaria desastrada, o menino se engancha no chifre do animal e cai estatelado ao chão, rasgando ainda mais a camiseta surrada. Em seus pensamentos infantis, sente-se abandonado.
mesquinho	• Insignificante, acanhado, pobre; • Que não tem grandeza largueza, magnanimidade; reles **.	O sentimento do menino, que não consegue arremedar o pai, é de abandono e de mesquinhez.
magro	• Diz-se de quem ou do que tem pouco peso em relação à altura; • Que tem pouca ou nenhuma gordura **.	Além de pequeno, o menino mais novo é magro, fraco.
tímidos	Sing.: • Pouco expansivo nas relações sociais; acanhado; retraído; • Temeroso, acanhado; • Fig.: que é fraco ou inconvincente **.	Preocupado com a bronca que levaria dos pais por conta do “acidente”, o menino caminha, revelando seus olhos tímidos.

banzeiro	Bras.: que revela banzo; melancólico; nostálgico; triste **.	Caminhando “banzeiro”, antes de chegar a casa, o menino acentua o modo de andar, buscando imitar, também nesse aspecto, as façanhas de seu pai.
crescer	Desenvolver-se, aumentando em altura, duração, comprimento, tamanho, volume, etc. **.	Passada a humilhação da queda, presenciada pelo irmão mais velho e por Baleia, o menino pensa (sempre nas palavras do narrador “adentrando” os pensamentos dele) que precisa crescer para ser como o pai.
grande	• Que tem dimensões avantajadas; • Amplo, extenso, vasto; • Que já está criado, desenvolvido, grande **.	Quando fosse “grande”, conseguiria dominar a égua, iria trazer um facão na cintura, fumaria dos mesmos cigarros e dormiria, ele também, numa cama de varas: faria tudo igual a Fabiano.
importante	• De grande valor, relevância e/ou interesse; notável; relevante; significativo; • De muito prestígio e influência; poderoso; reputado **.	Quando grande, caminharia como o pai: pesado, importante. Toda a passagem em torno da admiração do menino pelo pai, remonta à estrutura social dos integrantes daquela família, que, por terem pouca interação entre si e provavelmente nenhuma interação com os outros, promovem, como única fonte de referência à criança, a figura do pai e seus feitos de vaqueiro, sua imponência e domínio naquele ambiente sertanejo. Não fossem os desajustes de ordem social que os marginalizava e impedia que permanecessem em sua terra, certamente o menino poderia ser feliz, caso escolhesse ser como Fabiano.

Quadro 8 - Capítulo *O menino mais novo*

<i>O MENINO MAIS VELHO</i>		
Léxico representativo da opressão	Significado das palavras	Análise dos aspectos discursivos e sociais da palavra no contexto da obra
indignado	• Que se indignou; • Que sente indignação, revolta em virtude de algo indigno, injusto, aviltante, desrespeitoso, violento, etc.; revoltado **.	O menino mais velho fica “indignado” após ter tomado um cocorote da mãe, depois de questioná-la.
injustiça	• Falta de justiça; iniquidade; • Desrespeito ao direito do outro **.	A “injustiça” acontece porque o menino quer saber o significado da palavra <i>inferno</i> , proferida por Sinha Terta. Como a mãe somente alude a um lugar muito ruim, o menino pergunta se ela já tinha visto o tal lugar. Indignada, a mulher repreende o filho pela pergunta que foi por ela julgada como ofensiva.
chorando	Chorar: • Emitir gritos ou sons fortes, com ou sem lágrimas, acompanhados de movimentos de braços e pernas, como manifestação de desconforto corporal ou insatisfação; • Expressar com queixas, lamúrias, reclamações repetidas a respeito de; lamentar (se); lamuriar (se) **.	O menino mais velho chora, sem entender o que sucedeu.
infeliz	Sing.: que(m) não é feliz; descontente; que(m) não foi favorecido pelas circunstâncias; desgraçado*.	Sentindo-se muito infeliz, o menino vai buscar consolo na companhia de Baleia.
vocabulário	Conjunto de vocábulos de uma língua; léxico **.	Abraçado à cachorra, o menino começa a contar uma história, mas tinha um vocabulário muito pequeno.

minguado	De que há pouco; escasso; irrisório; parco **.	O vocabulário do garoto é minguado, quase tanto quanto era minguado o vocabulário do papagaio servido de alimento tempos antes.
palavra	• Unidade da língua que, na fala ou na escrita, tem significação própria e existência isolada; • Vocábulo, termo **.	O menino havia escutado e mostrado interesse pela palavra “inferno”. Fica imaginando que, pelo soar, deveria significar algo muito interessante.
abandonavam	Abandonado: • Sem amparo e sem abrigo; desamparado; • Que foi posto de lado, que não se quer mais; largado **.	O menino se sente extremamente abandonado. Não fosse a cachorrinha, não teria com quem “conversar”. Era para ela que ele balbuciava histórias, sempre atrapalhado com as palavras.
desapontado	Que se desapontou, sofreu desapontamento; decepcionado; desiludido **.	“Ele tinha querido que a palavra virasse coisa e ficara desapontado”. Esse memorável trecho, além de revelar a genialidade de Graciliano, sensibiliza-nos, já que o menino atribui o soar fonético da palavra a algo bom, e não consegue associar aquilo à repreensão física que sofreu.
cascudo	• Pancada na cabeça com o nó dos dedos; castanha, cocorote; coque; • Qualquer pancada proposital; bordoadas; pancada **.	Para o mais velho dos meninos, as pancadas e cascudos aconteciam quando os pais se zangavam, mas não entendia o porquê disso naquele contexto. Aos poucos, imagina que aquele lugar ruim demais que Sinhá Vitória mencionou era ruim porque tinha pancadas, puxões e cascudos.
balbuciava	Balbuciar: articular (sons, palavras) de modo imperfeito ou confuso; gaguejar *.	Interessado em palavras, o menino repete sons, sílabas, imita coisas desconexas, buscando modos de falar diferentes.
repetia	Repetir: tornar a dizer ou expressar (se) **.	Decidido a aprender novas palavras, se põe a ouvir os outros e, certamente, “inferno” deveria ser uma palavra importante, já que foi dita por Sinhá Terta. Sendo assim, repete a palavra.
imitava	Imitar: fazer ou tentar fazer o que faz outra pessoa ou animal; reproduzir, arremedar **.	O menino costumava imitar diferentes sons que ouvia.

inferno	• Mit.: lugar subterrâneo em que habitavam as almas dos mortos; • Para as religiões cristãs, habitação dos demônios e lugar destinado ao suplício das almas dos malvados, pecadores, perversos; • Situação de sofrimento ou martírio **.	Repete, então, diversas vezes a nova palavra, “- Inferno, inferno”, como se estivesse degustando cada sílaba. E assim, o menino imagina que causaria inveja no irmão mais novo e na cachorra, quando ouvissem a nova palavra que ele tinha aprendido.
desconfiado	Que tende a desconfiar **.	Permanece desconfiado, pois não admite internamente o fato de ter apanhado por causa de uma palavra: o menino queria que explicassem a ele e não conseguia aceitar aquele modo de “ensinar” as coisas. A passagem que traz esses últimos vocábulos aponta-nos para o comportamento diferente do filho mais velho de Fabiano: ao contrário do pai, o menino parece ter muito interesse por palavras e histórias. Não aceita a repreensão física, e sua personalidade parece confrontar à do pai. O autor remete à importância da linguagem (lembrando que Fabiano já foi prejudicado pela escassez nos modos de se comunicar) e projeta no menino um desejo oposto àquele que Fabiano nutria e estava habituado.
gritos	Sing.: som de voz agudo e estridente, emitido geralmente em situações de medo, desespero etc. ou para se fazer ouvir ao longe **.	Dada a escassez de recursos linguísticos, o menino busca explicar à cachorra tudo o que trazia dentro de si por meio de gritos e gestos abundantes.
esgaravatou	Esgaravatar: • Limpar (nariz, ouvido, dente etc.) catando sujeira com o dedo, palito, instrumento esgaravador, etc.; • Remexer com os dedos, unhas, instrumento, objeto etc., cavoucando **.	Enquanto pensa, esgaravata as unhas sujas, quando, então, lembra-se de mais uma palavra que gostaria de entender: infeliz.

infeliz	Sing.: que(m) não é feliz; descontente; que(m) não foi favorecido pelas circunstâncias; desgraçado*.	O menino logo desiste de entender o significado de “infeliz”, temendo novamente ser repreendido. A conhecida ironia do autor fica evidente nessas passagens: a vida dessas pessoas assemelha-se ao próprio “inferno” e eles mesmos são “infelizes”, abandonados à própria sorte no sertão. O desconhecimento das “coisas” os impede de reconhecer a própria situação, ou de aprofundar suas impressões a respeito das injustiças, afinal, estão todos inseridos em uma sociedade cujas bases ideológicas se pautam nas manutenções do poder por meio de uma hegemonia discursiva que prega o cuidado do governo com seus “fracos e oprimidos”, como forma de manter o “equilíbrio” e a subserviência do cidadão comum.
fraco	Que não tem força física ou moral **.	Entristecido, o menino tenta pensar nas estrelas no céu, mas continua a se sentir fraco.
desamparado	• Deixado ao desamparo; abandonado; • Carente de ajuda, apoio ou socorro **.	Além de fraco, o menino se sente desamparado, sem saber a quem recorrer para esclarecer suas dúvidas.
magros	• Diz-se de quem ou do que tem pouco peso em relação à altura; • Que tem pouca ou nenhuma gordura **.	O menino tem os braços magros.
finos	Sing.: que tem pouca espessura, grossura ou largura; delgado *.	Os dedos do mais velho dos meninos são finos.
entristeceu	Entristecer: • Infundir tristeza a (algo ou alguém); afligir; • Ficar triste; sentir pesar, desgosto, aflição íntima **.	Em seus pensamentos sobre as estrelas e sobre as palavras, o menino se entristece, buscando consolo ao abraçar com força a cachorra, a única que escutava suas ideias.

Quadro 9 - Capítulo *O menino mais velho*

<i>INVERNO</i>		
Léxico representativo da opressão	Significado das palavras	Análise dos aspectos discursivos e sociais da palavra no contexto da obra
satisfeito	• Que se satisfaz; contente; • Que se saciou; farto; saciado **.	A chegada do inverno e da chuva característica desse período na caatinga anima e deixa Fabiano satisfeito, com boas esperanças para um futuro melhor.
repetições	Sing.: ação ou resultado de repetir (se) **.	A família está unida, todos encolhidos procurando aquecerem-se, enquanto Fabiano, feliz, começa a contar histórias desconexas, com frases soltas e repetições sem sentido.
incongruências	Sing.: não existência ou falta de congruência, de conformidade, concordância, etc.; desconexão **.	Suas histórias são incongruentes e revelam a já sabida falta de manejo com as palavras.
ambíguo	Que tem ou pode ter vários sentidos; dúbio **.	O sentido das histórias é ambíguo, e Fabiano faz uso de interjeições guturais e gestos para dar destaque àquilo que diz.
minguados	Sing.: De que há pouco; escasso; irrisório; parco **.	Os recursos linguísticos são minguados, como tudo na vida desse homem. Desse modo, não consegue se comunicar com a família. Nesse momento de proximidade entre os familiares, apenas o menino mais velho presta atenção às palavras de Fabiano. Os demais falam desconexa e desordenadamente; cada um mergulhado em seu “pobre” universo particular, inclusive a cachorra.
atento	• Que mantém os sentidos em alerta, que não se distrai; alerta; • Que se aplica, se	O menino mais velho ouve as narrativas atentamente, mas fica desanimado com a falta de verossimilhança das histórias de

	concentra no que está fazendo, vendo ou ouvindo **.	Fabiano.
despotismo	• Ação característica de déspota; • Qualquer manifestação de autoridade arbitrária ou opressora; autoritarismo; tirania **.	Fabiano sabe que o “despotismo” da água abundante acabaria, mas prefere não pensar no futuro.
amedrontada	Masc.: tomado de medo, atemorizado **.	Sinha Vitória também está amedrontada, mas seu receio é de uma possível enchente, já que a chuva que cai do lado de fora é torrencial: teme que a casa seja inundada, mas suspira, afastando a ideia.
desgraça	• Má sorte; adversidade; infelicidade; infortúnio; • Acontecimento funesto; tragédia; calamidade; • Fig.: miséria **.	Sinha Vitória confia em Deus e roga-lhe para que não permita tamanha “desgraça”. A palavra/coisa “desgraça” está sempre presente, seja quando a vivenciam, seja quando temem a sua volta. A tormenta e angústia parecem não ter fim.
façanhas	Sing.: • Ato admirável e difícil de realizar; proeza; • Feito heroico **.	Enquanto Sinha Vitória tenta afastar os maus pensamentos, Fabiano balbucia sobre suas façanhas, tentando relatá-las.
exagero	• Ação ou resultado de exagerar (se), exceder (se); • Coisa excessiva, desmedida; excesso **.	Há certa dose de exagero nas histórias que conta o vaqueiro.
otimismo	Inclinação para ver as coisas pelo lado mais favorável **.	O otimismo é grande e faz com que as histórias fiquem enfadonhas. O vaqueiro tem certeza de que havia praticado “feitos notáveis”. O narrador acrescenta que Fabiano precisa desse otimismo para superar o episódio de sua prisão, ocorrida anteriormente.
vinganças	Sing.: • Ação ou resultado de vingar-se, de prejudicar uma pessoa como reparação a dano causado por ela; desforra,	Antes desse momento, Fabiano passa semanas “capiango”, entristecido e buscando formas de vingar-se do soldado amarelo.

	represália; vindita; • Castigo, pena, punição **.	
contente	Que está feliz, alegre ou que se sente muito bem em relação a algo; alegre; feliz **.	A chegada da chuva abundante anima o vaqueiro, fazendo-o momentaneamente esquecer a prisão humilhante e injusta e deixando-o mais contente.
capaz	• Que tem as qualidades (físicas, mentais ou outras) necessárias ou adequadas para determinado fim, tarefa, atividade, etc.; • Que faz bem seu trabalho, ou tem as habilidades, conhecimentos ou outras características necessárias para tanto; que tem competência; competente; • Cujos traços, atributos, características ou condições podem provocar ou suscitar (certo ato, comportamento, reação etc.); que tem possibilidade de **.	Diante da fogueira que os aquece, Fabiano busca contar seus feitos, esquecendo-se das pancadas e da prisão e sentindo-se novamente “capaz”. Certamente ele era “capaz”: sabia manejar a terra, criar os animais; tinha responsabilidade de pai de família e o apoio da mulher: se as condições não fossem tão absurdamente opressoras, Fabiano poderia viver bem em seu próprio chão.
seguro	Livre de risco, protegido; garantido; resguardado **.	Enquanto a água subia e inundava tudo em volta, Fabiano se sentia seguro e contava histórias fantasiosas de brigas em que saíra vencedor.
vencedor	• Que vence; vitorioso, ganhador; • Que supera um obstáculo, uma dificuldade **.	Baseado em histórias antigas ouvidas dos mais velhos, Fabiano acrescenta seus feitos pessoais, enquanto fala alto e gesticula muito, contando vitórias.
repisou	Repisar: • Repetir exaustivamente ou insistir em; • Tornar tedioso devido a insistente repetição **.	Partes incompreensíveis das histórias geram discussões. O menino mais novo, concordando e aplaudindo o pai. O mais velho, perguntando, buscando entendê-lo. Fabiano repisa a história, buscando palavras difíceis, mas aquilo não ajuda o mais velho, descontente por não compreender direito, tão grande era a inverossimilhança.

desencanto	O mesmo que desencantamento **.	O menino mais velho sente um grande desencanto quando a história do pai fica desconexa. Para o menino, entender as coisas era realmente importante.
brigaria	Brigar: • Lutar, combater corpo a corpo; • Travar a discussão, pôr-se em desavença; • Lutar, disputar com muito empenho; batalhar por conseguir; entrar em disputa por **.	Em seu íntimo, o menino decide que brigaria pelas palavras. Pensa no brinquedo que havia ganhado de seu Tomas da bolandeira, nos bichos feitos de lama que construía e com os quais brincava de contar histórias. E assim permanece, já sonolento. O capítulo como um todo remete à ideia do período de bonança, do interstício entre secas, que parecia um “oásis” na castigada caatinga. Entretanto, sabemos serem no período do inverno os episódios que mais remetem à opressão social.

Quadro 10 – Capítulo *Inverno*

FESTA		
Léxico representativo da opressão	Significado das palavras	Análise dos aspectos discursivos e sociais da palavra no contexto da obra
pezunhavam	Pezunhar: mover os pezunhos; andar **.	Fabiano e família estão a caminho da vila da cidade para a festa de natal. Seus modos grosseiros de caminhar pezunham o chão como “bois doentes dos cascos”.
apertado	Apertar: • Que se apertou, comprimiu, restringiu; • Que se fechou, prendeu, cingiu, amarrou com força **.	Fabiano sente-se apertado na roupa feita por Sinhá Terta. O tecido tinha sido pouco e o homem não consegue “erguer o espinhaço”.
estreavam	Estrear: usar pela primeira vez **.	Os meninos nunca haviam usado calça e paletó, portanto, estreiam tal vestimenta.

descalçou-se	Descalçar: Tirar calçados, meias ou luvas de (alguém) **.	Como tenta andar alinhado, Fabiano logo fica cansado e resolve tirar os sapatos apertados, gesto imitado pelos demais membros da família. Vale ressaltar que Vitória cambaleia em cima dos sapatos de verniz, enquanto os meninos calçam os chinelinhos de sempre. Toda aquela indumentária da cidade é desconfortável para eles, mas na tentativa de se sentirem “gente”, eles buscam parecer-se ao máximo com as pessoas da cidade.
arreliado	• Que se arreliou; irritado, aborrecido; • Que vive se metendo em brigas, em confusão; brigão; • Cheio de empáfia, atrevido, insolente**.	Depois de caminharem por quase toda a tarde, os sertanejos atravessam o riacho e chegam à rua da cidade, onde resolvem novamente colocar seus calçados. Mesmo com os pés doloridos, Sinha Vitória permanece firme no propósito de usar seus sapatos. As botas de couro de Fabiano, entretanto, não entram nos pés inchados, deixando Fabiano “arreliado”.
emendas	Sing.: • Objeto que se junta a outro para corrigir algum defeito ou aumentar o tamanho; • Lugar onde se unem duas peças **.	Devido à economia de tecido, as roupas têm emendas, apertam e são curtas nos braços e pernas do homem.
coxeando	Coxear: • Andar puxando de uma perna, ou apoiando-se em mais de uma perna do que na outra, por deficiência física permanente física permanente ou temporária, contusão etc.; claudicar; mancar; manquejar; • Fig.: Estar incompleto, sem condições para ficar em simetria, equilíbrio **.	Ao insistir para que a bota entre em de seus pés, Fabiano arrebenta a tira de couro, resolvendo, então, entrar na cidade daquele jeito mesmo, “coxeando”.

desvantagens	Sing.: - Falta de vantagem ou prejuízo; - Situação ou posição de pessoa ou grupo que se encontra em posição abaixo de ou posterior à de outrem **.	Fabiano procura não dar atenção a todas essas “desvantagens”. A bravura do sertanejo sempre o impelia a buscar a superação de suas dificuldades, fossem elas quais fossem.
teso	- Esticado, retesado; - Aprumado, ereto; - Sem movimento; imóvel **.	Fabiano caminha “teso”. Sinha Vitória cambaleia sobre os sapatos, mas busca imitar os modos das moças da cidade, inclusive na maneira de carregar o guarda-chuva.
medo	- Sentimento inquietante que se tem diante de perigo ou ameaça; fobia; pavor; terror; - Ansiedade diante de uma sensação desagradável, da possibilidade de fracasso, etc.; receio; temor **.	Os meninos, ao avistarem o lugarejo, sentem medo.
retraíam-se	Retrair: - Puxar para trás; trazer para si; recolher; - Realizar (se) a contração de; contrair (se); encolher (se) **.	Apesar de saberem que existiam outros lugares, os meninos ficam assustados com tantas casas e tantas pessoas, retraindo-se, tentando ficar escondidos atrás da mãe.
se espantavam	Espantar: - Causar ou sentir susto, ou medo; assustar; apavorar; - Causar ou sentir surpresa ou admiração; surpreender **.	Naquele lugar repleto de pessoas, Fabiano e Sinha Vitória ficam reduzidos na visão das crianças, que ficam espantadas com tudo o que veem.
reduzidos	Sing.: que se reduziu, que se tornou pouco ou pequeno; restrito **.	No universo dos meninos, os pais são quase tudo o que conhecem, mas vendo-os ali, no convívio social, os pais ficam “reduzidos”. Assim são aqueles sertanejos no próprio contexto de suas vidas: demonstram destreza e inteligência para lidar com as coisas da terra, mas, do ponto de vista social, reduzem-se.
silencioso	- Que está em silêncio, que se mantém sem barulho; - Que permanece calado **.	Fabiano permanece silencioso. Aquele lugar provoca desconfiança no vaqueiro, que se vê impelido a agir como os outros.

constrangido	que sente ou expressa constrangimento, vergonha, inibição, embaraço; envergonhado; inibido **.	Percebe-se diferente dos outros. No ambiente da cidade, o vaqueiro fica “constrangido”.
inimigos	Sing.: aquele que tem aversão ou ódio a alguém ou algo **.	O sertanejo imagina estar entre inimigos. Teme envolver-se em alguma confusão que possa acabar mal, como ocorreu no dia de sua prisão.
tradição	Costume arraigado **.	Incomodado, o sertanejo só está ali por uma questão de tradição. Nas palavras do narrador, “não prejudicaria a tradição”. O teor de crítica social nessa passagem é evidente: apesar de sentir-se excluído na cidade, Fabiano entende que precisa manter a tradição, nesse caso, o costume voltado à comemoração do natal na igreja, conforme os preceitos cristãos. Fabiano não pode lutar contra a tradição. A ele resta apenas obedecer, resignadamente.
sofresse	Sofrer: • Experimentar mal físico, afetivo ou moral; padecer; • Ter prejuízo ou experimentar percalços **.	Embora a tradição provoque vários tipos de sofrimento em Fabiano, ele não ousa desrespeitá-la. A exemplo de Fabiano, a sociedade brasileira vivente dos anos 1930 também não podia se opor à tradição mantida e imposta governo após governo e, de maneira especial no Estado Novo getulista, a perseguição contra opositores era acentuada e cruel em suas punições.
inferior	• Fig.: que está abaixo de outro no que se refere ao valor, à importância, à condição, ao mérito, à qualidade, etc.; • Soc.: Diz-se de quem está econômica, social ou politicamente inferiorizado **.	Comparado-se aos outros homens da cidade, Fabiano reconhece-se inferior. Novamente um trecho que merece destaque: o sertanejo vive em tamanha exclusão que, ao ver um outro homem, se encolhe e, mesmo em sua simplicidade, percebe o grau de distanciamento que tem dos demais.

carrancudo	De semblante ameaçador e sombrio; emburrado; mau-humorado; sisudo; trombudo **.	Ao desconfiar de que é alvo de chacotas, Fabiano muda as feições, ficando “carrancudo”.
empurrado	Empurrar: • Ação de empurrar; • Impulso violento; empurro; empuxão **.	Tendo perdido de vista a mulher e os filhos, o vaqueiro fica inseguro, procurando algum rosto conhecido na multidão que saía da igreja. Adentra a multidão até encontrar a família e, ao saírem, Fabiano é empurrado.
machucado	• Que se machucou; que sofreu machucadura; ferido; contundido; • Que se abateu, que se magoou, que sofreu; amargurado **.	Em meio à multidão, Fabiano se sente tonto, extremamente incomodado. Enquanto saía da igreja é empurrado e machucado.
sem-vergonha	• Bras.: Que é desavergonhado ou malicioso; • Bras.: Pessoa desprovida de moral ou extremamente maliciosa **.	Fabiano levava os meninos para brincarem no parque, enquanto sonhava em ser feliz e dar à mulher a cama desejada. Aproximando-se de uma barraca de bebida, pede uma dose de cachaça e, mesmo sob o olhar reprovador da mulher, toma outras doses envolto nas lembranças do jogo com o soldado, na prisão. Aos poucos, vai ficando “sem-vergonha”.
empertigou-se	Empertigar: Fazer ficar ou ficar teso, ereto; esticar (a coluna, o corpo); aprumar **.	As repetidas doses de cachaça tornam o vaqueiro cada vez mais corajoso e desafiador.
esbodegava-se	Esbodegar: escangalhar, destruir, arruinar;	Lembrando-se do amarelo, Fabiano garante a si mesmo que, caso o encontrasse, “esbodegava-se” com ele.
emproado	Que tem atitudes, gestos, aparência que denotam soberba, afetação, altivez, petulância, vaidade, etc.; orgulhoso; presumido, pretensioso **.	As lembranças do soldado, somadas aos efeitos da bebida, tornam Fabiano valente e provocador.
agoniado	• Que sente agonia, aflição, sofrimento de qualquer natureza; angustiado; • Bras.: Que tem muita pressa, afobação **.	Solta insultos e provocações pela praça, xingando o soldado, xingando todos que julgava roubar-lhe. Os efeitos do álcool o deixam enjoado e agoniado.

arrefecera	Arrefecer: - Ficar mais ameno, mais brando; ceder; - Fig.: fazer ficar ou ficar desanimado, desalentado, com menos entusiasmo; desalentar (se) **.	Depois de toda a “fúria”, as forças vão cessando e, sentado na calçada, Fabiano arrefece.
cachorros	Sing.: pessoa inescrupulosa, sem dignidade **.	Incomodado com a presença de pessoas por perto, Fabiano se põe a ofender a todos e, visivelmente atrapalhado, chama a todos de “cambada de cachorros”.
perigo	Situação de risco ou ameaça para alguém ou algo **.	O vaqueiro se sentia em perigo constante e precisava reagir, mostrar valentia, defendendo a si e à sua família.
aflitos	Sing.: - Que sente aflição; - Que está inquieto, preocupado, angustiado **.	Enquanto Fabiano dorme na calçada, Sinha Vitória, ao lado do marido e dos filhos, observa a festa, admirando as luzes e sonhando com sua cama de couro. Os meninos se preocupam com o sumiço da cachorra Baleia, que havia se separado deles.
reiunas	Sing.: diz-se de certa espingarda curta e de fuzil (hoje em desuso) **.	Enquanto isso, Fabiano dorme pesado, roncando e angustiado ao sonhar com soldados amarelos que lhe pisavam com pés e o ameaçavam com reiunas e facões. No decorrer de todo o capítulo, a dor retratada é latente: a família – e em especial Fabiano – sofre ao tentar vestir-se e calçar-se nos moldes citadinos, sofre por não conhecer as “dinâmicas” sociais do meio mais urbano, sofre por ser diferente, sofre pelo medo de sofrer.

Quadro 11 - Capítulo *Festa*

BALEIA		
Léxico representativo da opressão	Significado das palavras	Análise dos aspectos discursivos e sociais da palavra no contexto da obra
emagrecido	Emagrecer: tornar-se magro o mais magro **.	O capítulo inicia-se enfatizando o adoecimento da cachorra Baleia, que havia emagrecido repentinamente, e ressaltando que ela já estava à beira da morte.
manchas	Sing.: • Marca deixada por sujeira; nódoa; • Mudança de coloração na pele de pessoas ou no pelo de animais *.	O pelo de Baleia estava repleto de manchas escuras.
supuravam	Supurar: • Produzir ou expelir pus; • Fig.: colocar (se) para fora, exteriorizar (se) **.	As machas estavam repletas de pus.
sangravam	Sangrar: Verter ou perder sangue **.	Além de pus, as manchas escuras do pelo da cachorra sangravam.
moscas	Sing.: nome comum dado a diversas espécies de espécies de dípteros, da família dos muscídeos e de diversas outras famílias, que vivem muitas vezes associadas ao homem ou a animais domésticos **.	O estágio das feridas atraía moscas que, por sua vez, cobriam as manchas.
chagas	Sing.: ferida aberta, local em que há ruptura ou destruição dolorosa da pele, geralmente com infecção, ou saída de sangue e pus **.	A boca da cachorra também estava cheia de “chagas”.
inchação	• Ação ou resultado de inchar (se); inchamento; • Aumento acentuado de volume de órgão ou região do corpo; anasarca; edema; inchaço; inchume; mondrongo; tumor **.	Os “beijos” inchados impediam que a cachorra conseguisse comer ou beber.
hidrofobia	Doença infecciosa de origem virótica que ataca o sistema nervoso central dos mamíferos e	Percebendo o início da hidrofobia, Fabiano havia amarrado um rosário de sabugos de milho queimado no

	que é transmitida aos seres humanos pela mordida de um animal infectado; raiva **.	pescoço da cachorra, mas não vinha tendo resultado algum.
matá-la	Matar: tirar a vida (de outro ser vivo ou de si próprio); assassinar **.	O sacrifício era necessário, e Fabiano, então, resolve matar a cachorra.
sofrer	Sofrer: • Experimentar mal físico, afetivo ou moral; padecer; • Ter prejuízo ou experimentar percalços **.	O vaqueiro prepara a arma e tem a intenção de fazer o que tinha de fazer de maneira que a cachorra não sofresse muito.
assustados	Sing.: • Um tanto amedrontado; • Que denota medo, susto, inquietação **.	Os meninos percebem que algo ruim estava por vir e ficam assustados, sendo amparados pela mãe.
desgraça	• Má sorte; adversidade; infelicidade; infortúnio; • Acontecimento funesto; tragédia; calamidade; • Fig.: miséria **.	Os meninos adivinham a “desgraça” que se aproximava. O vocábulo novamente é utilizado como expoente de muita dor e sofrimento. O sacrifício de Baleia, apesar de não ser necessariamente fator de opressão em nível social, é certamente um agravante para o sofrimento de toda a família.
bulir	Despertar apreensão, inquietação, desconfiança; apoquentar; perturbar; transtornar **.	Os garotos perguntam à mãe se iriam “bulir” com Baleia.
afligiam-nos	Afligir: Causar ou sentir aflição, angústia, agonia, tormento, etc.;	Ao verem o pai manuseando a pólvora, os meninos mais novo e mais velho ficam muito aflitos.
perigo	Situação de risco ou ameaça para alguém ou algo **.	Percebem que a querida cachorra corre perigo.
família	• Grupo de pessoas que têm parentesco próximo entre si e que vivem na mesma residência, seu lar; • Grupo de pessoas que se originam dos mesmos ascendentes; descendência; linhagem **.	A cachorra era muito querida. Na verdade, ela era como uma integrante da família.

execução	Cumprimento de pena de morte **.	Os meninos ficam desesperados quando percebem a gravidade do que ocorreria. Sinha Vitória fecha a casa e segura os meninos, que choram. Enquanto isso, a mulher os consola e tenta justificar para si mesma a necessidade da execução, evitando expor todos ao perigo.
achacada	Masc.: que se encontra doente, com achaque ou mau estar; enfermo **.	A cadela “achacada” poderia enlouquecer e vir a morder alguém da família, apesar de, intimamente, Sinha Vitória duvidar que uma cachorra tão esperta como aquela pudesse chegar a tal ponto.
desconfiada	Masc.: que tende a desconfiar **.	Fabiano já estava pronto para concretizar a execução. A cachorra, desconfiada, busca esconder-se atrás da árvore.
arisca	Masc.: que tem dificuldade de se aproximar dos outros, de ser sociável; arredio; esquivo **.	A cachorra fica atrás da árvore, agachada e arisca.
gatilho	Peça de arma de fogo que, quando acionada, faz disparar o tiro; disparador **.	Fabiano, então, busca novo posicionamento e puxa o gatilho.
desesperadamente	De uma maneira desesperada, furiosamente, loucamente **.	O tiro acerta a parte traseira da cachorra, que se põe a latir desesperadamente.
desorientada	Masc.: • Que se desorientou, perdeu o rumo, o norte, a direção certa; desnortado; • Fig.: que se sente perplexo, perdido **.	Enquanto os meninos choram desesperados, a cachorra foge cambaleante, buscando abrigo próximo ao chiqueiro das cabras.
pulos	Sing.: ação ou resultado de pular, impulsionar o corpo com o auxílio das pernas, projetando-o para cima, para a frente o para trás **.	Ainda desconfiada do perigo, Baleia sai aos pulos, procurando outro abrigo.
arrastando	Arrastar: • Fazer deslizar ou deslizar pelo chão, sempre em	Como já faltavam os movimentos traseiros, a cachorra se arrasta até os juazeiros.

	contato com ele; • Fig.: Mover-se com dificuldade **.	
caiu	Cair: Ir ao chão de sua própria altura, por ação do próprio peso; estatelar-se, por ter perdido o equilíbrio; tombar **.	Antes de chegar completamente à sombra da grande árvore, Baleia cai, sem forças.
esmoreceu	Esmorecer: perder os sentidos; enfraquecer; desmaiar, desfalecer **.	Ainda tenta avançar, cravando as unhas dianteiras ao chão. Sem resultado, Baleia esmorece e permanece com a parte de baixo do corpo exposta ao sol ardente.
aquietou-se	Aquietar: tornar (se) quieto, calmo; acalmar; tranquilizar **.	Ali se aquieta a cachorra, ainda meio desnorteada.
sede	Apetite para as bebidas; sensação causada pela necessidade de beber, principalmente água **.	Sentindo uma enorme sede, Baleia tem vontade de morder Fabiano.
uivava	Uivar: dar uivos (lobo, cachorro) **.	Quase sem forças, Baleia uiva baixinho.
aflita	Masc.: • Que sente aflição; • Que está inquieto, preocupado, angustiado **.	Ainda tentando fugir do sol, Baleia move-se poucos centímetros, arrastando-se, conseguindo esconderijo numa pequena fresta de sombra. Sem entender exatamente o que estava acontecendo, a cachorra fica aflita.
nevoeiro	• Névoa muito densa; cerração; • Fig.: falta de clareza; obscuridade **.	Um nevoeiro começa a invadir a visão da cachorra.
preás	Sing. Zoo.: Nome comum dado a diversos pequenos roedores sul-americanos, da família dos caviídeos, de corpo robusto, patas e orelhas curtas e calda ausente **.	Delirante, a cachorra sente o cheiro de preás vindo dos morros altos.
tremer	Sofrer agitação física e involuntária, por frio, medo, emoção aguda; estremecer **.	Começando a tremer, Baleia pensa em morder Fabiano, mas logo depois pensa que não poderia mordê-lo, afinal, nasceu perto do vaqueiro, criou-se junto dele.
submissão	• Ação ou resultado de submeter (se);	Baleia sempre ajudou Fabiano a tocar o gado, a caçar pela caatinga:

	subordinação; sujeição; • Obediência irrestrita a uma autoridade, a uma lei, a uma orientação etc.; • Pej: humildade excessiva; subserviência**.	toda sua existência foi de submissão a seu dono.
sossegou	Sossegar: • Tranquilizar (se), ou tornar (se) sereno, calmo; aquietar (se); serenar (se); • Morrer, descansar **.	Depois de ranger os dentes a um inimigo desconhecido, a cachorra desiste e sossega.
angústia	• Ansiedade intensa, aflição, agonia; • Sofrimento **.	Com o passar das horas, o nevoeiro torna-se escuridão aos olhos de Baleia, que, ao perceber os animais soltos, deseja ajudar a tocá-los para dentro dos chiqueiros. Procura e não acha os meninos. Lembra-se de Fabiano, mas não atribui a ele aquele acontecimento estranho. Uma angústia toma o pequeno coração da cachorrinha.
vigiar	• Tomar conta; guardar; • Observar ocultamente; espreitar **.	Sente que tinha a obrigação de vigiar as cabras.
suçuarana	Felino selvagem de grande porte, encontrado nas três Américas, de coloração uniforme, geralmente amarronzada, sem manchas ou pintas; puma **.	Era seu papel proteger a criação do ataque de suçuaranas que descessem do morro.
fatigada	Masc.: que tem ou demonstra fadiga, cansaço; cansado; exausto **.	Os sentidos da cachorra vão rareando. Ela busca ouvir os sons ao redor, mas tem a impressão de que todos tinham saído. Não relaciona o ferimento recebido a Fabiano nem ao rastejamento até o juazeiro. Pensa estar na cozinha, dentro de casa.
acordaria	Acordar: interromper o sono (de), ter o próprio sono interrompido; despertar **.	Baleia deseja dormir. Parte de seu corpo já está insensível. Baleia acordaria feliz.
feliz	• Contente, alegre, satisfeito; • Que tem boa sorte; afortunado; ditoso; • Abençoado, bendito **.	Baleia acordaria feliz num mundo cheio de preás grandes e gordos, onde lamperia as mãos de Fabiano, brincaria com os meninos e onde viveriam felizes. O léxico que faz referência ao sofrimento final de Baleia caracteriza a conhecida humanização da cachorra. Esse recurso revela a

		rudeza das pessoas (Fabiano e família) em oposição à humanidade da cachorra. Muito mais do que um recurso estilístico, essa humanização da cachorra em detrimento da animalização (ou zoomorfização) das pessoas proporciona uma reflexão quanto à equiparação da condição de vida animal e da condição de vida humana. Essas condições coexistem no cotidiano daquela família, o que ratifica a própria dúvida inicial de Fabiano sobre sua condição ora de homem, ora de gente, e finalmente, de “coisa”.
--	--	---

Quadro 12 - Capítulo *Baleia*

<i>CONTAS</i>		
Léxico representativo da opressão	Significado das palavras	Análise dos aspectos discursivos e sociais da palavra no contexto da obra
resmungava	Resmungar: - Emitir (palavras) mal articuladas e que mal se ouvem, por aborrecimento ou rabugice; - Proferir palavras desconexas em tom baixo ou lamentoso **.	No acerto de contas, sempre Fabiano ficava em desvantagem: sempre que cessavam os alimentos, Fabiano precisava ceder algum dos animais aos quais tinha direito na partilha, em troca de valor ínfimo, o que sempre fazia com que permanecesse endividado e impossibilitado de pagar a dívida ou prosperar um pouco que fosse. Por isso, Fabiano resmunga.
rezingava	Rezingar: falar entre os dentes e mal-humorado; resmungar **.	Aflito, tenta buscar um meio de aumentar os recursos.
minguados	Sing.: De que há pouco; escasso; irrisório; parco **.	Entretanto, por já serem recursos “minguados”, esse ciclo parecia interminável.

receava	Recear: - Ter receio ou apreensão com relação a; - Achar, crer em algo desagradável **.	O receio do vaqueiro era que fossem ele e sua família expulsos da fazenda e precisassem reiniciar nova marcha sertão afora.
rendia-se	Render: - Forçar ou ser forçado a submeter-se, a capitular, a ceder; - Sujeitar-se, ceder **.	Por conta do medo do despejo, Fabiano rendia-se à exploração do patrão.
aceitava	Aceitar: submeter-se a, conformar-se com; suportar **.	Aceitava a partilha injusta e, nas horas de aperto, via o patrão ferrar animais que seriam seus e que tinham sido repassados por preço inferior.
endividava-se	Endividar: contrair ou fazer contrair dívida**.	Quando já não tinha mais animais para revender, Fabiano “endividava-se”.
encalacrado	Que se encalacrou; que se meteu em situação difícil (ou perigosa), em aperto (geralmente financeiro) **.	Quando era chegado o momento da partilha, Fabiano geralmente estava “encalacrado”.
ninharia	- Coisa sem valor ou importância; insignificância; - Quantia baixíssima, irrisória **.	Na hora da partilha, o que Fabiano tinha a receber era uma ninharia.
reclamou	Reclamar: - Manifestar insatisfação (com); fazer queixa; queixar-se; - Rogar, suplicar **.	Na hora de receber, era Sinha Vitória que realizava as contas (e as fazia com a ajuda de sementes), entretanto, as contas da mulher sempre diferiam das contas do patrão. Dessa vez, Fabiano reclama com o patrão.
desculpa	- Ação ou resultado de desculpar (se); - Perdão por erro ou falta cometida **.	O patrão mostra-se extremamente zangado com o vaqueiro, mandando que vá, então, embora da fazenda. Imediatamente, Fabiano pede desculpas ao homem.
transigindo	Transigir: mostrar-se tolerante, concessivo, em benefício de um entendimento **.	Seu grande temor de ver novamente a família na miséria extrema faz com que tolere os mandos e desmandos do patrão.
amunhecou	Amunhecar: fraquejar; acovardar-se **.	Fabiano amunheca, o que denota o grau de submissão que era obrigado a manter concomitantemente ao grau de exploração e despotismo que

		exercia o patrão, como representante do pequeno poder latifundiário, sobrevivente graças à exploração da mão de obra barata, quase escrava.
atreuimento	Ação ou resultado de atrever (se), de ousar, de fazer algo que exige coragem; audácia; ousadia **.	Fabiano se desculpa e esclarece que não tinha intenção de parecer atrevido.
tomavam-lhe	Tomar: apoderar-se pela força**.	Revoltado, ele se põe a remoer o ocorrido, lamentando sua constante situação de injustiça. Lamenta que “tomavam-lhe” o gado quase de graça. Sentado na calçada, olha o dinheiro, tentando adivinhar em quanto havia sido roubado, mas não sabia calcular. O sertanejo tem vontade de dizer em voz alta que estava sendo roubado, mas não podia fazer isso.
juro	Porcentagem acrescentada ao total de um empréstimo ou de uma compra a prazo, a ser paga pelo devedor **.	Além de tomarem a criação praticamente de graça, ainda inventavam juros para descontar do mirrado salário do sertanejo.
safadeza	Ação ou procedimento desleal, incorreto, indigno, cometido geralmente contra alguém que não merece **.	Ao vaqueiro só restava lamentar tamanha safadeza.
imposto	• Contribuição financeira imposta pelo Estado; taxa; tributo; • Fig.: encargo, ônus **.	Em suas lamentações, Fabiano recorda-se de um episódio ocorrido anos antes, quando precisara abater antes do tempo um porco magro a fim de vendê-lo e obter algum dinheiro e, então, foi abordado por um fiscal da prefeitura que lhe exigiu o pagamento de imposto sobre a venda da carne do animal.
multa	Penalidade em dinheiro **.	Sob a ameaça de ter de pagar ou imposto ou multa, Fabiano tentou explicar que não vendia o porco, mas apenas pedaços de carne, quando, então, o funcionário da prefeitura o insultou.
encolhera	Encolher: • Diminuir de dimensão, de tamanho, contrair-se;	Fabiano logo se rendeu, encolhendo-se e justificando, então, que não mais iria vender a carne, mas sim

	Fazer recuar, encolher *.	retornaria para casa e comeria a carne.
prefeitura	O prédio, a sede e o conjunto dos órgãos e recursos da administração municipal; municipalidade **.	Não se conformava com tamanha injustiça: Fabiano já não tinha nada e a prefeitura ainda queria cobrar dele imposto e multa?
cobrador	Pessoa que cobra (dívidas, obrigações, etc.), que faz cobranças **.	Então, diante da presença do cobrador, Fabiano não mais poderia criar porcos, pois considerava aquilo “perigoso”.
logrado	Vítima de logro; enganado; intrujado **.	Fabiano percebe que sempre que vinha à cidade e lhe diziam palavras que não entendia bem, saía prejudicado. Os homens “sabidos” certamente usavam aquelas palavras para disfarçar “ladroeiros”. Os homens bem instruídos representavam perigo para o sertanejo: a crítica e o retrato sociais escancaram os verdadeiros crimes que eram cometidos contra aquelas pessoas.
aperreado	- Aborrecido, apoquentado, amofinado; - Que vive com dificuldades financeiras **.	Tendo nas mãos o parco dinheiro, Fabiano sua e, aperreado, atribui ao fato de não saber falar direito todas as injustiças que vinha sofrendo. Tendo seus pensamentos expressados pelo narrador, Fabiano geme e sofre intensamente.
esmolambados	Sing.: cuja roupa foi reduzida a molambos, a farrapos; amolambado; andrajoso; esfarrapado; maltrapilho; molambento; roto **.	Como não tinha para onde levar a família, o vaqueiro precisava baixar a cabeça e render-se ao patrão. Se não fizesse isso, novamente andariam sem rumo, “esmolambados”.
famintos	Sing.: que tem fome; esfomeado **.	Vivia em situação absolutamente caótica, mas, para Fabiano, pior seria vagarem famintos pelo deserto, ele e a família.
direito	- Cujo comportamento é considerado honrado, louvável etc.; correto; honesto; - Que é justo; correto; certo **.	Para eles não havia qualquer direito: não podiam protestar.

roubavam	Roubar: cometer roubo; furtar **.	Apesar da aparência submissa, Fabiano sente vontade de gritar que o roubavam.
resignado	Que se resignou, ou de que se desistiu; que se submete voluntariamente a uma força superior; que se conforma com a sua sorte **.	A atitude aparentemente resignada escondia sua revolta interna, seu desejo de vingança, de tomar uma atitude diante de tanta injustiça.
ódio	Forte aversão a algo ou alguém **.	O ódio crescia no peito do sertanejo: soldados, patrões, cobradores, todos eram contra ele.
sina	Pop.: fatalidade ou predestinação a que qualquer pessoa está supostamente sujeita; sorte; destino; fado **.	Acreditava viver uma sina: tinha sido daquele jeito com o avô, com o pai e agora ele, para quem “só restavam ossos”. A sensação que tinha Fabiano de que a ele “só restavam ossos” parece-nos muito adequada, haja vista que a maneira como são vistos e tratados pela sociedade não lhes dá a dignidade humana.
destino	• Sequência de acontecimentos e situações pretensamente predeterminados, na existência humana; • Força supostamente insuperável que regeria uma predeterminação; fatalidade; sorte **.	Fabiano pensava se aquilo tudo era obra do destino. Seria possível mudar o destino?
derreado	Derrear: • Curvar, inclinar; • Fig.: abater moralmente, desanimar **.	Entristecido, o vaqueiro volta para casa, pensando em trabalhar à exaustão para depois do cansaço extremo conseguir descansar na cama de varas, tão incômoda.
bambo	• Que está frouxo; lasso; • Que não está firme ou estável; que é passível de tombo ou queda **.	Desanimado, Fabiano caminha “bambo”.
conformava-se	Conformar: aceitar com resignação, resignar-se; acomodar-se; condescender; acomodar-se; resignar-se **.	Sentindo que não tinha direito a nada, Fabiano conforma-se com seu triste destino.
extorsão	• Ação ou resultado de extorquir; • Fig.: taxa ou imposto cobrados de maneira	Pensa no tamanho daquela mais recente extorsão.

	abusiva **.	
embaraçava-se	Embaraçar: causar a, criar ou enfrentar embaraços, dificuldade, estorvo; atrapalhar; confundir **.	Era uma pena Fabiano não saber como se expressar. Quando tentava falar, embaraçava-se e gaguejava como um menino.
defender	Proteger (se) de ataque **.	Fabiano imagina como deveria ser bom para as criaturas terem “recurso para se defender”. O tom é de lamentação, já que ele atribui à sua falta de linguagem a impossibilidade de defesa e a permanência naquela situação de opressão em que vivia. O autor, declaradamente escritor <i>de e sobre</i> seu tempo, repetidas vezes constrói o pensamento de Fabiano em torno da certeza dele de que, se soubesse se comunicar, ou seja, se tivesse obtido educação formal, poderia ter alguma chance de sair da realidade opressora.
perseguição	• Ação ou resultado de perseguir, de ir ao encalço de; • Reprimir, hostilizar ou perseguir grupo ou indivíduo como seu opositor, adversário, desafeto ou visto com preconceito **.	Fabiano passaria a noite remoendo as ideias, tentando entender toda aquela perseguição.

Quadro 13 - Capítulo *Contas*

SOLDADO AMARELO		
Léxico representativo da opressão	Significado das palavras	Análise dos aspectos discursivos e sociais da palavra no contexto da obra
desprecatado	Desprevenido; incauto **.	Fabiano caminha pela caatinga à procura da égua ruça.
corcunda	Que tem protuberância nas costas ou no peito; cacunda; carcunda; corcovado **.	O andar arqueado do vaqueiro aproxima-o ainda mais da terra, tornando-o parte de seu meio.
garranchos	Sing.: Doença que ataca os cascos das cavalgadas **.	Pelas pegadas marcadas na areia, Fabiano percebe que a égua estava com doença nos cascos. Repentinamente, depara-se com o soldado amarelo.
homicídio	Ação que consiste em tirar a vida de outrem; assassinato **.	Fabiano instintivamente baixa o facão. Não fosse o movimento repentino, teria cometido homicídio.
intruso	• Intrometido, metedinho; • Pessoa intrusa **.	A lâmina do facão para bem próxima ao intruso.
inimigo	Sing.: aquele que tem aversão ou ódio a alguém ou algo **.	De início, Fabiano fica sem ação, apenas reconhecendo a presença do inimigo.
autoridade	• Direito, poder ou prerrogativa de tomar decisões e dar ordens; • Pessoa que tem esse direito ou poder; • Entidade institucional (política, judicial, policial, militar ou eclesiástica) que, em sua alçada, tem direito de exigir obediência a suas ordens **.	Fabiano se dá conta de que quem estava ali era uma autoridade.
irresoluto	• Que não foi resolvido; • Que revela indecisão; hesitante **.	O braço de Fabiano fica bambo, trêmulo e irresoluto.
bambo	• Que está frouxo; lasso; • Que não está firme ou estável; que é passível de tombo ou queda **.	Bambo, o braço do vaqueiro mexe-se de um lado para outro.

cachorro	Pessoa inescrupulosa, sem dignidade **.	O soldado amarelo demonstra muito medo de Fabiano, que, por sua vez, fica indeciso entre o respeito pela autoridade que representava o policial e o desejo de vingar-se da prisão passada. Por vezes também sente medo, mas logo vê que a figura franzina e covarde do soldado não deveria assustá-lo. Aquela criatura era mesmo um “cachorro”.
mofino	• Que é infeliz; desafortunado; desditoso; desventurado; • Diz-se de quem não tem coragem; covarde **.	Na caatinga o soldado tinha outro comportamento: o sem-vergonha e “mofino” tremia batendo os dentes, tamanho temor que sentia.
irritou-se	Irritar: • Provocar ou sentir irritação ou agastamento; agastar (se); enervar (se); • Tirar a paciência de; aborrecer; importunar **.	Fabiano fica irritado: o soldado não conseguia perceber que ele era incapaz de revidar a covardia?
vingar-se	Vingar: • Obter reparação de (ofensa); desforrar; • Servir de castigo a; punir *.	Por mais que quisesse, Fabiano não conseguiria vingar-se do soldado. Ainda avança sobre ele, chegando com a mão pesada próximo à face do policial, mas o amarelo recua amedrontado.
inofensivas	Sing.: • Que não produz mau resultado, que não prejudica; inocente; inócuo; • Que não faz mal, que não tem qualquer fim malévolos **.	Fabiano pensa que poderia matá-lo com as unhas e era isso o que merecia aquele sujeito que tinha coragem de machucar criaturas inofensivas como era ele.
medonho	• Que causa medo, repulsa; assustador; pavoroso; • Que é muito feio, horrendo; horroroso **.	A expressão do vaqueiro estava contraída, tensa. Tinha um olhar medonho, recordando a cada segundo toda a humilhação que havia sofrido.
inconsciência	• Psic.: falta de consciência de si mesmo e do mundo que o cerca, de percepção de certos atos morais ou intelectuais; • Ausência de imputação ou de alcance moral no ato que se pratica**.	Fabiano, cheio de ódio, encara o soldado. Deseja que voltasse aquele instante inicial de inconsciência, algo que lhe desse nova coragem de atacar a figura odiosa do amarelo.

cólera	Sentimento violento de alguém em relação ao que o revolta, ofende, prejudica, indigna; fúria, ira **.	Obtém um novo minuto de cólera, quando então avança novamente contra o inimigo.
impotente	Que não dispõe de meios para agir; incapaz; inoperante **.	O sentimento de impotência contribui para que a cólera reapareça.
desajeitado	Sem jeito ou habilidade para alguma atividade; inábil **.	De repente, entretanto, a cólera some e Fabiano, desajeitado, desfaz o gesto agressor.
pato	Pop.: pessoa que se deixa enganar facilmente; bobo; idiota **.	O vaqueiro parecia um pato, todo desajeitado ao desfazer o movimento que “mataria” o soldado.
amolecido	• Que se tornou mole, frouxo; • Fig.: que perdeu o ímpeto, a energia, o ânimo **.	O corpo amolecido do vaqueiro transparecia a desistência da vingança.
lastimoso	Que causa dó, lástima; deplorável; lamentável; lastimável **.	Fabiano sempre tinha sido um sujeito valente. Sente raiva de si mesmo por não conseguir dar o troco merecido no homem e sente um ódio profundo ao ver a covardia do franzino homem. Entretanto, pela falta de coragem, Fabiano sente-se ainda mais miserável e lastimoso do que o soldado.
resistente	Persistente, que não cede com facilidade **.	Pensa se era certo sujeitar-se à tremedeira covarde do amarelo: Fabiano era resistente, já havia estado envolvido em brigas pela caatinga.
calejado	• Fig.: que é experiente; • Fig.: tornado insensível pela experiência ou pelo sofrimento; empedernido **.	Era calejado, um sujeito valente do sertão.
reimoso	Que é genioso; brigão **.	Sempre um sujeito reimoso, Fabiano agora desconfiava de que estava mudando. Seria a idade? Na verdade, Fabiano desconhecia a própria idade, mas estava inconformado com o próprio comportamento.

arruinado	• Em ruínas, posto abaixo, destruído; • Fig.: que teve grande perda ou prejuízo, que se estragou, danificou, avariou, inviabilizou **.	Por sua reação, Fabiano pensa estar arruinado.
caco	Fig.: pessoa envelhecida, enfraquecida ou doente **.	O vaqueiro acredita estar acabado, um verdadeiro caco.
ronceiro	• Vagaroso, lento; • Sem atividade ou energia; indolente; molenga **.	Certo de que perdeu seu instinto de valentia, Fabiano sente-se ronceiro, decadente.
acanalhado	Que se tornou canalha ou que tem comportamento de canalha; aviltado **.	Ao perceber a atitude “acanalhada” de Fabiano, o soldado enche-se de coragem.
ordeiro	Que prega ou pratica a ordem, a harmonia;	O comportamento “ordeiro” de Fabiano insere uma confiança até então inexistente no comportamento do soldado, que, então, avança à frente e pergunta qual era o caminho para retornar à cidade.
curvou-se	• Que se curvou; curvo; • Vergado para frente e para baixo; inclinado • Fig.: dominado, subjugado; resignado, oprimido **.	Imediatamente, Fabiano curva-se à figura da autoridade e responde, tentando justificar sua a atitude, dizendo “governo é governo”.
ensinou	Ensinar: indicar, mostrar **.	Retirando o chapéu, Fabiano curva-se e ensina o caminho ao soldado amarelo.

Quadro 14 - Capítulo *O soldado amarelo*

<i>O MUNDO COBERTO DE PENAS</i>		
Léxico representativo da opressão	Significado das palavras	Análise dos aspectos discursivos e sociais da palavra no contexto da obra
arribações	Sing.: Movimento migratório de animais (especialmente aves), geralmente em determinada estação do ano **.	A grande presença de arribações no bebedouro sinaliza que as aves já vinham migrando, o que indica que logo a seca chegaria àquela região e “o sertão ia pegar fogo”.
bandos	Sing.: - Qualquer agrupamento de pessoas ou animais; - Fig.: grande quantidade **.	As aves vinham aos bandos. Bebiam a água restante, descansavam e seguiam para o sul, fugindo da seca.
agouro	Agouro: - Previsão do futuro baseada na observação do voo de aves e/ou de seu canto; augúrio; - Presságio de fato ou notícia ruim; mau agouro **.	Quando Sinha Vitória diz que as aves matariam o gado, Fabiano acha que a mulher não sabia o que estava dizendo. Fica olhando o céu claro, cortado apenas pelo mau agouro que o voo daquelas aves trazia.
matutando	Matutar: refletir demoradamente sobre algo; meditar; pensar **.	Fica matutando, pensando naquilo que Sinha Vitória havia dito.
tresvariando	Tresvariar: cometer ou dizer desatinos; desatinar **.	A mulher só poderia estar “tresvariando”. Fabiano entendia que era possível ave matar criação!
pestes	Sing.: abundância de qualquer coisa prejudicial ou danosa **.	Indo em direção ao riacho, Fabiano continua a matutar, quando então percebe que a mulher era esperta e tinha toda razão: as aves bebiam o resto da água que havia, deixando o gado com sede, o que os levava à morte. Aquelas arribações realmente eram pestes.
secariam	Secar: - Tirar ou ficar sem a umidade, a água, ou qualquer líquido; evaporar (se); - Tornar-se murcho, murchar (se) **.	Quando aquelas aves desciam pelo sertão, logo tudo secaria.

aboletar-se	Aboletar: alojar em casa ou propriedade de particulares, de modo provisório ou temporário (por vezes por tempo indefinido); aquartelar **.	O medo volta: teriam de aboletar-se novamente?
recomeçar	Tornar a começar, ou retornar após interrupção**.	Teriam de recomeçar em outras paisagens?
desanimado	Sem ânimo, entusiasmo, vontade ou coragem; que se mostra apático, desinteressado, desestimulado em relação às coisas de um modo geral ou a algo específico; desalentado **.	Fabiano se sente desanimado ao pensar na viagem. Estremece. Resolve abater o máximo número de aves possível, a fim de obter grande quantidade de alimento, mas nem sequer tinha munição suficiente para garantir muitos dias de comida.
encaiporado	Encaiporar: • Tornar (se) caipora, azarado; • Ficar chateado **.	Fabiano busca tirar a ideia da retirada da mente, mas logo outra desgraça lhe vem ao pensamento: ora era o patrão, ora era o soldado.
desespero	• Ação ou resultado de desesperar (se); • Aquilo que leva alguém a desesperar-se **.	Tomado de desespero, o vaqueiro sente-se a mais infeliz das criaturas.
mudar-se	Pôr (se) em, ou ir para, outro lugar; deslocar-se; mover-se; transferir-se **.	Parecia ser mesmo necessária a mudança. Fabiano planeja gastar o resto do dinheiro em munição e passar um dia abatendo mais aves para garantir a nova viagem.
esperanças	Sing.: • Expectativa otimista da realização daquilo que se almeja; • Expectativa, em geral, espera **.	Não quer acreditar que teriam de partir. Tenta se agarrar a esperanças de que chovesse, de que aquelas aves não fossem mau agouro.
fome	• Necessidade, desejo de comer; • Falta de alimento; • Escassez, miséria, penúria **.	Pensando na seca que parecia estar tão próxima, Fabiano sofre antecipadamente pensando na fome.
sede	Apetite para as bebidas; sensação causada pela necessidade de beber, principalmente água **.	Pensa na sede que passariam ele e a família.
fadiga	• Cansaço por motivo de trabalho intenso; pena do corpo ou do espírito; • Trabalho, lida **.	A fadiga das caminhadas sem rumo assustava o vaqueiro.

destruição	• Ação ou resultado de tirar a vida, matar; exterminação; extermínio; • Devastação, ruína; • Fim, término **.	Poucos dias antes, Fabiano estava “sossegado” nos cuidados da fazenda, mas agora, a presença maciça daquelas aves anunciava a destruição.
coitada	Masc.: Pessoa digna de pena **.	Fabiano sente pena da mulher. Novamente a coitada estaria ao relento. Admirava a mulher, dava muito valor à sua esperteza ao realizar cálculos e ao descobrir os efeitos da chegada das aves de arribação.
descampados	Sing.: campo ou terreno desabitado, aberto, e sem vegetação **.	Eles todos logo estariam descampados, infelizes andarilhos sem rumo.
empanzinado	Repleto de comida; empanturrado **.	Furioso, Fabiano atira em grande número de aves e põe-se a recolhê-las. Coloca as aves no aio, enchendo-o. Fabiano temia que eles mesmos fossem devorados pelas aves.
atilada	Masc.: que tem sagacidade, perspicácia; perspicaz; sagaz **.	Triste, o pobre homem mergulha na tristeza pela falta da cachorra. Pensamentos confusos. Lembra-se também da esperteza da mulher.
visagem	Aparição, fantasma, assombração **.	Lembrando-se da cachorra, Fabiano tem medo e decide sair logo dali com medo de “visagens”.
esmorecido	Esmorecer: perder os sentidos; enfraquecer; desmaiar, desfalecer **.	Nos últimos tempos, Fabiano vinha sentindo-se esmorecido.
desgraças	• Má sorte; adversidade; infelicidade; infortúnio; • Acontecimento funesto; tragédia; calamidade; • Fig.: miséria **.	Como poderia não desanimar, o pobre vaqueiro, diante de tantas desgraças sucessivas?
abandonar	• Ir embora de, deixar; • Não prosseguir com; desistir; renunciar **.	Fabiano conversaria com a mulher e ela concordaria com ele: era preciso abandonar aquele lugar amaldiçoado!

Quadro 15 - Capítulo *O mundo coberto de penas*

<i>FUGA</i>		
Léxico representativo da opressão	Significado das palavras	Análise dos aspectos discursivos e sociais da palavra no contexto da obra
difícil	• Que é complicado, trabalhoso, custoso; • Penoso, infausto **.	Depois de tantos problemas, a vida na fazenda vinha sendo cada vez mais difícil.
benzia-se	Benzer: • Dar a bênção, invocar graça divina para algo ou alguém (inclusive para si); • Tentar livrar (si mesmo) de algo mau por meio de esconjuro **.	Sentindo um medo infinito, a mulher benze-se repetidamente.
tremendo	Tremer: Sofrer agitação física e involuntária, por frio, medo, emoção aguda; estremecer **.	Treme, tomada pelo desespero da partida.
rosário	Enfiada de 165 contas: 15 dezenas de ave-marias e 15 padre-nossos, para serem rezados como prática religiosa **.	Maneja o rosário em súplica desesperada aos céus. Aqueles viventes só podiam contar com uma ajuda divina, pois, como já sabemos, nenhuma ajuda do Estado chegaria a eles.
rezando	Rezar: proferir ou dizer (rezas ou orações); orar **.	A mulher implora socorro aos céus.
desesperadas	Desespero: • Ação ou resultado de desesperar (se); • Aquilo que leva alguém a desesperar-se **.	O desespero da mulher é o triste retrato dos esquecidos, daqueles que ninguém queria enxergar: os pobres e ignorantes sertanejos tinham sua existência ignorada pelas autoridades e, apesar da família de Fabiano ser fictícia, a situação caótica era perfeitamente passível de ser real no cenário do passado recente do Brasil sertanejo, sempre tão esquecido.
encolhido	Encolher: • Diminuir de dimensão, de tamanho, contrair-se; • Fazer recuar, encolher *.	Fabiano, encolhido, observa a caatinga cada dia mais seca, com cada vez menos aves.
resistia	• Opor resistência, não se submeter; não se dobrar; • Aguentar, sofrer, suportar **.	Fabiano resistia, esperando por um milagre. Percebendo que a fazenda estava despovoada por completo, combina a viagem com a mulher.

dívida	O que se deve **.	Precisavam sair logo, pois não tinha como liquidar a dívida com o patrão.
morrinhento	• Bra.: fedorento, que tem morrinha; • Que está muito enfraquecido; achacadiço; morrediço **.	Salgam as carnes, inclusive a carne do bezerro “morrinhento” e, ainda de madrugada, partem.
matalotagem	Conjunto de alimentos reservados para o sustento; provisão de víveres, de alimentos **.	Os meninos carregam trouxas de roupas, enquanto <u>S</u> inha Vitória leva na cabeça o baú e carrega ainda a cabaça de água. Fabiano leva a cuia, o facão, o aio e a matalotagem.
fugido	Que fugiu, escapou ou evadiu-se **.	Saem da fazenda tal qual negro fugido.
chorou	Chorar: • Emitir gritos ou sons fortes, com ou sem lágrimas, acompanhados de movimentos de braços e pernas, como manifestação de desconforto corporal ou insatisfação; • Expressar com queixas, lamúrias, reclamações repetidas a respeito de; lamentar (se); lamuriar (se) **.	Ao deixar a fazenda vazia, Sinha Vitória ainda se lembra da cachorra Baleia e chora.
perdido	Que não tem esperança de salvação **.	Fabiano resiste muito até a decisão da partida. Só aceita ir embora quando vê que tudo estava realmente perdido.
cemitério	Fig.: local silencioso; deserto **.	A família já não podia continuar vivendo naquele lugar que estava se tornando um verdadeiro cemitério.
enterrar-se	Enterrar: • Pôr debaixo da terra; soterrar; • Sobreviver a; • Esconder, ocultar **.	Achariam um novo lugar para enterrarem-se. Naquele contexto de vida, encontrar outro lugar como aquele era realmente enterrar-se. Quando o narrador diz que a família encontraria um novo lugar para enterrar-se, temos a constatação de que eles eram como “mortos-vivos”. A vida deles era uma constante luta pela sobrevivência, mas sem qualquer sensação de plenitude de vida.

largar	Deixar ou esquecer algo ou alguém, abandonar**.	Tudo a que tinha zelo na fazenda não pertencia a Fabiano, então justificava para si mesmo que o mais correto seria largar tudo.
acabou-se	Acabar: • Chegar ao fim, concluir; terminar; • Pôr fim a; extinguir **.	O narrador traz, então, a triste constatação de Fabiano, trazido em um dos raros discursos diretos: “Acabou-se”.
estremeceu	Estremecer: Provocar ou sofrer tremor ou abalo **.	Novamente Fabiano estremece, olhando para o céu limpo e anunciador da estiagem prolongada.
desassossegado	Sem sossego; aflito; inquieto; perturbado **.	Desde o aparecimento das arribações, o vaqueiro vivia desassossegado.
agoniado	• Que sente agonia, aflição, sofrimento de qualquer natureza; angustiado; • Bras.: Que tem muita pressa, afobação **.	Na maior parte das vezes, acordava à noite agoniado.
inocentes	Sing.: • Que não é culpado; • Que não tem malícia; que é puro, cândido **.	Sinha Vitória caminha enquanto procura no próprio decote o rosário: tinha a certeza de que Deus protegeria os inocentes.
fraquejou	Fraquejar: perder a coragem; ser tomado pelo desânimo **.	Por um instante, a mulher fraqueja, mas busca afastar os maus pensamentos.
reanimou-se	Reanimar: dar a, ou adquirir, novo ânimo ou entusiasmo **.	Reanimada, quer conversar com o marido.
monossílabos	Sing.: vocábulo formado de uma só sílaba **.	Como não sabiam falar, a conversa se dá por meio de monossílabos.
desamparada	Masc.: • Deixado ao desamparo; abandonado; • Carente de ajuda, apoio ou socorro **.	Mesmo “conversando” com o marido, Sinha Vitória trazia o sentimento de desamparo dentro de si.
solidão	Estado ou condição de quem se sente ou está só **.	Sem conseguir externar seus sentimentos, a mulher sente uma imensa solidão.
miúda	Masc.: • De pequeno tamanho; diminuto; • Sem importância; fútil; insignificante; mesquinho **.	Sinha Vitória sente-se pequenina no deserto.

morte	• Cessação definitiva da vida ou da existência; • Fig.: dor acerba, de grande pesar ou sofrimento **.	A caminhada solitária da família prossegue silenciosa, revelando a ausência de outras vidas naquele lugar: aquele era o silêncio da morte.
gritar	Emitir som muito alto; berrar **.	Muito apreensiva, Sinha Vitória tem vontade de se enganar e gritar que era forte, que aquele silêncio não representava perigo para suas vidas.
amparou-o	Amparar: • Conceder apoio, sustentação a; • Dar ou receber proteção; • Dar ou receber apoio moral e espiritual;	A mulher se aproxima do marido e ampara-o.
amparou-se	Amparar: • Conceder apoio, sustentação a; • Dar ou receber proteção; • Dar ou receber apoio moral e espiritual;	Em seguida, ela também se ampara, buscando um consolo que amenize o terror da morte que lhes rondava de perto.
resmungou	Resmungar: • Emitir (palavras) mal articuladas e que mal se ouvem, por aborrecimento ou rabugice; • Proferir palavras desconexas em tom baixo ou lamentoso **.	A mulher começa a falar no passado e no futuro, mas, como Fabiano não compreende muito bem, apenas resmunga.
longe	Muito afastado no tempo ou no espaço; longínquo **.	Sinha Vitória pergunta a Fabiano se ele achava que deveriam voltar a viver como antes, em um lugar muito longe. Fabiano caminhava exausto e pensava, irresoluto. Essa passagem aponta para a possibilidade de a família já ter vivido em outros lugares, talvez diferentes daquele onde tinham estado por último e, caso isso tenha ocorrido, por que teriam migrado desse lugar? É muito provável que as condições sociais fossem semelhantes àquela em que estavam, ratificando que a seca não era a única responsável

		pelas migrações dos sertanejos, mas sim toda a estrutura social deficiente desses lugares.
ciganos	Sing.: • Que lembra ou é próprio do modo de vida dos ciganos, especialmente quanto ao nomadismo (...); • Fig.: Boêmio, que não tem vida ou hábitos bem estabelecidos;	Tinham a esperança de não mais precisarem viver como ciganos.
estremeceu	Estremecer: Provocar ou sofrer tremor ou abalo **.	Entretanto, a possibilidade de ir para um lugar em que Fabiano não trabalharia com gado estremece o sertanejo.
saudade	Sentimento evocatório, provocado pela lembrança de algo bom vivido ou pela ausência de pessoas queridas ou de coisas estimadas **.	Fabiano olha triste para trás, ainda lançando olhar em direção à fazenda já muito distante. Pensando nos animais, Fabiano sente muita saudade e chora um pouco.
otimista	Que se mostra esperançoso, confiante em relação ao futuro **.	Em seguida, o sertanejo se lembra do patrão, do soldado, do cobrador de impostos e da pobrezinha da cachorra. Assim, tem forças para assumir uma postura mais otimista, enquanto conversa com a mulher.
desgraçados	Sing.: • Que tem má sorte; desditoso, infausto; infeliz; • Que vive em estado de miséria; indigente; • Que é digno de pena ou piedade; desventurado **.	Sinha Vitória convencia o marido de que precisavam mesmo buscar lugares novos mundo afora, afinal não podiam ser sempre desgraçados.
bichos	Sing.: qualquer animal **.	Não podiam mais continuar vivendo a fugir do mato, como se fossem bichos.
mundo	Qualquer parte da Terra, ou os seres e coisas que nela existem**.	Certamente haveria no mundo um lugar para eles.
confiados	Sing.: que se confiou a alguém **.	Apesar de o mundo parecer pequeno para eles, Fabiano e a mulher, confiados, afirmavam entre si que o mundo era grande.
inquietaos	• Que não tem sossego; que se mexe ou agita muito; • Que revela inquietação, preocupação; agitado;	Inquietaos, os sertanejos marcham em busca do futuro, sonhando com um futuro melhor para os meninos.

	• Que se mostra sempre insatisfeito; que sempre parece querer mais **.	
deslumbrado	• Que fica ou ficou fascinado ou maravilhado por algo; embevecido; encantado; • Bras. Pop.: ingenuamente fascinado, e dominado por essa reação **.	A mulher planejava que os meninos frequentassem escola, repelindo a ideia primeira de Fabiano, que mencionou que seriam vaqueiros. Fabiano escutava os planos da mulher e, deslumbrado, sentia algum contentamento.
mossa	Fig.: abalo moral em consequência de experiência ou situação negativa **.	O passar das horas deixa Fabiano faminto e, a essa altura, os sonhos de Sinha Vitória já não mais faziam mossa.
fantasias	Sing.: • Capacidade de criar pela imaginação; imaginação criadora; • Coisa criada pela imaginação **.	O vaqueiro passa a sentir pena das fantasias da mulher.
alcançariam	Alcançar: • Chegar a determinado lugar ou ponto; atingir; • Obter, conseguir **.	Para para comer e descansar um pouco e então a dor da saudade volta ao coração de Fabiano. A mulher novamente se põe a fazer planos, a falar como seria bom começar uma vida nova em outras paisagens. Fabiano, então, confia que alcançariam terras desconhecidas.
acreditava	Acreditar: ter confiança (em) confiar **.	Contente, Fabiano acredita nessa nova terra.
docilmente	Com docilidade, com brandura, com suavidade **.	Fabiano repete docilmente as palavras de Sinha Vitória.
confiança	• Sentimento de quem confia em algo ou alguém; • Segurança íntima **.	As palavras da mulher inspiram confiança no sofrido vaqueiro.
sul	Que se situa ao sul ou na parte mais baixa **.	Andam em direção ao sul.
cidade	Fig.: O ambiente ou modo de vida nas grandes cidades, por oposição ao campo, ao modo de vida agrícola; especialmente a grande concentração e variedade de	Encontrariam uma cidade grande, repleta de homens fortes.

	atividades e oportunidades de trabalho, ou as condições de vida menos dependentes dos ciclos naturais e mais ditadas por convenções sociais, interesses econômicos, etc. **.	
escolas	Sing.: • Estabelecimento de ensino coletivo, público ou privado; • Conhecimento, aprendizado, saber **.	Os meninos frequentariam escolas e lá aprenderiam coisas difíceis, porém, necessárias na visão de Fabiano.
temerosos	Temer: • Ter medo ou receio (de); recear; • Ter preocupação com, preocupar-se **.	Ainda temerosos, marcham rumo ao sonho de um futuro melhor.
civilizada	• Que tem ou desenvolveu uma civilização; cuja vida social é marcada por aprimoramento das instituições coletivas e por nível relativamente alto de riqueza material e espiritual; • Em que há cortesia e respeito mútuos **.	Logo chegariam a uma terra desconhecida, porém, civilizada.
fortes	Sing.: • Que tem força; resistente; vigoroso; • Fig.: resistente; duro; • Que tem valor, qualidade; enérgico; valente; valoroso; • Valente, ousado, corajoso **.	Assim como eles, o sertão continuaria mandando outros homens fortes para as cidades. Homens fortes como Fabiano e família que apenas buscavam um futuro melhor, uma chance de vida digna, mas que se viam forçados a deixar sua terra na esperança de encontrar em terra “estrangeira” aquilo que seu chão (não em sentido literal) não lhes pôde oferecer.

Quadro 16 - Capítulo *Fuga*

3.1.1.1. Comentários

O léxico que destacamos em nossa análise busca observar a presença da opressão e/ou situações que agravam as condições já opressoras em que viviam os sertanejos retratados na obra de Graciliano. Ao longo dos capítulos, percebemos vocábulos que reafirmam o alto grau de injustiça e opressão social. Na narrativa, algumas palavras se repetem – notamos isso na recorrência de *infelizes* e *desgraça*, por exemplo –, contribuindo para a progressão temática da obra e confirmando a relação direta entre a seca e o latifúndio.

Num primeiro instante é feita a apresentação das características gerais da família e de seu contexto social, baseado na pobreza e miséria, explanadas na magreza dos meninos e no sacrifício do papagaio da família. Na sequência, Fabiano titubeia sobre sua condição humana e sobre o lugar que ocupa na sociedade. Mesmo em sua condição não letrada, é capaz de perceber as injustiças em seu entorno.

A presença da dor e do sofrimento é marcada em várias palavras que contribuem para o revelar da opressão. Por meio dos vocábulos *infelizes* – *cambaio* – *condenado* – *acuado* – *desgraça* – *atribulado* – *molambos* – *miudinhos* – *coisa*, temos os primeiros indícios de uma narrativa profunda e que, sem rodeios, fará a exposição de mazelas sociais.

O latifúndio, como sistema de produção, é amplamente explorado na figura do patrão exigente e explorador. O sistema latifundiário, por si só, necessita da exploração da mais-valia para se manter. Desse modo, nesse modelo, não há salário e/ou patrão que não explorem, uma vez que o sistema é integrante do sistema maior, mais abrangente, que é o Capitalismo, que, por sua vez, é mantido pelo lucro de alguns em detrimento da exploração de outros.

Outro aspecto que contribui para a manutenção do poder de poucos e, portanto, para a manutenção da opressão, é a dissonância entre *saber* e *poder*. Não há meios de haver a constituição do ser social em sua essência quando da ausência do *saber*. A condição absolutamente ignorante de Fabiano – que inclusive ignorava a própria idade – proporciona eficácia na dinâmica de dominação de classe. Vale ressaltar, inclusive, que até mesmo a sabedoria nata de Sinhá Vitória (quando realizava cálculos, por exemplo) fica imobilizada diante das relações de poder e dominação impostas pela figura do patrão.

Complementarmente à falta de uma estrutura social que possibilitasse a convivência com a seca e que não fosse tão opressora e injusta, a falta de educação formal é um fator de exclusão social ainda mais agravante para Fabiano e sua família, representantes dos sertanejos como um todo.

Pelas descrições da natureza e das práticas sociais e culturais de interação dos indivíduos com seu entorno, podemos observar como se constrói, em *Vidas Secas*, a transformação de práticas sociais em linguagem literária. O texto de Graciliano expõe, por meio de traços, indícios e marcas de historicidade, o modo como o sertanejo estabelece relação com seu meio e como as relações de poder se materializam por meio da opressão.

3.2. *Ethos* social, interdiscursividade e ordens do discurso

O objetivo central da análise do *ethos* em nossa pesquisa é perceber o papel dos personagens do ponto de vista social; é reunir características evidenciadas no texto, capazes de projetar os atores ou as identidades sociais e nos direcionar quanto à compreensão da forma como o autor constrói as identidades sociais no discurso.

De acordo com Ferreira (2010, p.90), o vocábulo *ethos* é originário do grego e significa ética, equivalendo também a costume ou caráter. Embasado em Aristóteles, o autor lembra a correspondência do *ethos* à imagem que o orador constrói de si no discurso, de cunho subjetivo. Assim, o *ethos* é constituído pelo caráter do orador e por suas imagens expressas no e pelo discurso.

A exemplo de Ferreira (2010), destacamos as palavras de Meyer (2007, p.35), que, sobre uma abordagem mais moderna do termo, acrescenta:

Não podemos mais pura e simplesmente identificar o *ethos* do orador: a dimensão de uso da palavra é estruturada de modo mais complexo. O *ethos* é um domínio, um nível, uma estrutura – em resumo, uma dimensão – , mas isso não se limita àquele que fala pessoalmente a um auditório, nem mesmo a um autor que se esconde por trás de um texto e cuja “presença”, por este motivo, afinal pouco importa. O *ethos* se apresenta de maneira geral como aquele ou aquela com quem o auditório se identifica, o que tem como resultado conseguir que suas respostas sobre a questão sejam aceitas.

O próximo aspecto que compõe nosso primeiro foco de análise é a *interdiscursividade*. Esse termo foi trazido por Fairclough (2001) para tratar do conceito de intertextualidade constitutiva, ou seja, manifestação subjetiva, não explícita, que um texto faz de outro texto. Em outras palavras, podemos dizer que se trata da configuração de convenções discursivas que um texto incorpora a partir de outro.

Sendo assim, a interdiscursividade pode ser considerada como a incorporação de relações complexas que um texto tem com as convenções – podendo ser elas de gêneros, de discursos, de estilos, de tipos de atividades – relações essas que estão estruturadas juntas e constituem uma *ordem de discurso*.

Ao analisarmos a interdiscursividade, estendemos na direção da ordem de discurso, já que esta última tem primazia sobre os tipos particulares de discursos, que são constituídos como configurações de elementos diversos de ordens discursivas que as precedem (FAIRCLOUGH, 2001).

A interdiscursividade se aplica a vários níveis: a ordem de discurso societária, a ordem de discurso institucional, o tipo de discurso e mesmo os elementos que constituem os discursos, como, por exemplo, o discurso pedagógico, o discurso jornalístico ou o discurso acadêmico.

Assim, é no discurso literário, configurado em sua vertente regionalista dos anos de 1930, que observaremos como é criada a imagem do sertanejo no discurso do autor, analisando o *ethos* que a projeta socialmente e quais são as ordens de discurso, reveladas no interdiscurso, que são imperantes nesse período histórico retratado no romance *Vidas Secas*.

3.2.1. Análise

Partimos, então, para a constituição do *ethos* dos personagens da obra (que serão apresentados em excertos), a fim de que possamos traçar sua projeção social no contexto do romance e, concomitantemente, abordar aspectos interdiscursivos que apontem para as ordens de

discurso vigentes, passíveis de observação nas práticas sociais reinantes naquele contexto de Brasil/Nordeste/sertão.

Assim, interessa-nos observar, primeiramente, como é construído o *ethos* do narrador e dos personagens de *Vidas Secas* – com maior destaque à figura de Fabiano, já que é o personagem central do romance –, e assim encontrar vestígios que nos apontem para o homem Graciliano – que renuncia aos modelos estereotipados dos “engajados” politicamente, valendo-se do primor no trato com as palavras –, sob o prisma do cidadão consciente, incomodado com as diferenças sociais e denunciante delas.

O narrador da obra, que já dissemos ser onisciente, detém todo conhecimento e constrói seu discurso a partir da “intersecção” que faz com os demais personagens, de maneira a conseguir descrever seus mais profundos pensamentos e sentimentos até o ponto em que não saibamos mais se apenas descrevia ou também partilhava daquelas ideias e sensações. Assim, constrói uma imagem confiável, de alguém que realmente “presenciou” cada fato, mas que nem por isso, abusava do apelo afetivo, apesar de mostrar compadecimento da situação dos personagens.

Com efeito, a narração não tem o objetivo de apenas narrar uma história, mas de descrevê-la, divagar sobre ela, refletir, deduzir. Desse modo, por vezes, há uma certa dispersão, que é conduzida pelo narrador:

- (1) [...] Se lhe tivesse dado tempo, ele teria explicado tudo direitinho. Mas pegado de surpresa, embatucara. Quem não ficaria azuretado com semelhante despropósito? Não queria capacitar-se de que a malvadez tivesse sido para ele. Havia engano, provavelmente o amarelo o confundira com outro. Não era senão isso. Então, por que um sem-vergonha desordeiro se arrelia, bota-se um cabra na cadeia, dá-se pancada nele? Sabia perfeitamente que era assim, acostumara-se a todas as violências, a todas as injustiças [...]. (p. 32-33)²³

²³ A seguir, todas as citações que apresentarem apenas números de páginas se referem à obra VIDAS SECAS, de Graciliano Ramos. 115ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.

O narrador, para construir e projetar seu *ethos*, não abdica da atuação como sujeito da enunciação: seleciona, resume e interpreta o pensamento dos personagens, atraindo confiabilidade, abrindo caminhos diferentes, inclusive quanto aos temas, que se encontram e desencontram na sucessão dos capítulos, mas que apresentam harmonização no todo do romance.

Sendo o narrador o grande detentor da “voz” no texto (vale lembrar que há poucos diálogos, prevalecendo o discurso indireto e o discurso indireto livre), ele faz uso de diversos recursos linguísticos que projetam seu próprio *ethos* enquanto narrador-sujeito e que, ao mesmo tempo, caracterizam, segundo sua perspectiva, cada um daqueles viventes do sertão.

- (2) [...] pôs o filho no cangote, levantou-se, agarrou os bracinhos que lhe caíam sobre o peito, moles, finos como cambitos. [...] (p. 11); (Grifos nossos).

O recurso da comparação aparece em diversos momentos na caracterização dos personagens (neste caso, do menino mais velho), mas também envereda pelo caminho seguido pelo narrador ao longo da obra que, trazendo características da terra e de seus animais, retrata seus personagens não apenas como viventes daquele lugar, mas também como parte semelhante de sua paisagem, componente e integrante dela.

O narrador se projeta, por vezes, buscando estabelecer uma sintonia entre a sua linguagem e a de seus personagens e isso acaba por conferir-lhe uma certa confiabilidade. Podemos observar essa tentativa de aproximação, quando o narrador utiliza-se da frase feita ou do dito popular. Esse tipo de construção formulaica, que é comumente utilizada quando os recursos linguísticos do falante são escassos e ele tem de lançar mão de uma expressão já existente e socialmente aceita, contribuem para a nossa impressão de que o narrador realmente está “inserido” no pensamento do personagem.

Os seguintes usos nos revelam o aspecto interdiscursivo pela utilização do gênero primário “dito popular”:

- Narrador descrevendo o pensamento de Fabiano a respeito de seu Tomás da bolandeira:

(3) Talvez já tivesse dado o couro às varas, que pessoa como ele não podia aguentar verão puxado. (p. 22) (Grifos nossos)

- Fabiano:

(4) – Isso não se faz, moço, protestou Fabiano. Estou quieto. Veja que mole e quente é pé de gente. (p. 31) (Grifos nossos)

- Narrador sobre o pensamento de Fabiano:

(5) Sinha Vitória tinha amanhecido nos seus azeites. (p. 40)

[...]

(6) [...] porque mulher é bicho difícil de entender. (p. 40) (Grifos nossos)

- Narrador sobre o pensamento de Sinha Vitória a respeito de Fabiano:

(7) Aquele homem era assim mesmo, tinha o coração perto da goela. (p. 64) (Grifos nossos)

- Narrador sobre o pensamento de Fabiano:

(8) [...] Tolice, quem é do chão não se trepa. (p. 93) (Grifos nossos)

As passagens a seguir nos remetem à constituição do *ethos* de Fabiano, aqui visto como integrante/pertencente à natureza, em sua característica de rudeza. Ao mesmo tempo em que

insere Fabiano como elemento da natureza, o autor o despersonaliza, menosprezando-o como homem. Esse recurso aponta para a ordem social do discurso, que mostra o sertanejo como alguém à margem da sociedade, já que “é bicho” ou “coisa” e não homem.

- (9) Fabiano [...] era mais forte que tudo isso, era como as catingueiras e as baraúnas. [...] (p. 19)
- (10) [...] Estava escondido no mato como tatu. Duro, lerdo como tatu. Mas um dia sairia da toca, andaria com a cabeça levantada, seria homem. (p. 24)
- (11) Vivia preso como um novinho amarrado ao mourão. (p. 37)
- (12) Sentado no pilão, Fabiano derreava-se, feio e bruto, com aquele jeito de bicho lerdo que não se aguenta em dois pés. (p. 68)
- (13) Era um desgraçado, era como um cachorro, só recebia ossos. (p. 97)
- (14) [...] e Fabiano estacou desajeitado, como um pato, o corpo amolecido. (p. 104).
- (15) [...] afastou-se tropeçando, os sapatos de couro cru batendo no chão como cascos [...] (p. 95);
- (16) [...] Corcunda, parecia farejar o solo [...] (p. 102);
- (17) [...] ele se arrastava tiritando como um frango molhado [...] (p. 104);
- (18) Recordou-se de lutas antigas, em danças com fêmeas e cachaça [...] (p. 106). (Grifos nossos)

Para denunciar a inferiorização do homem sertanejo como vítima social, Graciliano Ramos revela seu enfraquecimento em diferentes contextos de interação social, inclusive quando situado junto ao homem citadino. Por meio da zoomorfização, o sertanejo (o povo sertanejo e o sertanejo Fabiano) é reduzido à condição de animal e isso reforça as marcas da miséria e das condições sub-humanas das quais era vítima:

- (19) Era como um cachorro, só recebia ossos. Por que seria que os homens ricos ainda lhe tomavam uma parte dos ossos? [...] (p.97);
- (20) Fabiano, encaiporado, fechou as mãos e deu murros na coxa. Diabo. Esforçava-se por esquecer uma infelicidade, e vinham outras infelicidades. Não queria lembrar-se do patrão nem do soldado amarelo. Mas lembrava-se, com desespero, enroscando-se como uma cascavel assanhada. (p.112)

Não só o narrador, mas o próprio Fabiano se reconhece como bicho ou como “coisa”:

- (21) — Fabiano, youê é um homem, exclamou em voz alta.

Conteve-se, notou que os meninos estavam perto, com certeza iam admirar-se ouvindo-o falar só. E, pensando bem, ele não era homem: era apenas um cabra ocupado em guardar coisas dos outros. Vermelho, queimado, tinha os olhos azuis, a barba e os cabelos ruivos; mas como vivia em terra alheia, cuidava de animais alheios, descobria-se, encolhia-se na presença dos brancos e julgava-se cabra. Olhou em torno, com receio de que, fora os meninos, alguém tivesse percebido a frase imprudente. Corrigia-a, murmurando:

— Você é um bicho, Fabiano.

Isto para ele era motivo de orgulho. Sim senhor, um bicho capaz de vencer dificuldades. Chegara naquela situação medonha — e ali estava, forte, até gordo, fumando o seu cigarro de palha.

— Um bicho, Fabiano. (p. 18-19)

- (22) Aparecera como um bicho, entocara-se como um bicho, mas criara raízes, estava plantado. [...] (p. 19) (Grifos nossos)

Por mais que, num primeiro momento, Fabiano se defina como homem, ele não consegue se sentir homem, já que, como ser social, não é visto como tal. Infere-se isso porque, embora fosse fisicamente aceitável como homem, socialmente não o era, uma vez que não tinha morada própria, e vivia e cuidava de terra alheia, sentindo-se inferior aos outros. Enfim, após um balanço de si mesmo, Fabiano julga-se “cabra”, ou seja, bicho.

A forma como o narrador apresenta Fabiano e participa dando sua voz à voz do sertanejo (vide fragmento 21), mostra-nos um enfraquecimento progressivo no andamento da enunciação: a fala de Fabiano parece ir perdendo “forças” gradativamente. Na segunda asserção, ele apenas murmura, o que denota o enfraquecimento da convicção de Fabiano quanto à sua própria condição de “gente”. Ao fim, o personagem constata: *Um bicho, Fabiano*.

Nesses fragmentos (21-22), tanto Fabiano quanto o narrador participam da mesma cena de enunciação e não só o *ethos* discursivo é apresentado pelo personagem central como ele é ratificado pelo narrador, quando este assume o discurso do personagem para a ele referir-se.

(23) Fabiano, uma coisa da fazenda, um traste, seria despedido quando menos esperasse. [...] (p. 23)

(24) [...] não, provavelmente não seria um homem: seria aquilo mesmo a vida inteira, cabra, governado pelos brancos, quase uma rês na fazenda alheia. (p.24).

Nos trechos já citados e nos anteriores diretos (23 e 24), parece-nos clara a dialética entre “ser homem” e “ser coisa”: a não inserção social de Fabiano impede-o de ser gente. As relações sociais em seu entorno o tornam bicho e o impedem de ser homem. Assim, seria “uma coisa da fazenda”, um “cabra” e “quase uma rês na fazenda alheia”. Sua longa reflexão a respeito de sua condição – homem ou bicho – o leva, afinal, à conclusão de que era “coisa”.

Tais passagens remontam à própria organização social do sertão brasileiro de então. O latifúndio e a exploração do trabalho correspondem à ordem do discurso socialmente presente e sua retratação na obra é capaz de evidenciar, nos pensamentos interligados entre narrador e personagem, a não inserção do sertanejo como ser social, aqui claramente oprimido e marginalizado pelo sistema capitalista manifestado no coronelismo e nos pequenos poderes oficiais, representados pelos funcionários do governo.

O *ethos* social dos personagens é construído pela exposição de suas diferenças e pelas injustiças vividas: o narrador revela seus sofrimentos, anseios e frustrações, suscitando emoções e paixões nos leitores, capazes de compadecer-se com a realidade do sertanejo.

Sinha Vitória nos é apresentada como aquela que possui um pouco mais de conhecimento, já que era capaz de fazer contas – mesmo não sabendo usar lápis e papel, fazia seus cálculos mediante o uso de sementes – e também de perceber que as aves de arribação eram mau sinal, já que bebiam todo resto de água da criação. Não obstante sua perspicácia, a mulher revela, outrossim, seu lado rude e animalizado, especialmente na passagem em que a família chega à fazenda, faminta e, nesse momento, a cachorra Baleia vai à caça e traz para todos um preá:

- (25) [...] foram despertados por Baleia, que trazia nos dentes um preá. Levantaram-se todos gritando. [...] Sinha Vitória beijava o focinho de Baleia, e como o focinho estava ensanguentado, lambia o sangue e tirava proveito do beijo. (p. 14)

Podemos destacar, como situações específicas de opressão social, as passagens em torno do episódio em que Fabiano é preso (capítulo *Cadeia*), os trechos que se referem ao momento em que o sertanejo vai até o dono da fazenda para receber pelos serviços prestados (capítulo *Contas*), os fragmentos relativos à festa de Natal (capítulo *Festa*) e, finalmente, o momento do reencontro de Fabiano com o algoz de sua prisão (capítulo *Soldado Amarelo*).

Vejamos, pois, a projeção do *ethos* do sertanejo Fabiano quando diante de situações de opressão/injustiça social e de que forma o discurso elaborado revela estruturas e ordens de discurso vigentes. A passagem que retrata a prisão de Fabiano inicia-se quando o personagem vai até a vila da cidade, a fim de comprar mantimentos para a família, além do querosene para manter aceso o lampião. Fabiano já demonstrava desconfiança acerca de todos os “moradores” da cidade, como se todos eles lhe oferecessem perigo. Quando vai à venda para adquirir querosene, dispara:

- (26) – Por que é que vossemecê bota água em tudo? (p.28)

Ainda na vila, encontra com o soldado amarelo, que o chama para um jogo:

- (27) - Como é, camarada? Vamos jogar um trinta e um lá dentro?

[...]

- Isto é. Vamos e não vamos. Quer dizer. Enfim, contanto, etc. É conforme. (p.28)

Na resposta de Fabiano, podemos notar seu titubear, talvez querendo esquivar-se, mas sem conseguir formular uma resposta adequada, utilizando palavras desconexas, copiadas de seu Tomás da bolandeira. Em respeito à figura de autoridade, o sertanejo acaba obedecendo ao soldado e seguindo-o para o jogo.

Na passagem anterior e na seguinte, a representação da simplicidade e rudeza do homem nordestino é apresentada por meio da descrição de singularidades de Fabiano, que, na maioria das vezes, demonstram sua desvalorização sob o ponto de vista do ser humano inserido em uma sociedade. Vejamos:

- (28) O vocabulário dele era pequeno, mas em horas de comunicabilidade enriquecia-se com algumas expressões de seu Tomás da bolandeira. [...] (p. 28); (Grifos nossos)

Por sua simplicidade, transpassada por grande ingenuidade, Fabiano obedece sem questionar se de fato tal atitude era ou não cabível à circunstância:

- (29) [...] Levantou-se e caminhou atrás do amarelo que era autoridade e mandava. Fabiano sempre havia obedecido. Tinha muque e substância, mas pensava pouco, desejava pouco e obedecia [...] (p. 28)
- (30) [...] Na catinga ele às vezes cantava de galo, mas na rua encolhia-se [...] (p. 30) (Grifos nossos).
- (31) [...] acostumara-se a todas as violências, a todas as injustiças [...] (p. 33).

Fabiano segue o soldado amarelo. Este, por sua vez, caminha à frente, demonstrando toda sua autoridade. Na sequência, o soldado amarelo chega à venda onde iria jogar na companhia de Fabiano. Ao exigir que todos os presentes se afastassem para lhe dar passagem, o soldado revela seu comportamento despótico por meio de um tom autoritário e de uma assertiva em modo imperativo:

- (32) – Desafasta, ordenou o polícia. Aqui tem gente. (p.28) (Grifos nossos).

Quando Fabiano começa a perder no jogo e decide se levantar, novamente a face autoritária do soldado revela-se:

- (33) – Espera aí, paisano, gritou o amarelo. (p. 29) (Grifos nossos).

A maneira como se apresenta o soldado amarelo, inquirindo a todos para que abram espaço para ele, pois ali havia “gente”, demonstra o abuso de poder “oficial”, algo comum e imperante nos períodos de governo getulista (seja durante o Governo Provisório ou depois, no Estado Novo).

A forma de tratamento dada a Fabiano, referido por “paisano”, também remete à ordem de discurso institucional, ligada aos jargões próprios de autoridades policiais ou militares. O termo interdiscursivo faz alusão àqueles que não estão fardados, os civis, e simboliza o

absolutismo dos militares, que tinham por hábito a inibição de cidadãos comuns, sob a falsa égide da manutenção da ordem e da lei.

Fabiano, diante disso, decide seguir em frente, de volta para casa, entretanto, enquanto caminha pela caatinga, é abordado novamente pelo soldado, que o empurra uma primeira vez. Por estar bêbado e preocupado com as explicações que daria em casa por causa do dinheiro perdido e pela encomenda incompleta, o sertanejo ignora o empurrão e continua a caminhar, mas é novamente empurrado pelo soldado, que o provoca dizendo não ter gostado do fato de Fabiano ter saído sem se despedir. Fabiano, então, desabafa:

(34) – Vossemecê não tem direito de provocar os que estão quietos.

- Desafasta, bradou o polícia. (p. 30)

[...]

- Lorota, gaguejou o matuto. Eu tenho culpa de vossemecê esbagaçar os seus possuídos no jogo? (p. 31)

Nessa passagem, Fabiano cria alguma coragem e tenta argumentar com a autoridade. O narrador salienta que na caatinga Fabiano se sentia mais seguro, mas, na “rua”, ele se encolhia.

O soldado novamente usa de sua autoridade, numa ordem direta, e tem como réplica a atitude insegura do sertanejo, que responde, revelando sua fragilidade. A resposta de Fabiano não é aceita pelo amarelo e este resolve, então, pisar-lhe o pé. Diante disso, Fabiano declara:

(35) – Isso não se faz, moço, protestou Fabiano. Estou quieto. Veja que mole e quente é pé de gente. (p. 31)

A resposta ainda é vista como ameaça à figura do “amarelo”. O sertanejo faz uso de uma frase feita, que, como dissemos, é tipicamente utilizada quando os recursos linguísticos são

escassos, mas o soldado, ofendido, volta a pisar-lhe o pé. Fabiano, então, – conta o narrador – ofende a mãe do policial, que, vitorioso na atitude provocativa, soa o apito, ordenando a prisão do sertanejo e sua marcha até o confinamento.

Na primeira das interlocuções a seguir, o soldado demonstra seu autoritarismo, e, na seguinte, seu desprezo, ao acusar Fabiano de coisas “novas” das quais o sertanejo não conseguia se defender:

(36) - Toca pra frente, berrou o cabo.

[...]

- Está certo, disse o cabo. Faça lombo, paisano. (p. 31) (Grifos nossos).

Com o sentimento de derrota e injustiça iminentes, Fabiano é preso. Agora não mais reluta, não mais responde. Inaudível, resmunga:

(37) - Safado, mofino, escarro de gente. (p. 32)

Envolto em pensamentos de tristeza, derrota, injustiça, cheio de incertezas, questionamentos – sentimentos que só poderiam ser explicados pelo narrador, que ora narrava os fatos, ora “penetrava” nos pensamentos de Fabiano –, o injustiçado ainda consola outros presos:

(38) - “Tenha paciência. Apanhar do governo não é desfeita.” (p. 33)

A asserção de Fabiano revela o respeito e a confiança que ele deposita nas figuras que representam o Estado, naqueles que são do governo. Mas o narrador salienta que Fabiano ainda

tinha dúvidas acerca da legitimidade dos atos do soldado porque em seu entendimento, o governo não errava, mas o soldado tinha errado com ele. Nervoso, chuta, pragueja, chamando a atenção do carcereiro, que se aproxima da cela. Fabiano, humildemente, disfarça:

(39) – Bem, bem. Não há nada não. (p. 33)

Assim, o autor consegue descortinar um olhar crítico com referência, particularmente, à miséria e às relações de poder e submissão naquele espaço. É o caso do “soldado amarelo”, que assume na obra o perfil do homem injusto, violento, opressor, arrogante, que “espanca as criaturas inofensivas”, como fez com Fabiano, que foi insultado, levado à prisão e arbitrariamente surrado com uma “lâmina de facão” nas “trevas do cárcere”.

O leitor é levado à reflexão, por meio do discurso indireto livre, ao mergulhar nos pensamentos de Fabiano (que também poderiam ser o pensamento do próprio narrador-autor). Envolto em suas dores e revoltas, Fabiano questiona:

(40) [...] Por que tinham feito aquilo? Era o que não podia saber. Pessoa de bons costumes, sim senhor, que nunca fora preso. De repente, um fuzuê sem motivo. (p. 31)

Fabiano considerava o “amarelo” como uma “autoridade”, um representante “dos homens que mandavam”, por isso, “não se defendeu”, “obedecia”, julgou melhor ter “paciência”, afinal, para ele, “apanhar do Governo não é desfeita”.

Entretanto, não obstante as atitudes de subserviência do vaqueiro, em seus pensamentos alinhavam-se diversas astúcias que o ajudariam a vencer aquela “criatura desgraçada”, “safada, mofina, escarro de gente”.

A exposição da situação de caos social que marginaliza Fabiano devido à falta de linguagem e à exploração a que é submetido – configurando o quadro das injustiças e compondo o *ethos* deste como vitimado – fica evidente em várias passagens:

- (41) Então mete-se um homem na cadeia porque ele não sabe falar direito? Que mal fazia a brutalidade dele? Vivia trabalhando como um escravo [...]; (p. 35)
- (42) [...] Nunca vira uma escola. Por isso não conseguia defender-se, botar as coisas nos seus lugares. (p. 35). (Grifos nossos).

O episódio da prisão soa como fatalidade: não sendo Fabiano dono da própria linguagem, que lhe é subtraída pela condição social, não pode se defender. Ainda que tente, imitando seu Tomás da bolandeira, não consegue concatenar ideias e palavras. As palavras do narrador ao descrever os sentimentos de Fabiano revelam a busca de uma explicação e um lamento desesperado diante da marginalização do homem sertanejo, daquele de quem era tirado o legítimo direito de viver em sua terra por meio da negação do acesso ao conhecimento básico, da exploração do trabalho escravo, do abandono diante das adversidades naturais – como era o caso da seca, conforme relatamos na seção destinada à história das secas.

Mesmo diante da opressão latente, Fabiano se mostra resignado. Em franca correlação entre vida e arte, sabemos que o próprio Graciliano Ramos tinha grande “respeito” pelo governo, já que, ao ser preso, não fugiu, não praguejou: seguiu resignado, acompanhando o policial que, a seu ver, estava cumprindo apenas ordens. A atitude do autor, refletida em seu personagem, traz novamente à tona questões de cunho ideológico, controladas por meio de hegemonias “modeladoras” de comportamentos subservientes e submissos.

Ainda nesse ínterim, podemos afirmar, a respeito do comportamento passivo de Fabiano, que a coexistência do *ethos* social de autor e personagem justifica a denúncia velada, já que a voz que revela a opressão é trazida pelo narrador onisciente.

No mesmo capítulo, *Cadeia*, o discurso revelador de injustiças aparece na indignação contra a instituição “Estado”, que deveria ser a protetora e não o grande algoz da opressão:

- (43) E, por mais que forcejasse, não se convencia de que o soldado amarelo fosse governo. Governo, coisa distante e perfeita, não podia errar. O soldado amarelo estava ali perto, além da grade, era fraco e ruim, jogava na esteira com os matutos e provocava os depois. O governo não devia consentir tão grande safadeza. (p. 33)

Ao mesmo tempo indignado e ingênuo: assim é o pensamento de Fabiano.

A ordem de discurso imperante no Brasil de então encaminhava-se para a construção idealizada de um Estado forte e perfeito, que, “em nome da pátria”, poderia conduzir a sociedade à ordem por meio da força. Mesmo em sua simplicidade, Fabiano forma em sua mente a imagem de um Estado perfeito. A sagacidade de Graciliano, entretanto, é revelada nas palavras que vão ao encontro daquilo que era esperado em termos de visão do governo, já que inseriam e destacavam a dor do sertanejo injustiçado não pelo governo, que era “perfeito”, mas sim por um soldado, pois Fabiano “não se convencia de que o soldado amarelo fosse governo”.

Outro episódio de destaque em termos de opressão é aquele narrado em *Contas*. O cerne do capítulo está na divergência entre aquilo que Fabiano deveria receber do dono da fazenda em que estava instalado desde a última fuga da seca e o que recebia de fato – um valor inferior. Fabiano deveria receber pelo trato com as terras da fazenda e pela criação dos animais. De acordo com o combinado, a cada quatro bezerros nascidos, um deles deveria ser dado ao vaqueiro. Em relação aos caprinos, a proporção era de que ganhasse um a cada três nascimentos. Como não tinha roça, cultivava pouco, precisando vender os animais constantemente para comprar comida ou ainda pegar dinheiro emprestado. Quando chegava o momento da partilha, geralmente não tinha quase nada a receber.

O cálculo dos valores a serem recebidos era feito por Sinha Vitória, que, apesar de não ser letrada ou sequer saber usar lápis, fazia suas contas usando sementes. O valor recebido,

entretanto, sempre era inferior àquele calculado por ela, e, quando o sertanejo reclamava, a explicação era sempre a de que a diferença era proveniente dos juros.

No capítulo *Contas*, Sinha Vitória convence Fabiano de que as contas do patrão estão erradas, e o vaqueiro, por sua vez, resolve perguntar ao patrão se não havia erro:

- (44) Com certeza havia erro no papel do branco. Não se descobriu o erro, e Fabiano perdeu os estribos. Passar a vida inteira assim no toco, entregando o que era dele de mão beijada! Estava direito aquilo? Trabalhar como negro e nunca arranjar carta de alforria!
- (45) O patrão zangou-se, repeliu a insolência, achou bom que o vaqueiro fosse procurar serviço noutra fazenda.
- (46) Aí Fabiano baixou a pancada e amunhecou. Bem, bem. Não era preciso barulho não. Se havia dito palavra à toa, pedia desculpa. Era bruto, não fora ensinado. Atrevimento não tinha, conhecia o seu lugar. Um cabra. Ia lá puxar questão com gente rica? Bruto, sim senhor, mas sabia respeitar os homens. Devia ser ignorância da mulher. Até estranhara as contas dela. Enfim, como não sabia ler (um bruto, sim senhor), acreditara na sua velha. Mas pedia desculpa e jurava não cair noutra. (p. 94)

O *ethos* social de Fabiano é novamente projetado como o de um ser submisso e conformado com sua condição inferior, apesar do sentimento de injustiça. Por meio das palavras do narrador, Graciliano exterioriza o sentimento de indignação e ao mesmo tempo denuncia a resignação obrigatória a que eram submetidos os pobres e miseráveis naqueles sertões.

- (47) [...] Sentou-se numa calçada, tirou do bolso o dinheiro, examinou-o, procurando adivinhar quanto lhe tinham furtado. Não podia dizer em voz alta que aquilo era um furto, mas era. Tomavam-lhe o gado quase de graça e ainda inventavam juro. Que juro! O que havia era safadeza.
- (48) - Ladroeira.
- (49) Nem lhe permitiam queixas. Porque reclamara, achara a coisa uma exorbitância, o branco se levantara furioso, com quatro pedras na mão. Para que tanto espalhafato?
- Hum! hum! (p. 95)

Novamente se fundem o pensamento de narrador e personagem: Fabiano fica indignado, lamenta, se enfurece, e seus sentimentos são externados nas palavras do narrador, já que o vaqueiro não conseguiria articular todo seu sentimento de opressão em palavras. Ao pobre homem restava concordar, conforme expresso na interjeição “hum! hum!”. O último trecho acima (fragmento 49) também revela um importante traço característico do *ethos* de Fabiano: sua passividade. O sertanejo demonstra não gostar de embates, o que seria confirmado adiante, quando do encontro com o fiscal da prefeitura e na ocasião do reencontro com o soldado amarelo.

Ainda nesse capítulo, surge a lembrança do episódio ocorrido anos antes, quando Fabiano vai vender um porco retalhado nos arredores da vila – morto antes do tempo por conta da urgência em ganhar algum dinheiro – e descobre que precisava pagar imposto ao governo, governo este representado pela figura austera do fiscal da prefeitura:

(50) [...] O agente se aborrecera, insultara-o, e Fabiano se encolhera. Bem, bem. Deus o livrasse de história com o governo. Julgava que podia dispor dos seus troços. Não entendia de imposto.

— Um bruto, está percebendo?

Supunha que o cevado era dele. Agora se a prefeitura tinha uma parte, estava acabado. Pois ia voltar para casa e comer a carne. Podia comer a carne? Podia ou não podia? O funcionário batera o pé agastado e Fabiano se desculpara, o chapéu de couro na mão, o espinhaço curvo:

— Quem foi que disse que eu queria brigar? O melhor é a gente acabar com isso.

Despedira-se, metera a carne no saco e fora vendê-la noutra rua, escondido. Mas, atracado pelo cobrador, gemera no imposto e na multa. Daquele dia em diante não criara mais porcos. Era perigoso criá-los. (p. 96)

O trecho supracitado revela pontos importantes a serem observados: quando aparece, em discurso direto, o trecho “um bruto, está percebendo?”, podemos tanto atribuir essa voz a Fabiano, em resposta ao funcionário da prefeitura, quanto ao próprio narrador, que busca a

interação e a concordância do leitor diante da ignorância do vaqueiro. Dessa forma, o narrador reafirma a visão que tantas vezes aparece no romance: Fabiano é e se considera um bruto, um ser primitivo, animalizado, rústico, que desconhece as regras da sociedade, uma vez que está excluído dela.

Por meio da fala seguinte de Fabiano, “— Quem foi que disse que eu queria brigar? O melhor é a gente acabar com isso.”, podemos deduzir que o vaqueiro, mais uma vez, tem noção de seu “lugar”, ou melhor, de sua falta de “lugar” na sociedade. Ele não quer brigar. Não quer e não pode brigar com o “governo”, porque não tem subsídios para isso.

Parece-nos que o próprio fato de estar vivo representa um perigo para Fabiano: todo o seu entorno é ameaçador e todos, exceto a própria família por quem era responsável, parecem colaborar para sua destruição. Ir à cidade, tentar vender uns pedaços de carne, receber do patrão pelos serviços prestados e até mesmo ir a uma festa, como veremos adiante, oferecem ameaça e conferem sofrimento, angústia e indignação na vida do pobre homem.

A culminância das diferenças sociais existentes entre os personagens da caatinga e da cidade se dá no capítulo *Festa* em que, por meio da comparação, Graciliano apresenta os sentimentos de inferioridade intrínsecos aos personagens da caatinga diante dos personagens citadinos:

- (51) Fabiano, apertado na roupa de brim branco feita por Sinha Terta, com chapéu de baeta, colarinho, gravata, botinas de vaqueta e elástico, procurava erguer o espinhaço, o que ordinariamente não fazia. Sinhá vitória, enfronhada no vestido vermelho de ramagens, equilibrava-se mal nos sapatos de salto enorme. (p. 71). (Grifos nossos)

O excerto apresenta o sentimento de inferioridade do homem nordestino que, para tentar ser aceito no meio social, se veste à moda citadina e acaba parecendo mais uma caricatura dos homens da cidade. Além das roupas, a linguagem e os modos advindos da boa educação também seriam fundamentais para a inserção do sertanejo em um meio social de maior prestígio. Todavia, essa composição não parecia possível em um cenário de exploração, reflexo das práticas dos setores mais altos da sociedade e de um Estado interessado na manutenção do poder por meio de um Capitalismo excludente e opressor.

A falta de recursos financeiros e a desconfiança de que a costureira (Sinha Terta) lhe roubaria parte do tecido comprado fazem com que Fabiano compre o tecido em menor quantidade, atitude que deixa as roupas curtas e remendadas, descaracterizando ainda mais a família. A desconfiança de Fabiano é produto do fato de estar “acostumado” a ser explorado, roubado, injustiçado. Além disso, a limpeza e o cuidado com as vestes também seriam fundamentais para que o personagem se tornasse parte da sociedade, o que na prática não acontece:

- (52) As mão sujas, suadas, deixaram no colarinho manchas escuras [...] (p. 73);
- (53) Os meninos também se espantavam. No mundo, subitamente alargado, viam Fabiano e sinhá vitória muito reduzidos, menores que as figuras dos altares. Não conheciam altares, mas presumiam que aqueles objetos deviam ser precisos. (p. 74). (Grifos nossos)

O sentimento de opressão e submissão diante das mazelas vividas por Fabiano e sua família é muito grande, como se observa nos trechos a seguir:

- (54) Fabiano estava silencioso, olhando as imagens e as velas acesas, constrangido na roupa nova, o pescoço esticado, pisando em brasas. A multidão apertava-o mais que a roupa embaraçava-o [...] (p. 75);
- (55) Comparando-se aos tipos da cidade, Fabiano reconhecia-se inferior. Por isso desconfiava que os outros mangavam dele [...] (p. 76);
- (56) [...] Não se arriscaria a prejudicar a tradição, embora sofresse com ela. Supunha cumprir um dever, tentava aprumar-se. Mas a disposição esmorecia: o espinhaço vergava naturalmente, os braços mexiam-se desengonçados. (p. 76). (grifos nossos)

A oposição de ideias entre a opressão e a libertação do personagem Fabiano em relação aos homens da cidade se dá quando ele toma aguardente – bebida muito popular no sertão e acessível a todos – e só então se enche de coragem:

- (57) Estimulado pela cachaça, fortalecia-se: - Cadê o valente? Quem é que tem coragem de dizer que eu sou feio? Apareça um homem. [...] (p. 78). (Grifos nossos).

O ápice da “libertação” do personagem em relação à opressão que sente durante toda a comemoração de Natal acontece no seguinte trecho:

- (58) [...] Agora estava pesado e com sono. Enquanto andava fazendo espalhafato, a cabeça cheia de aguardente, desprezara as esfoladuras dos pés. Mas esfriava, e as botinas de vaqueta magoavam-no em demasia. Arrancou-as, tirou as meias, libertou-se do colarinho, da gravata e do paletó, enrolou tudo, fez um travesseiro, estirou-se no cimento, puxou para os olhos o chapéu de baeta. E adormeceu, com o estômago embrulhado. (p. 80) (Grifos nossos)

E apenas envolto em pensamentos “traduzidos” por meio do narrador é que Fabiano externa seus anseios, suas revoltas:

- (59) Se pudesse mudar, gritaria bem alto que o roubavam. Aparentemente resignado, sentia um ódio imenso a qualquer coisa que era ao mesmo tempo a campina seca, o patrão, os soldados e os agentes da prefeitura. Tudo na verdade era contra ele. Estava acostumado, tinha a casca muito grossa, mas às vezes se arreliava. Não havia paciência que suportasse tanta coisa. (p. 97). (Grifos nossos).

Pelas práticas culturais de interação dos indivíduos entre si, é possível observar como se edifica a obra de Graciliano Ramos, espiralando-se a partir de um imaginário social construtor de uma identidade social para o sertanejo, como aquele que é vitimado e oprimido como ser social.

Nas descrições sobre o comportamento de Fabiano, no capítulo *Soldado Amarelo*, pode ser visto outro grande expoente da criação do *ethos* social do sertanejo como oprimido e injustiçado: tempos passados após o episódio da controversa prisão de Fabiano, o vaqueiro

reencontra o soldado na caatinga – seu território – e tem a chance real de vingar-se da prisão e da surra arbitrárias.

O policial, que aparentemente está perdido na caatinga, revela sua fragilidade física e, por não estar em cenário citadino, não conta com a mesma força de autoridade que obteve anteriormente:

- (60) [...] O soldado, magrinho, enfezadinho, tremia. E Fabiano tinha vontade de levantar o facão de novo. Tinha vontade, mas os músculos afrouxavam [...] (p. 102)

Diante da possibilidade da vingança contra o amarelo, Fabiano se lembra de como havia sido injustiçado e, em fração de segundo, sonha em como daria o troco. O gesto brusco com o braço que tentava desenroscar um objeto que trazia consigo nas mãos, se prolongado, fatalmente atingiria o soldado, mas quase instintivamente o movimento é interrompido:

- (61) Tinha medo e repetia que estava em perigo, mas isto lhe pareceu tão absurdo que se pôs a rir. Medo daquilo? Nunca vira uma pessoa tremer assim. Cachorro. Ele não era dunga na cidade? Não pisava os pés dos matutos, na feira? Não botava gente na cadeia? Sem-vergonha, mofino. Irritou-se. Porque seria que aquele safado batia os dentes como um caititu? Não via que ele era incapaz de vingar-se? Não via? Fechou a cara. A ideia do perigo ia-se sumindo. Que perigo? Contra aquilo nem precisava facão, bastavam as unhas. Agitando os chocalhos e os látégos, chegou a mão esquerda, grossa e cabeluda, a cara do policia, que recuou e se encostou a uma catingueira. Se não fosse a catingueira, o infeliz teria caído.

Fabiano pregou nele os olhos ensanguentados, meteu o facão na bainha. Podia mata-lo com as unhas. Lembrou-se da surra que levava e da noite passada na cadeia. Sim senhor. Aquilo ganhava dinheiro para maltratar as criaturas inofensivas. Estava certo? O rosto de Fabiano contraia-se, medonho, mais feio que um focinho. Hem? Estava certo? Bulir com as pessoas que não fazem mal a ninguém.

Permeando por pensamentos de indignação e desejo de vingança, o vaqueiro titubeia em seus sentimentos indecisos. Há uma dicotomia que simultaneamente o enseja à vingança e o faz temer frente à autoridade do amarelo.

Quando Fabiano é inquirido pelo inseguro soldado sobre a direção que deveria tomar para rumar novamente à cidade, sua reação e resposta revelam novamente a opressão da qual é vítima. É a submissão e a manutenção do “pequeno poder”, modelado pelo “grande poder”, que garante a hegemonia do domínio social de uma classe sobre a outra e ainda revela o próprio “tom” do momento do Estado getulista, que buscava a manutenção da ordem por meio da repressão a todo aquele que deixasse de reconhecer a autoridade dos órgãos do Estado maior:

(62) Afastou-se, inquieto. Vendo-o acanalhado e ordeiro, o soldado ganhou coragem, avançou, pisou firme, perguntou o caminho. E Fabiano tirou o chapéu de couro.

- Governo e governo.

Tirou o chapéu de couro, curvou-se e ensinou o caminho ao soldado amarelo.
(p. 107)

Em todas as passagens até agora analisadas, embora o sertanejo demonstre obediência, passividade, respeito e subserviência em relação ao soldado amarelo, ao cobrador de impostos da Prefeitura e ao patrão, na prática, em seus pensamentos, ele expressa toda a sua indignação diante daquelas atitudes arbitrárias e violentas. Essa indignação, mais tarde, configurar-se-á na astuta decisão de fuga da família, em busca de outras cartografias.

Fabiano, apesar dos ímpetos internos de violência e vingança, não é capaz de externar seus desejos em atos criminosos. No início da narrativa, tem vontade de abandonar o filho mais velho, que, exausto, se recusa a continuar a marcha, entretanto, se compadece e decide carregar o menino, evidenciando sua capacidade de apiedar-se mesmo diante da brutalização que o domina:

(63) [...] O menino mais velho pôs-se a chorar, sentou-se no chão.

- Anda, condenado do diabo, gritou-lhe o pai.

Não obtendo resultado, fustigou-o com a bainha da ponta da faca.

[...]

O pirralho não se mexeu, e Fabiano desejou matá-lo. Tinha o coração grosso, queria responsabilizar alguém pela sua desgraça. [...]

Pelo espírito atribulado do sertanejo passou a ideia de abandonar o filho naquele descampado. [...] Fabiano meteu a faca na bainha, guardou-a no cinturão, acocorou-se, pegou no pulso do menino, que se encolhia, os joelhos encostados ao estômago, frio como um defunto. Aí a cólera desapareceu e Fabiano teve pena. Impossível abandonar o anjinho aos bichos do mato. [...] (p. 9-11).

Diante dessa passagem em torno de Fabiano, poderíamos já supor que ele não realizaria a vingança contra o soldado amarelo – quando do reencontro dos dois, no meio da caatinga –, sem dúvida, por causa da habitual subserviência à qual estava acostumado e do respeito à figura que representava o governo (numa clara demonstração de crítica social feita por Graciliano), mas também por ser uma criatura “inofensiva” (nas palavras do narrador, p. 103), mesmo sendo fisicamente superior ao policial.

Tanto no primeiro encontro com o soldado, quanto no reencontro, diante do fiscal da prefeitura e do patrão, Fabiano reconhece a situação de injustiça da qual é vítima. As projeções de *ethos* acerca de seu grau de “brutalidade” não ocorrem para desmerecê-lo, mas para reafirmar sua condição de integrado a seu meio, o que não o impede de reconhecer a opressão que o cerceia. O que lhe falta é um tipo específico de saber, um saber que possibilite viver naquele meio específico, fundamentado naqueles tipos de relações sociais injustas que o cercam.

Ainda que o grau de opressão presente seja grande, a ponto de impedir o sertanejo de lutar e buscar combater seu “opressor”, Fabiano, Sinha Vitória, os meninos inominados e a cachorra Baleia não deixam de sonhar, respectivamente, com uma vida melhor para a família, com uma cama de couro como a de seu Tomás da Bolandeira, com a força e vitalidade do pai (reconhecidas pelo menino mais novo), com o conhecimento de palavras obscuras (como

desejava o menino mais velho) ou até com um mundo cheio de preás, conforme o sonho de Baleia.

O advento da migração dos sertanejos é a última esperança diante daquela realidade insuportável: os oprimidos seriam conduzidos pelo sonho de uma vida melhor, pela esperança de se sentirem gente, de não mais serem “coisas”. Deixariam seu chão e com ele todas as tristezas e absurdos ali vividos:

- (64) [...] Chegariam a uma terra distante, esqueceriam a catinga onde havia montes baixos, cascalhos, rios secos, espinho, urubus, bichos morrendo, gente morrendo. Não voltariam nunca mais, resistiriam a saudade que ataca os sertanejos na mata. Então eles eram bois para morrer tristes por falta de espinhos? Fixar-se-iam muito longe, adotariam costumes diferentes.

Fabiano ouviu os sonhos da mulher, deslumbrado, relaxou os músculos, e o saco da comida escorregou-lhe no ombro. Aprumou-se, deu um puxão a carga. A conversa de Sinha Vitoria servira muito: haviam caminhado léguas quase sem sentir. De repente veio a fraqueza. Devia ser fome [...]. (p. 123-124)

- (65) [...] As palavras de Sinha Vitoria encantavam-no. Iriam para diante, alcançariam uma terra desconhecida. Fabiano estava contente e acreditava nessa terra, porque não sabia como ela era nem onde era. Repetia docilmente as palavras de Sinha Vitoria, as palavras que Sinha Vitoria murmurava porque tinha confiança nele. E andavam para o sul, metidos naquele sonho. Uma cidade grande, cheia de pessoas fortes. Os meninos em escolas, aprendendo coisas difíceis e necessárias. Eles dois velhinhos, acabando-se como uns cachorros, inúteis, acabando-se como Baleia. Que iriam fazer? Retardaram-se, temerosos. Chegariam a uma terra desconhecida e civilizada, ficariam presos nela. E o sertão continuaria a mandar gente para lá. O sertão mandaria para a cidade homens fortes, brutos, como Fabiano, Sinha Vitoria e os dois meninos. (p. 127-128)

A fuga, portanto, parece-nos um recurso inevitável. A família já não encontra outro meio de manter a sobrevivência – tanto física quanto moral –, senão na tentativa da busca por outras cartografias.

Os sertanejos sofrem todas as consequências do descaso social, inclusive no nível do conhecimento letrado, e isso os torna embrutecidos, tanto no sentido afetivo, como no sentido social ou intelectual. Segundo a psicanalista Miriam Debieux Rosa, mais do que pelo desamparo social, é pelo desamparo discursivo que os indivíduos ficam mais sujeitos àquilo “que Pierre

Bourdieu descreve como *violência simbólica*, que perpetua e submete os sujeitos ao discurso social dominante, promovendo sua adesão aos fundamentos da organização social que lhes atribui lugares marginais” (ROSA, 2002, p. 1).

Assim, parece-nos projetado o *ethos* discursivo do sujeito Fabiano enquanto homem sertanejo em sua dimensão social: numa tensão entre o conformismo e a violência latentes, Fabiano representa o brasileiro vitimado por um sistema social que historicamente marginalizou e manteve indivíduos presos a situações excludentes, negando-lhes acesso até mesmo à linguagem, linguagem esta vista sob o prisma de intermediária na manutenção de práticas políticas e sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Nunca pude sair de mim mesmo. Só posso escrever o que sou. E se os personagens se comportarem de modos diferentes, é porque não sou um só. Em determinadas condições, procederia como esta ou aquela das minhas personagens. Se fosse analfabeto, por exemplo, seria tal qual Fabiano...”

Graciliano Ramos

Ao retomarmos os temas norteadores dessa pesquisa, voltados à observação da realidade social retratada na obra *Vidas Secas* e dos indícios de opressão contra o sertanejo, trazidas em nível discursivo, ratificamos a presença do discurso de elevado teor social, conforme verificamos ao longo de nossa análise.

A observação dos indícios de opressão retratados no romance e os relatos de cunho histórico acerca dos desajustes sociais praticados nos sertões nordestinos, devido a uma política pública que privilegiava as práticas coronelistas e latifundiárias, corroboraram para a confirmação da pressuposta opressão como prática social imperante.

Consideramos, ao longo de nosso estudo, *Vidas Secas* como documento histórico-linguístico do Modernismo brasileiro regional de 30. Realizamos o percurso narrativo do romance buscando evidenciar como a construção discursiva retratava práticas sociais ou, em outras palavras, buscamos os traços de uma realidade histórico-social reveladora do controle autocrático ocorrido durante o “tirano” governo getulista.

Nossa análise linguístico-discursiva corroborou para a constatação da opressão contra o sertanejo por meio da observação do discurso e de traços históricos que relatassem as injustiças sociais predominantes nos espaços sertanejos. Assim, podemos afirmar que o romance apresenta a problemática política de domínio e controle que gerou a calamitosa miséria social que vitimou a tantos nordestinos sertanejos.

Ao conhecermos o alto grau de comprometimento social de Graciliano Ramos – que escreveu o romance na tumultuada década de 30, quando o cenário político e cultural brasileiro era marcando por efervescências políticas, revoluções e contestações, somados à franca expansão

do Sistema Capitalista, com o apoio de Vargas – confirmamos que seus ideais reformadores, de convicções comunistas, ficaram marcados em suas obras e em especial em *Vidas Secas*. A denúncia social presente, porém, era dosada na sutileza do desnudamento interior de Fabiano e família.

O pesquisador Hermenegildo Bastos (RAMOS, 2011) aponta para a fusão dos discursos de Graciliano/narrador em *Vidas Secas* como uma estratégia notadamente planejada de apontar suas convicções de que a transformação socialista seria o caminho para a superação de um mundo reificado. Tal estratégia teria sido concretizada na forma como o narrador conduziu o leitor à elaboração de juízos de valores sobre o mundo e sobre as relações sociais.

Esses apontamentos complementam nossa vertente de leitura crítica, observadora de interdiscursos configurados na materialidade linguística, e ratificam nossa análise sob o prisma de que a realidade social e a opressão trazidas no romance, caracterizaram fatores de ameaça à própria condição humana dos sertanejos: forças ideológicas de poder e domínio particularizaram a condição do sertanejo, marginalizando-o.

Vinculando nosso relato histórico sobre as secas às informações construídas por Graciliano no interior do discurso do romance, podemos refletir sobre o êxodo do nordestino em direção ao Sudeste do país sob o ponto de vista da não determinidade climática como propulsora da migração, mas sim como parte de uma política que, além de injusta, passou a utilizar-se do fenômeno natural da seca como valioso instrumento para a obtenção de verbas em nome dos “flagelados”. Tais arranjos sociais e políticos ficaram conhecidos na posteridade, conforme vimos, como “indústria das secas”.

Assim, a seca serviu como argumento através do qual o Estado getulista manteve seu domínio, alardeando investimentos nas chamadas “obras contra as secas”, o que contribuía para a manutenção de uma visão que se tornou hegemônica, sobre a representação de Getúlio Vargas como o “pai dos pobres”.

Isto posto, confirmamos a ideia já apresentada de que não era meramente em decorrência das prolongadas secas do sertão que Fabiano e família – enquanto representante da esfera sertaneja – estavam desajustadas em suas vidas. Razões que vinculavam aspectos naturais a

fatores culturais, sociais, políticos e relações de poder e trabalho, tornaram aqueles “vivos”, hóspedes em suas próprias terras, levando-os, comumente, ao êxodo e à estigmatizada visão da seca como única causa dos flagelos sociais.

No decurso da análise, vimos que as maiores mazelas sociais ocorriam justamente no período de inverno, interstício entre as estiagens, ratificando nossos pressupostos de realidade social, opressão e, ainda, apontando para a compreensão da seca como fator agravante, mas não protagonista de misérias e fugas.

O fenômeno natural das secas permanece nos dias atuais. No ano de 2012, inclusive, o sertão vem sofrendo de uma seca considerada como uma das maiores dos últimos 30 anos, conforme reportagem publicada no website “UOL”, em 16/05/2012. Nesses sertões, tanto o êxodo em direção a cidades maiores ou capitais, quanto o endividamento e perda de patrimônio por parte de famílias de agricultores, continuam ocorrendo.

Ao longo da História, vimos que o interior sertanejo do país foi relegado ao esquecimento, o que nos parece continuar sendo uma realidade, em pleno século XXI. Com o advento de diversos estudos que comprovam que técnicas relativamente simples de manejo de animais, instalação de cisternas e programas de beneficiamento eficazes durante os períodos de estiagens, seriam suficientes para garantir alguma qualidade de vida aos sertanejos residentes. A raridade de tais práticas, entretanto, continua a vitimizar e oprimir aquela população.

A riqueza do romance *Vidas Secas* nos possibilitaria diversas outras leituras, sob diferentes prismas. Nosso estudo, portanto, não teve a pretensão de cessar estudos sobre o mesmo enfoque, o da realidade social, tampouco desconsidera outras possibilidades analíticas.

Sayeg-Siqueira e Ferreira (2010, p. 343) afirmam que “o discurso produz e lê o texto”. Nesse raciocínio, podemos afirmar que Graciliano produziu um discurso revelador de opressões sociais e nós, realizamos a leitura de seu texto sob o viés desse mesmo discurso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AB'SÁBER, Azis. *Os domínios da natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas*. São Paulo: 2003.

ABREU, Capistrano de. *Capítulos de história colonial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

AGUIAR, José Otávio / BURITI, Catarina de Oliveira. *Revisitando o semiárido: cenários de vidas e de sol*. Revista Territórios e Fronteira, V. II n.º2, 2009, p. 171-201.

ANDERSON, Perry. *Considerações sobre o marxismo ocidental – nas trilhas do materialismo histórico*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

ARISTÓTELES. Poética. In: *Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultura, 1973. Volume 4, p. 443-502.

AULETE, Caldas. *Dicionário Caldas Aulete on line*. Disponível em http://aulete.uol.com.br/site.php?mdl=aulete_digital.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

_____. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 10.^a edição. São Paulo, Hucitec, 2002.

BASTOS, Hermenegildo. Inferno, alpercata: trabalho e liberdade em Vidas secas. Posfácio. In: *Vidas Secas*. 115.^a ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.

BOSI, Alfredo. *Literatura e Resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

BROWN, Penelope / LEVINSON, Stephen. *Politeness. Some Universals in Language Use*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

CANDIDO, Antonio. Prefácio. In: MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

CASTIM, Fernando. *Graciliano Ramos: uma linguagem agreste em Vidas Secas*. Revista Symposium. Ano 4, n. 1, (p. 31-35) janeiro-junho 2000.

COELHO NETTO, José. *Semiótica, Informação e Comunicação*. São Paulo: Perspectiva, 1980.

COELHO, Jorge. *As secas do Nordeste e a indústria das secas*. Petrópolis, Vozes, 1985.

FAIRCLOUGH, Norman. *Language and Power*. New York: Longman, 1989.

_____. *Discurso e Mudança Social*. Brasília: UnB, 2001.

FAUSTO, Boris. *História Concisa do Brasil*. São Paulo: Edusp, 2006.

_____. *História do Brasil*. 13.^a ed. São Paulo: Edusp, 2009.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Minidicionário da Língua Portuguesa* / Aurélio Buarque de Holanda Ferreira; coordenação Marina Baird Ferreira, Margarida dos Anjos; equipe Elza Tavares Ferreira [et al]. 3.ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

FERREIRA, Luiz Antonio. *Leitura e persuasão: princípios de análise retórica*. São Paulo: Contexto, 2010.

FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Ática, 1993.

FOUCAULT, Michael. *A ordem do discurso*. Tradução de Sampaio, L.F.A. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

GIMENEZ, Erwin Torralbo. *Graciliano Ramos, uma poética da insignificância*. Estudos Avançados (USP impresso). V. 67, p. 231-250, 2009.

GOFFMAN, Erving. A elaboração da face: uma análise dos elementos rituais da interação social. In: FIGUEIRA, S. (Org.). *Psicanálise e Ciências sociais*. Tradução J. Russo. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980. p. 76-114. [1967].

HOUAISS, Antônio. *Minidicionário Houaiss da língua portuguesa*/[Antônio Houaiss e Mauro de Salles Villar; elaborado no instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa]. 4. ed. revista e aumentada. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

KOCH, Ingedore G. Villaça. *Introdução à linguística textual*. 2.^a ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

LE GOFF, Jacques. Documento/ Monumento. In: LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 4.^a ed. Campinas: Unicamp, 1996.

MAGALHÃES, Célia (org.). *Reflexões sobre a análise crítica do discurso*. Série Estudos Linguísticos volume 2. Faculdade de Letras: UFMG, 2001.

MALARD, Letícia. *Ensaio de literatura brasileira: ideologia e realidade em Graciliano Ramos*. Belo Horizonte: Editora Atalaia Limitada, 1972.

MARTINS, Marcos Lobato. História Regional. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Novos temas nas aulas de História*. Contexto: 2009, p. 135-152.

MELO, Iran Ferreira. *Análise do discurso e análise crítica do discurso: desdobramentos e intersecções*. Revista Letra Magna. Ano 05, n.º 11, 2009. ISSN 1807-5193.

MENDES, Francisco F. de Freitas. *Ponto de Fuga: tempo, fome, fala e poder em Vidas Secas e São Bernardo*. (Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Ceará, 2004).

MEYER, Michael. *A retórica*. São Paulo: Ática, 2007.

MORAES, Denis de. Graciliano, literatura e engajamento. 2006. In: *Gramsci e o Brasil*. Disponível em <http://www.acessa.com/gramsci/?page=visualizar&id=558>.

_____. *O velho graça: uma biografia de Graciliano Ramos*. 2.^a ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo, Editora brasiliense, 5.^a ed., 2006.

PEDRO, Emília (org.). *Análise crítica do discurso*. Lisboa: Caminho, 1997.

PEDROSA, Cleide Emília Faye. Análise crítica do discurso: uma proposta para a análise crítica da linguagem. In: Congresso Nacional de Linguística e Filologia IX. Tomo 2: *Filologia, Linguística e Ensino*. Rio de Janeiro, CiFEFil, 2005. Disponível em <http://www.filologia.org.br/ixcnlf/3/04.htm>

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Relação entre história e literatura e representação das identidades urbanas no Brasil (séculos XIX e XX)*. Revista Anos 90, Porto Alegre, n.º 04, p. 117, dezembro de 1995.

_____, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano*. 2.^a ed. Porto Alegre: Editora da Universidade UFRGS, 2002.

RAMOS, Graciliano. *Linhas Tortas*. São Paulo: Martins, 1962.

_____. *Vidas Secas: 70 anos*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

_____. *Vidas Secas*. 115.^a ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.

RESENDE, Viviane de Melo & RAMALHO, Viviane. *Análise de discurso crítica*. São Paulo: Contexto, 2006.

ROCHA NETO, João Coelho da. *A língua portuguesa no Brasil e os elementos históricos representativos da identidade do homem nordestino em Vidas Secas, de Graciliano Ramos*. (Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2008).

ROSA, Miriam Debieux. *Uma escuta psicanalítica das vidas secas*. Revista de Psicanálise TEXTURA, n. 2. Ano 2002.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1999.

SAYEG-SIQUEIRA, João Hilton ; CARDOSO-SILVA, E. ; DUARTE, Cleusa Andrade . *Ramos de Oliveira na aridez de Vidas Secas*. Cultura crí-ti-ca: revista cultural da APROPUC-SP, v. 8, p. 52-56, 2009.

SAYEG-SIQUEIRA, João Hilton; FERREIRA, Luiz Antonio. O discurso produz e lê o texto. In: *Língua Portuguesa: cultura e identidade nacional* / org. Neusa Barbosa Bastos. São Paulo: IP-PUC-SP; EDUC, 2010.

SCHAFF, Adam. *Introdução à semântica*. Coimbra: Almedina, 1968.

SCHWARCZ, Lilian Moritz. *O espetáculo das raças – cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870 – 1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SENNA, Homero. *Grandes entrevistas – Graciliano Ramos – República das Letras*. 3.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

TÍLIO, Rogério. *Revisitando a Análise crítica do discurso: um instrumental teórico – metodológico*. Revista e-Scrita (revista do curso de Letras da UNIABEU). Nilópolis, v. I, n.º2. Maio/ Agosto 2010. ISSN 2177-6288.

VILLA, Marco Antonio. *Vida e morte no sertão: a história das secas no Nordeste nos séculos XIX e XX*. 1.^a ed. São Paulo: Ática, 2001.

ANEXOS

1) Fotos com Graciliano Ramos²⁴:



Fachada do jornal Correio da Manhã, onde GR trabalhava. Rio de Janeiro, sem data



Comemoração dos 50 anos de GR no Restaurante Lido, Rio de Janeiro. 1942.



Detalhe da foto anterior mostrando apenas Lúcia Miguel Pereira, GR e Gustavo Capanema Rio de Janeiro, 1942



Na mesma ocasião, GR, Gustavo Capanema e Heloísa. Rio de Janeiro, 1942



Graciliano na Livraria José Olympio. Rio de Janeiro, 1942



Graciliano e Heloísa. Rio de Janeiro, 1944



Graciliano e Luís Carlos Prestes. Rio de Janeiro, 1945



GR na redação da Tribuna Popular, jornal do Partido Comunista. Rio de Janeiro, 1945



Clara e Luiza, filhas de Graciliano Rio de Janeiro, 1945



Portinari recebe de Luiz Carlos Prestes o carnet de membro do PCB, sob os aplausos de GR. Ao fundo, Aydano do Couto Ferraz, Dalcídio Jurandir, Pedro Motta Lima (diretor do jornal Tribuna Popular) e Álvaro Moreyra, 1946 Foto de Zélia Gattai



Na Livraria José Olympio Rio de Janeiro, 1947



Na Livraria José Olympio Rio de Janeiro, 1947



José Lins do Rego e GR na Livraria José Olympio Rio de Janeiro, 1947



Graciliano com as netas Vânia e Sandra Rio de Janeiro, 1948



Graciliano Rio de Janeiro, 1948

²⁴ Disponíveis em: http://www.graciliano.com.br/vida_album02.html



Graciliano e, na janela, Natália (nora) e Luiza (filha) Rio de Janeiro, 1948



Heloisa e Graciliano, na varanda do apartamento em Laranjeiras Rio de Janeiro, 1948



Graciliano Rio de Janeiro, 1948



Graciliano e o filho Ricardo Rio de Janeiro, 1948



Graciliano Rio de Janeiro, 1948



Graciliano com Murilo Rubião, 1949



Graciliano entre o jornalista Aydano do Couto Ferraz e o crítico de cinema Walter da Silveira Salvador, 1950



Graciliano no Congresso de Escritores, RS, 1951



Graciliano e Elizabeth (neta) Rio de Janeiro, 10/jul/1951



Chegada à União Soviética. Moscou, abr/1952



Detalhe da foto anterior, mostrando apenas Graciliano e Heloísa Moscou, abr/1952



Graciliano na União de Escritores Soviéticos Moscou, mai/1952



Graciliano e Heloísa com escritores georgianos Geórgia, URSS, mai/1952



Durante almoço em casa do advogado Letelba Rodrigues de Brito. Rio de Janeiro, 1952



Na mesma ocasião, Heloísa, Graciliano e Pablo Neruda. (Foto de Zélia Gattai) Rio de Janeiro, 1952



Graciliano Rio de Janeiro, 1952



Graciliano e a neta Elizabeth Rio de Janeiro, jan.1953



Graciliano Ramos Rio de Janeiro, jan.1953

2) Autorretrato de Graciliano Ramos²⁵:

Auto-retrato aos 56 anos

Nasceu em 1892, em Quebrangulo, Alagoas.

Casado duas vezes, tem sete filhos.

Altura 1,75.

Sapato n.º 41.

Colarinho n.º 39.

Prefere não andar.

Não gosta de vizinhos.

Detesta rádio, telefone e campainhas.

Tem horror às pessoas que falam alto.

Usa óculos. Meio calvo.

Não tem preferência por nenhuma comida.

Não gosta de frutas nem de doces.

Indiferente à música.

Sua leitura predileta: a Bíblia.

Escreveu "Caetés" com 34 anos de idade.

Não dá preferência a nenhum dos seus livros publicados.

Gosta de beber aguardente.

É ateu. Indiferente à Academia.

Odeia a burguesia. Adora crianças.

Romancistas brasileiros que mais lhe agradam: Manoel Antônio de Almeida, Machado de Assis, Jorge Amado, José Lins do Rego e Rachel de Queiroz.

Gosta de palavras escritas e falados.

Deseja a morte do capitalismo.

Escreveu seus livros pela manhã.

²⁵ Disponível em <http://www.graciliano.com.br/grporelemesmo.html>

Fuma cigarros "Selma" (três maços por dia).

É inspetor de ensino, trabalha no "Correio do Manhã".

Apesar de o acharem pessimista, discorda de tudo.

Só tem cinco ternos de roupa, estragados.

Refaz seus romances várias vezes.

Esteve preso duas vezes.

É-lhe indiferente estar preso ou solto.

Escreve à mão.

Seus maiores amigos: Capitão Lobo, Cubano, José Lins do Rego e José Olympio.

Tem poucas dívidas.

Quando prefeito de uma cidade do interior, soltava os presos para construírem estradas.

Espera morrer com 57 anos.